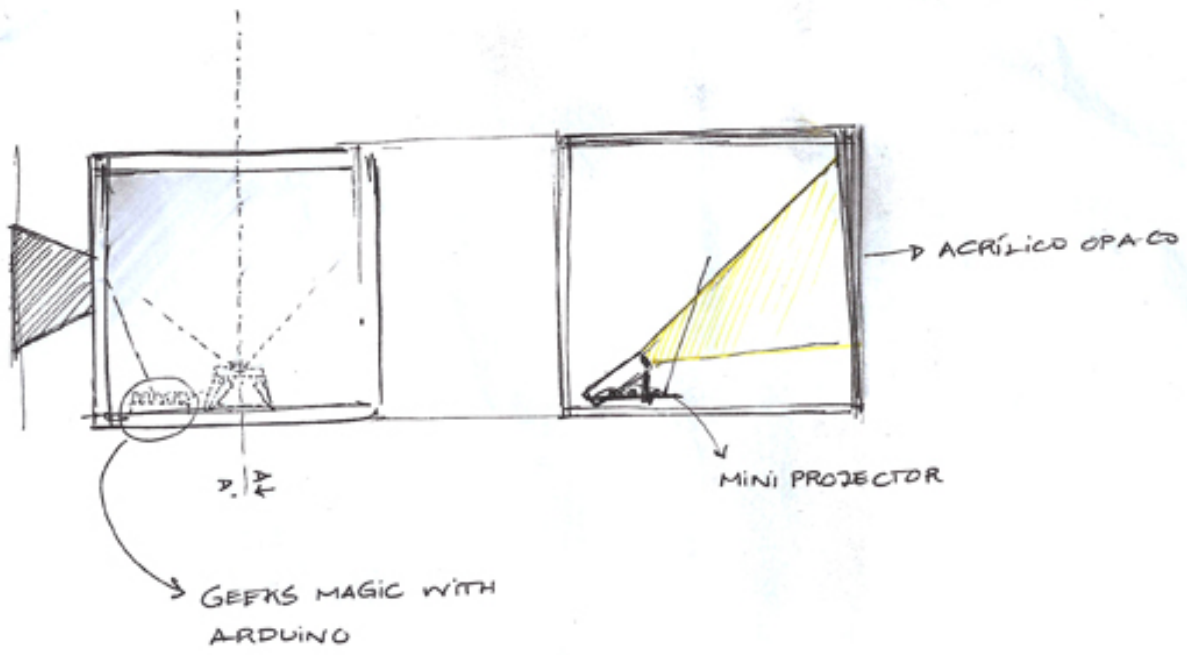
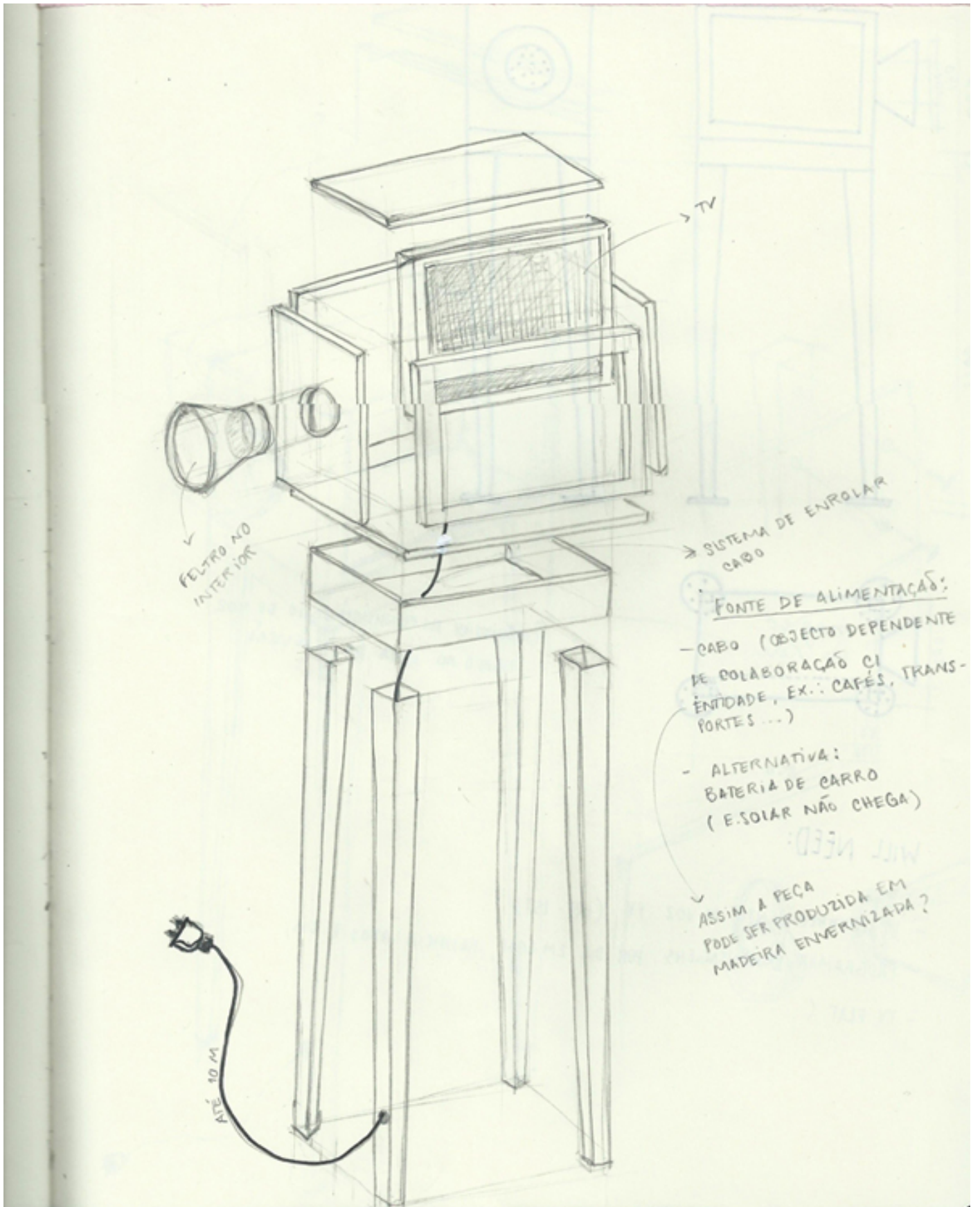


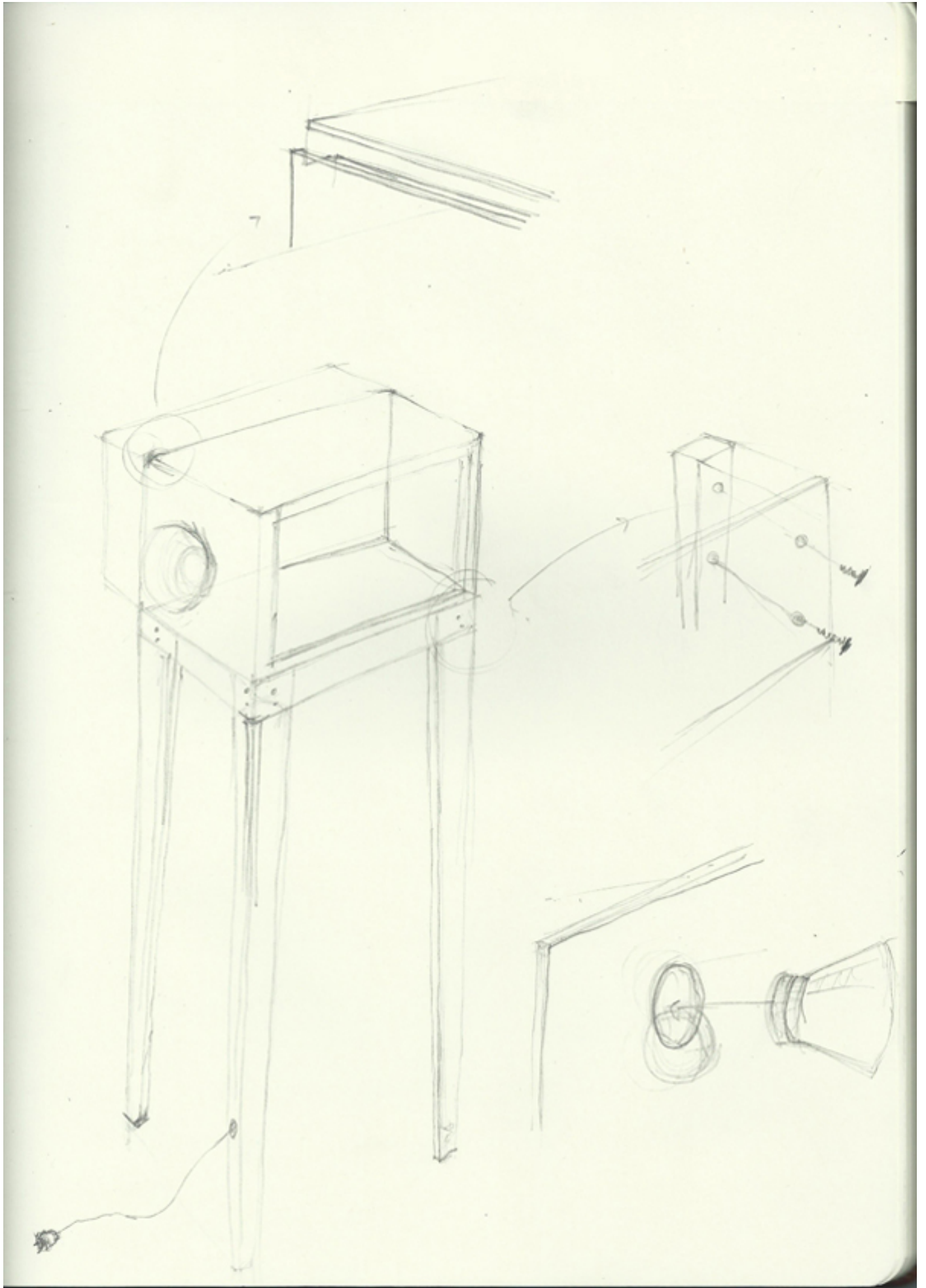
- OPÇÃO A: MICROFONE + CHIP (ARDUINO / RASPBERRY) + PROJECTOR
- OPÇÃO B: MICROFONE + MINI PC + PROJECTOR

TV VELHA NÃO AGUENTA ESTE TIPO DE TECNOLOGIA & TV NOVA É FACILMENTE REUBADA

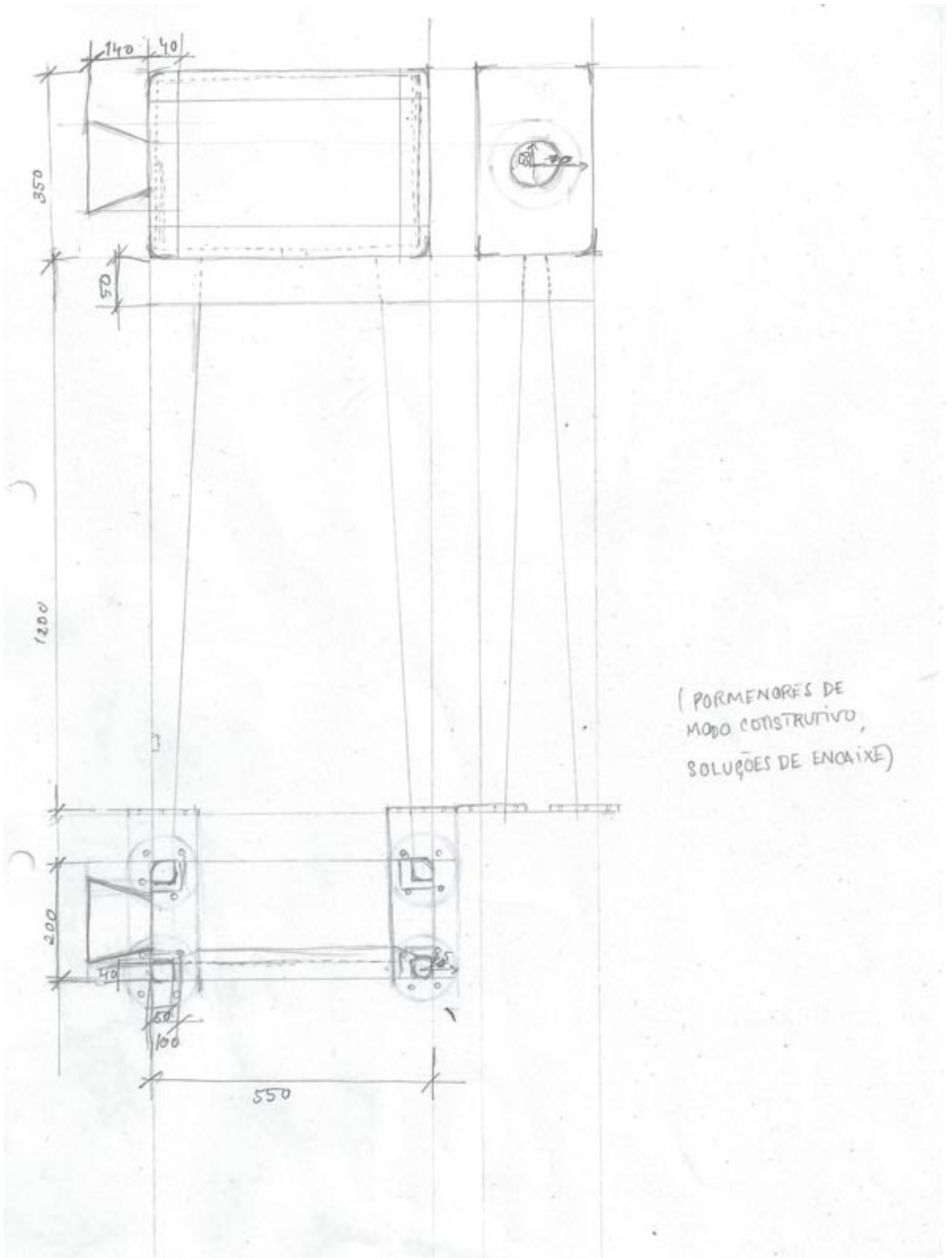




alcoviteiro\_3.jpg



alcoviteiro\_4.jpg



alcoviteiro\_5.jpg



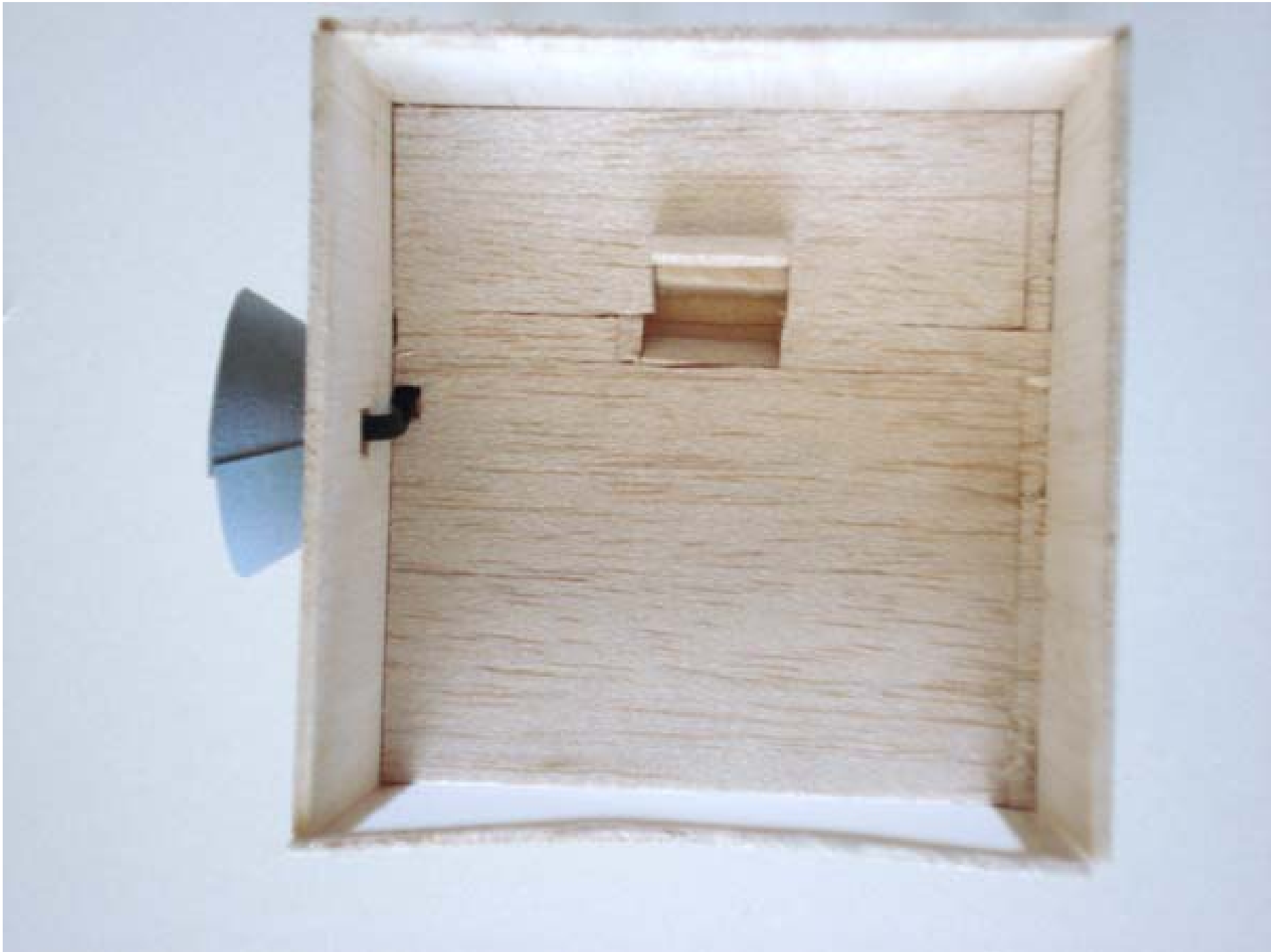
maquete\_balsa\_cartolina.JPG



maquete\_balsa\_cartolina (2).JPG



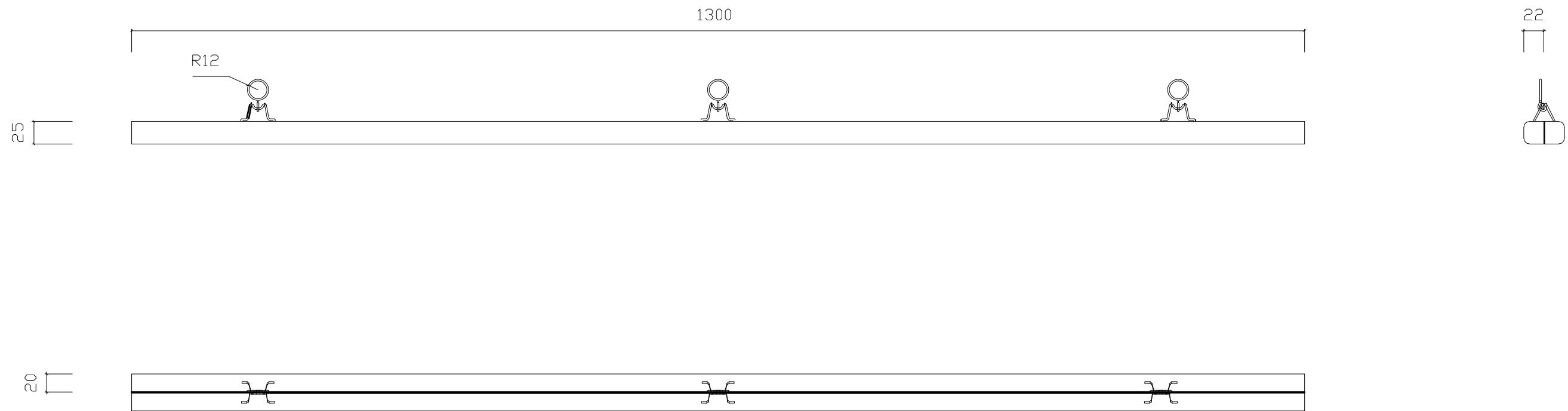
maquete\_balsa\_cartolina (3).JPG



maquete\_balsa\_cartolina (4).JPG

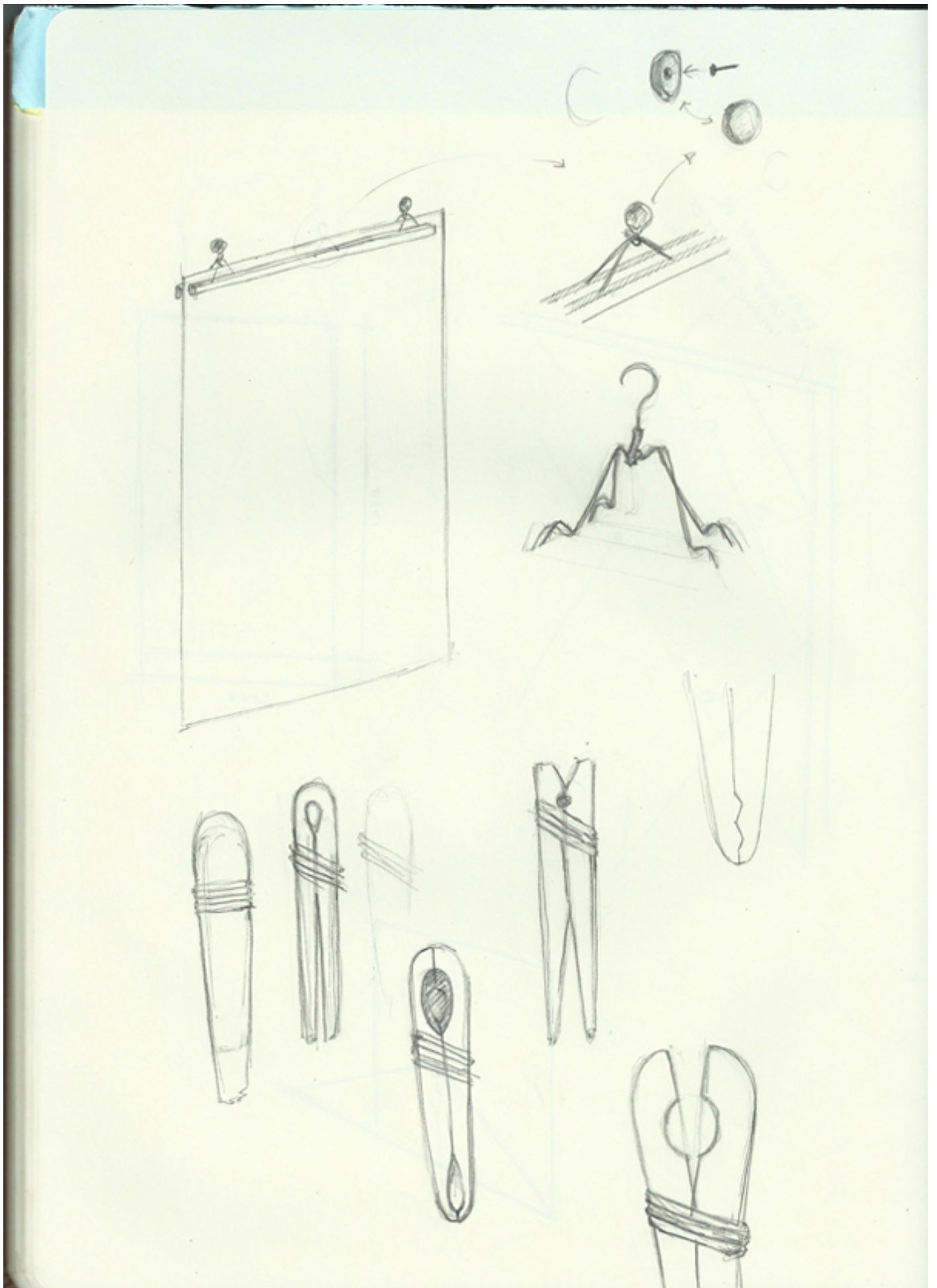


maquete\_balsa\_cartolina (5).JPG

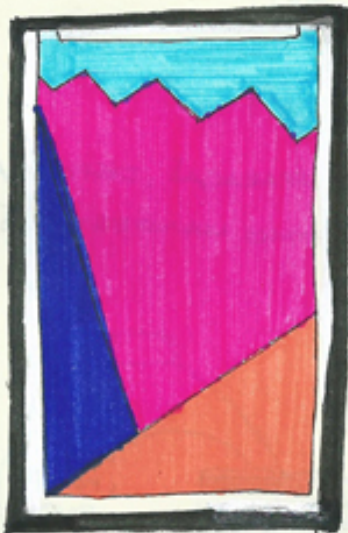
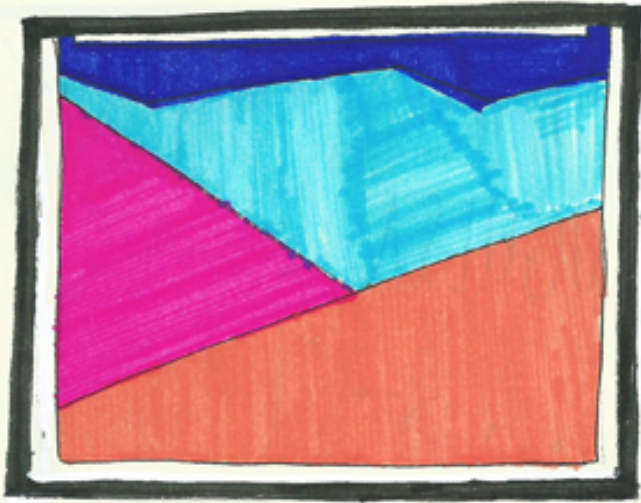


Marta Almeida Santos	dispositivo de prisão das cortinas á parede	
1:5	cortinas	

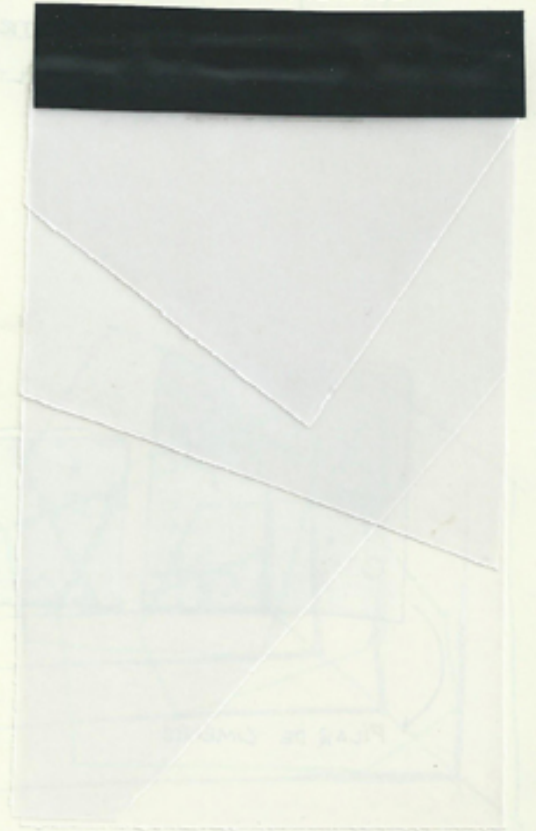




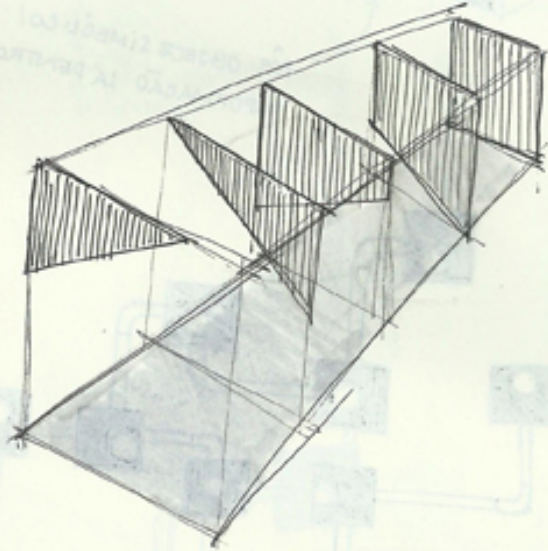
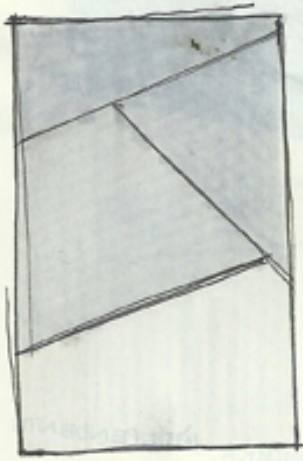
cabide\_1.jpg



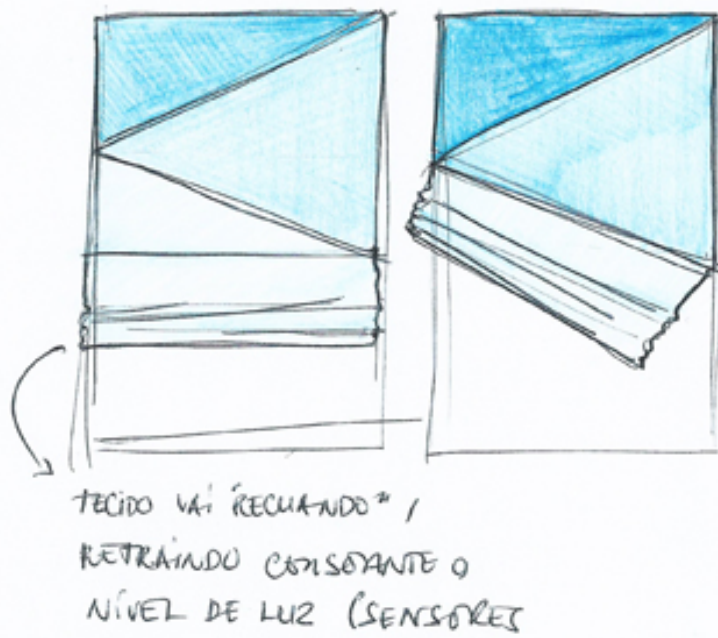
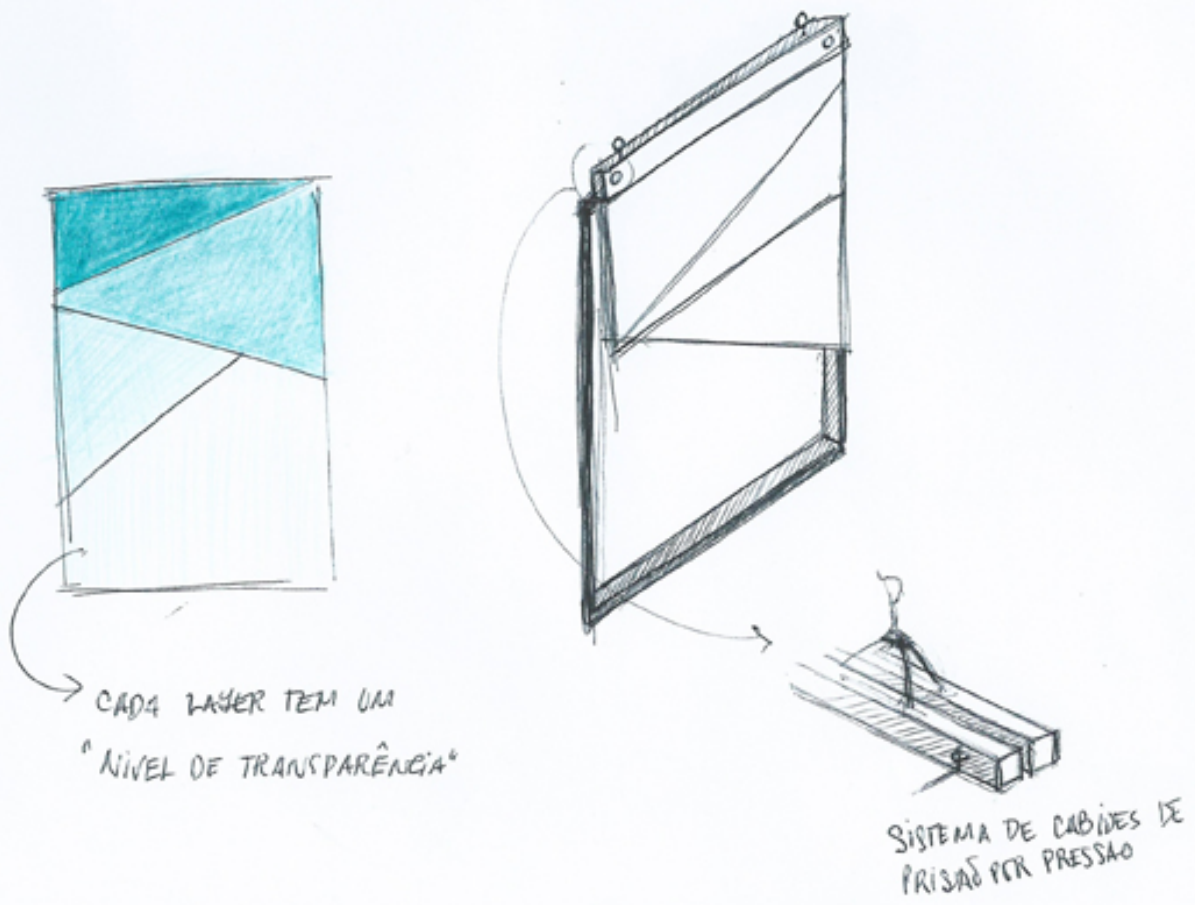
CORTINAS : DIFERENTES "LEVELS"  
DE PRIVACIDADE



cortina\_1.jpg



may I borrow  
a cup  
of sugar?





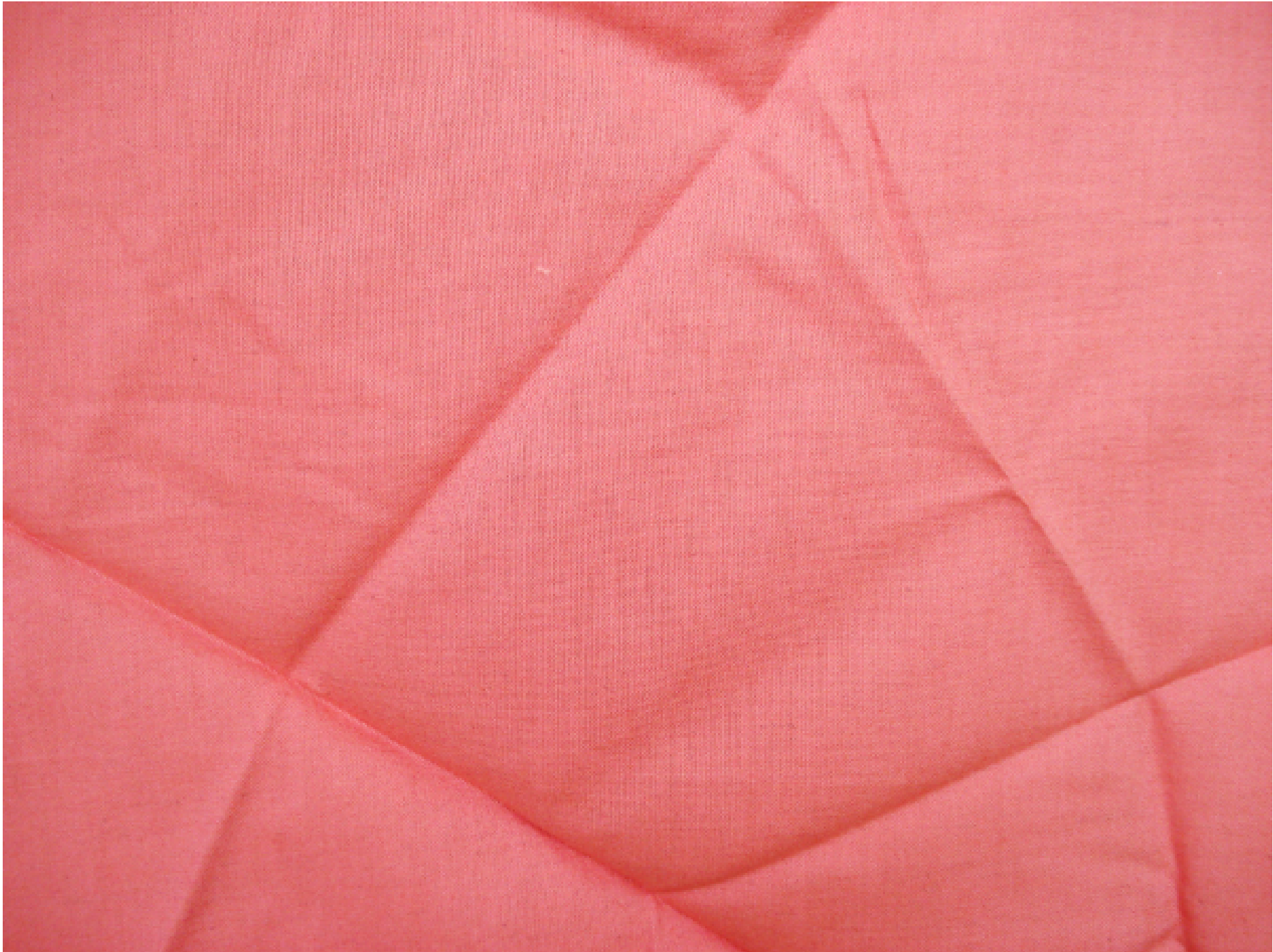
cortina\_4.jpg



cortina\_5.jpg



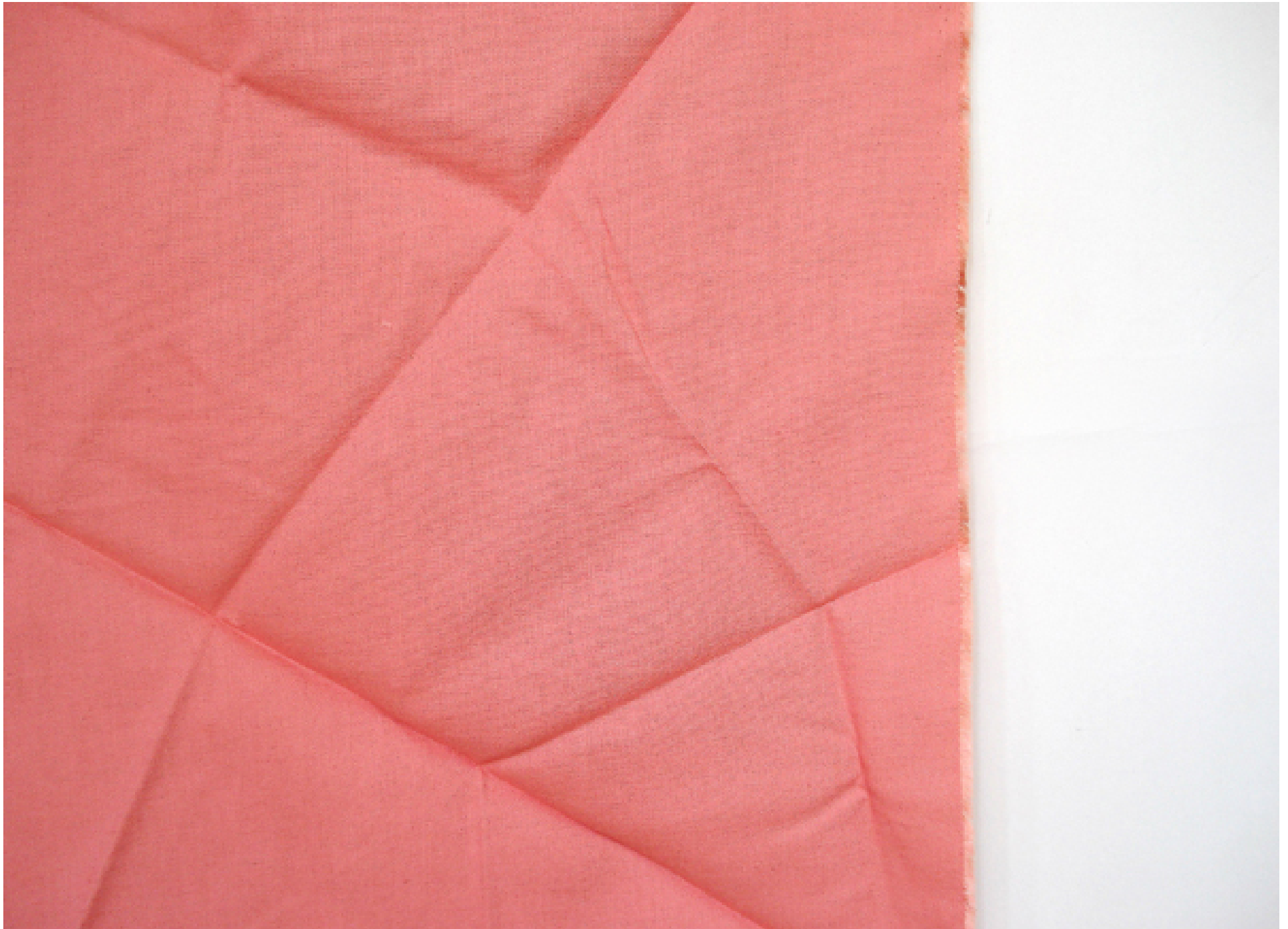
DSC00009.JPG



DSC00010.JPG



DSC00011.JPG



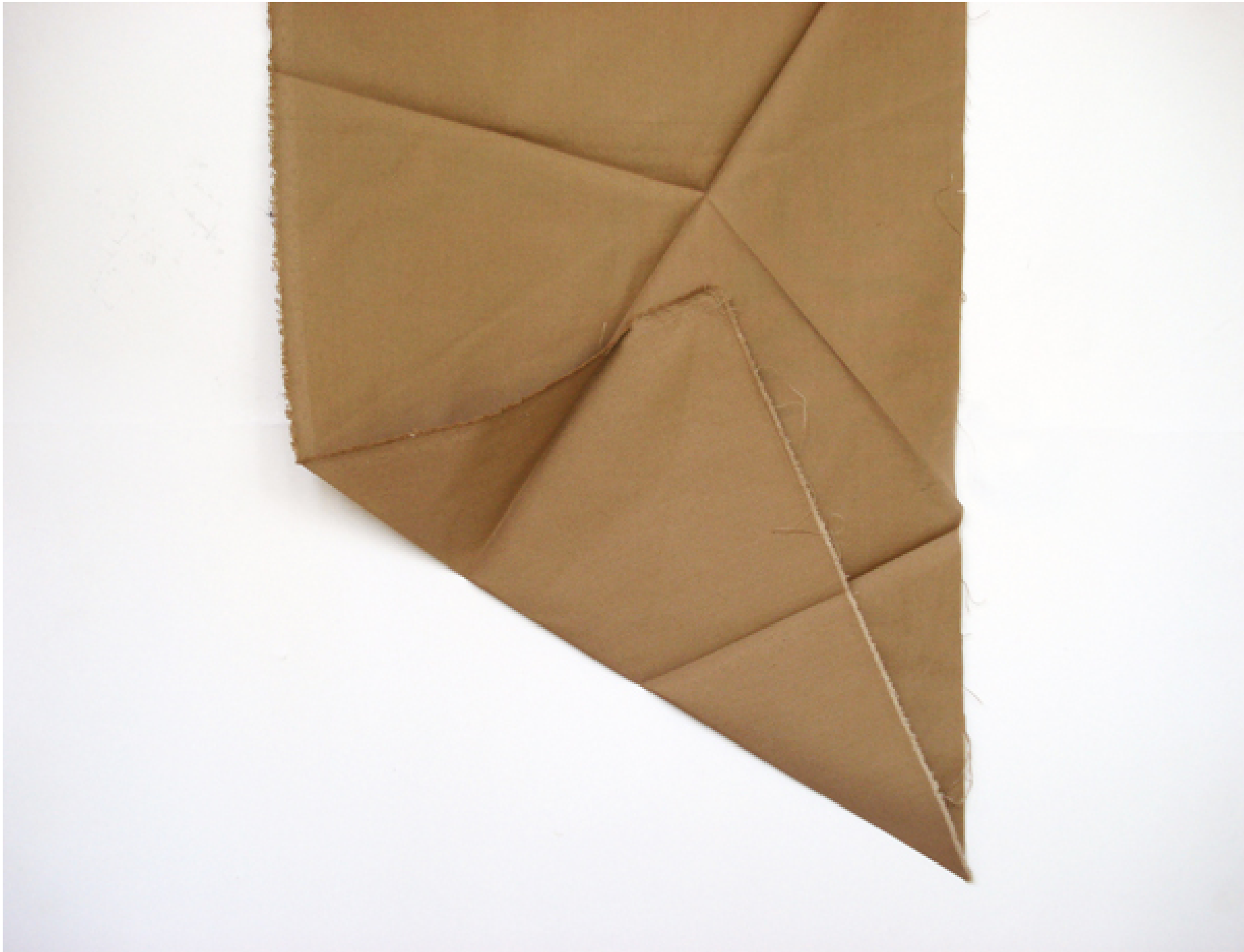
DSC00012.JPG



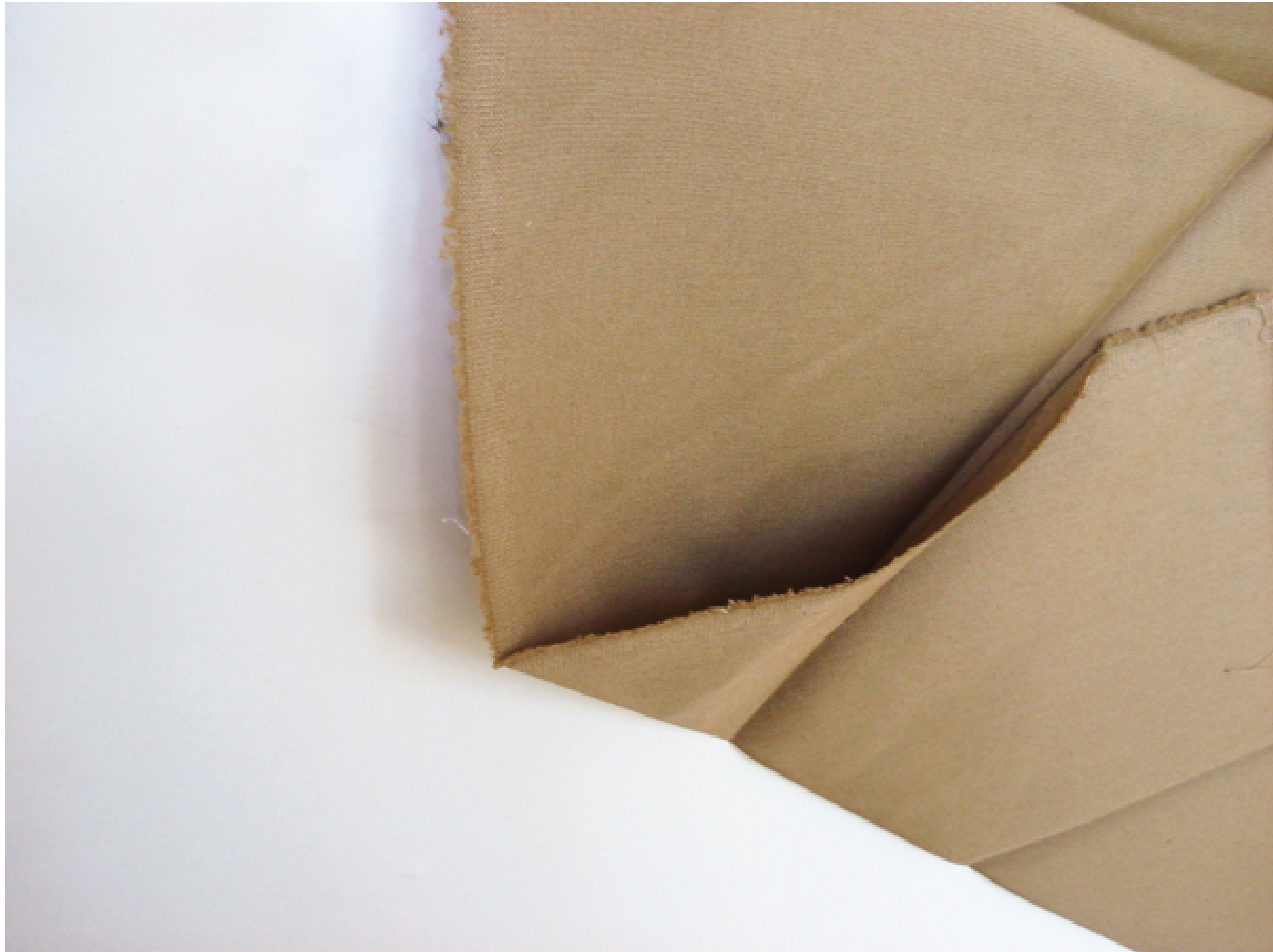
DSC00013.JPG



DSC00015.JPG



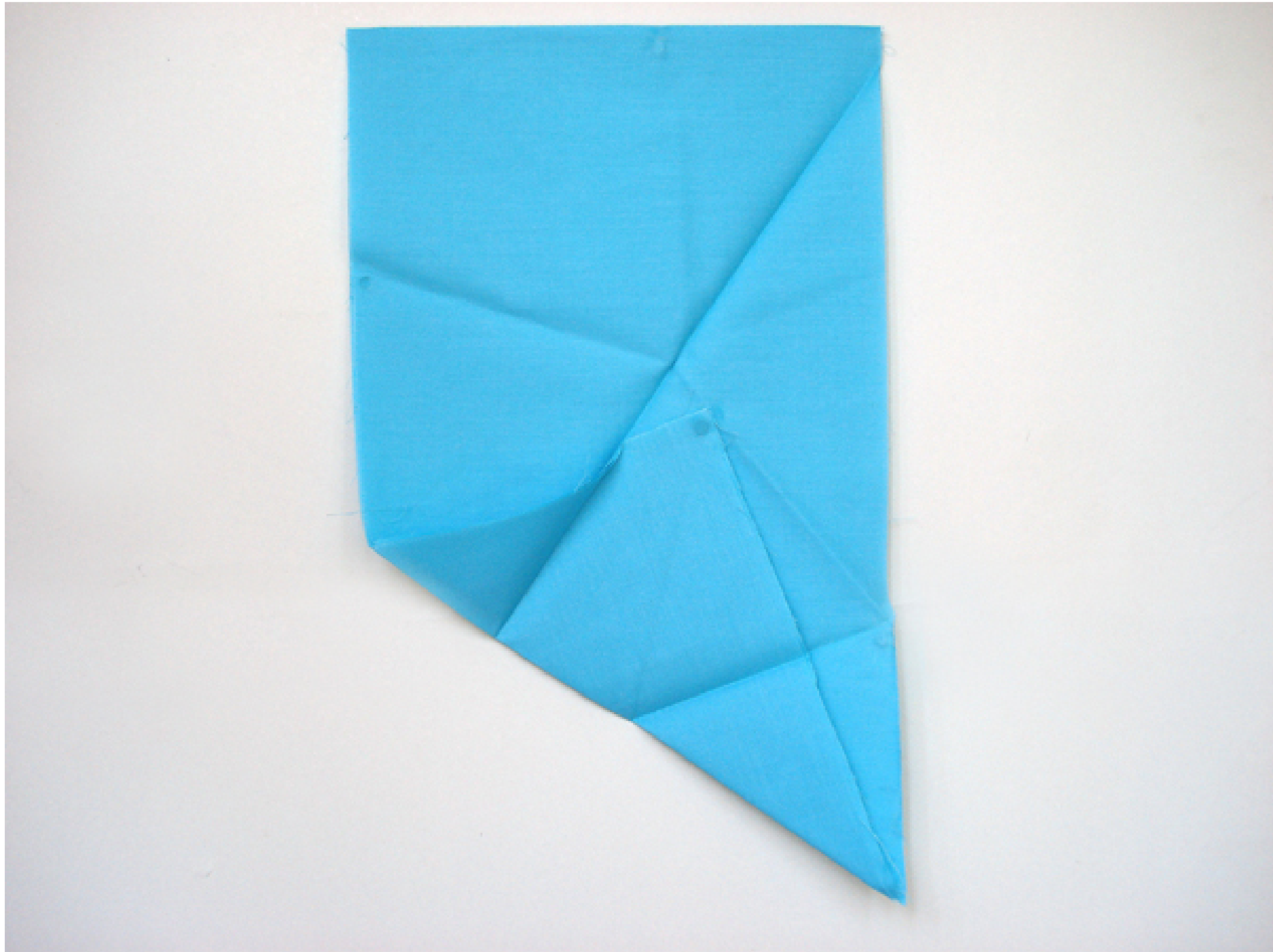
DSC00016.JPG



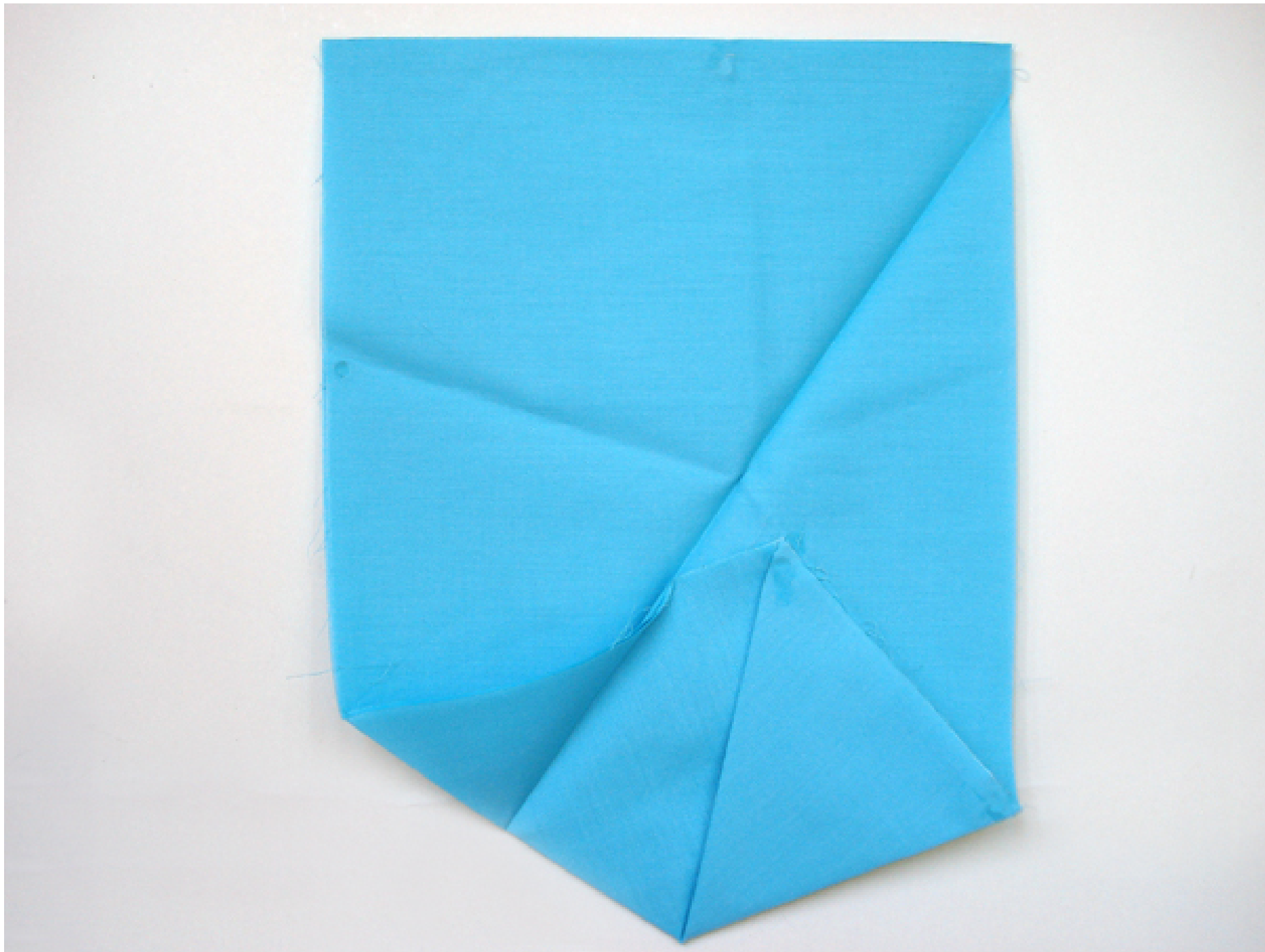
DSC00017.JPG



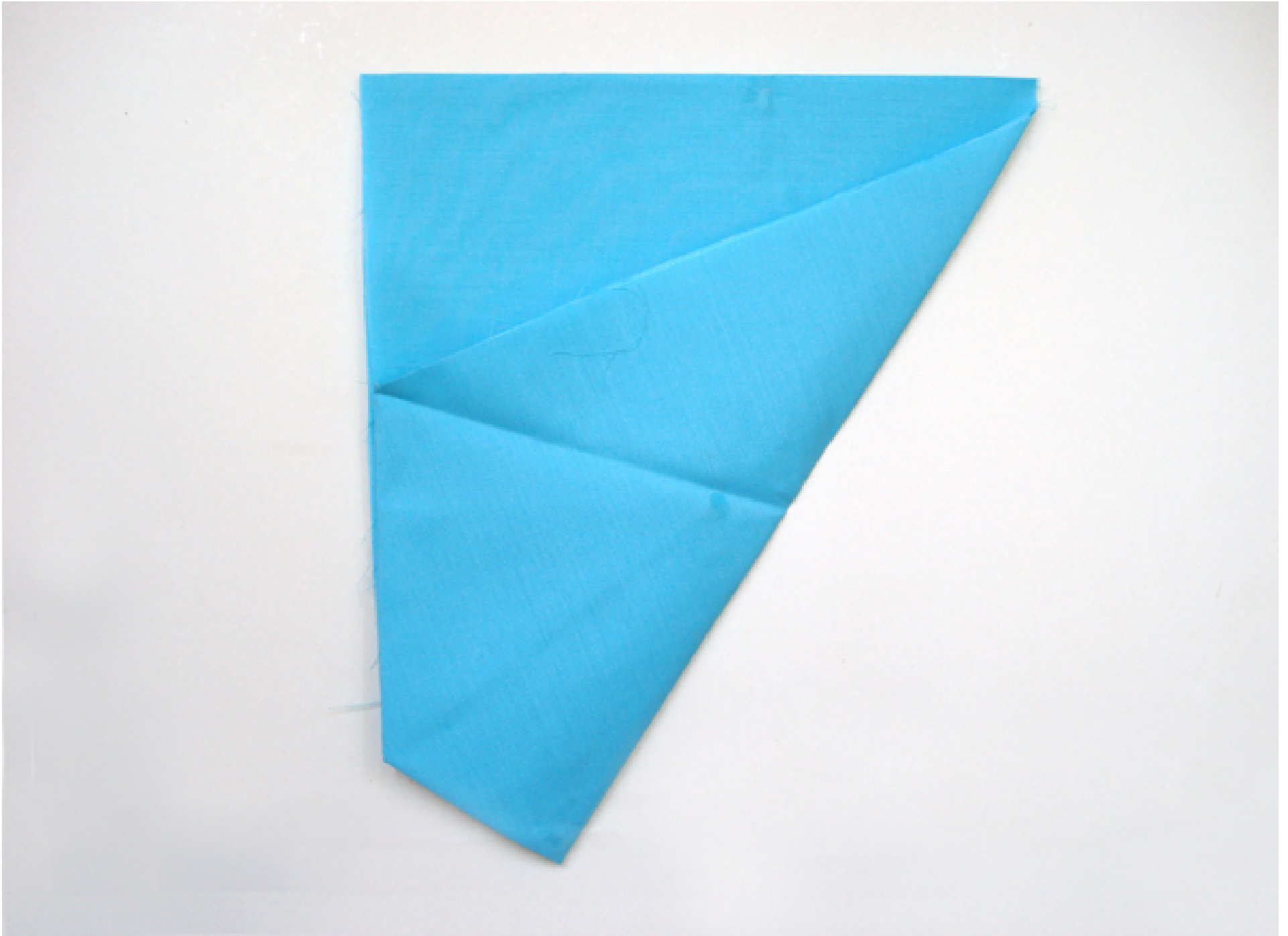
DSC00018.JPG



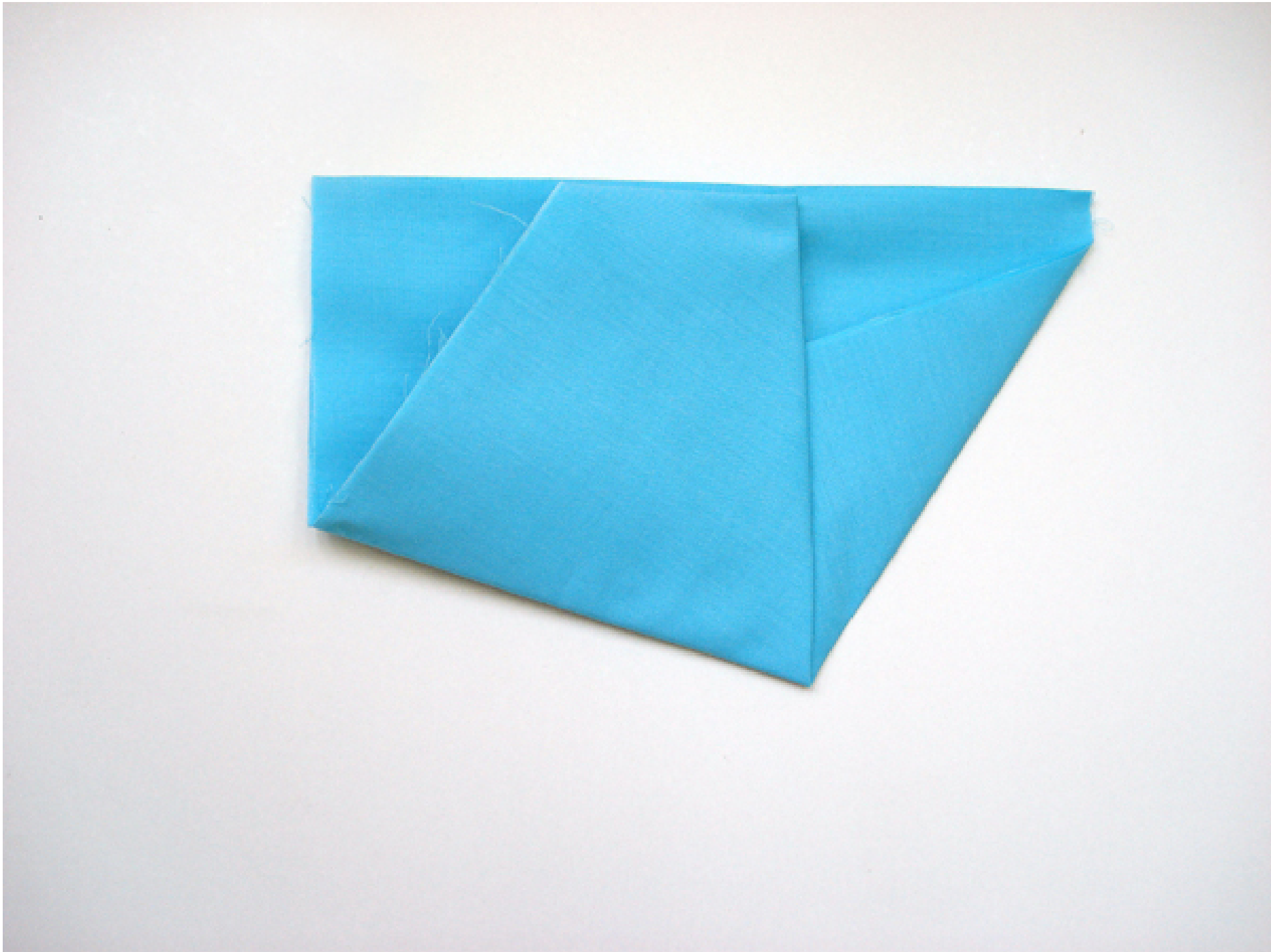
exp\_cambrala (2).JPG



exp\_cambraia (3).JPG



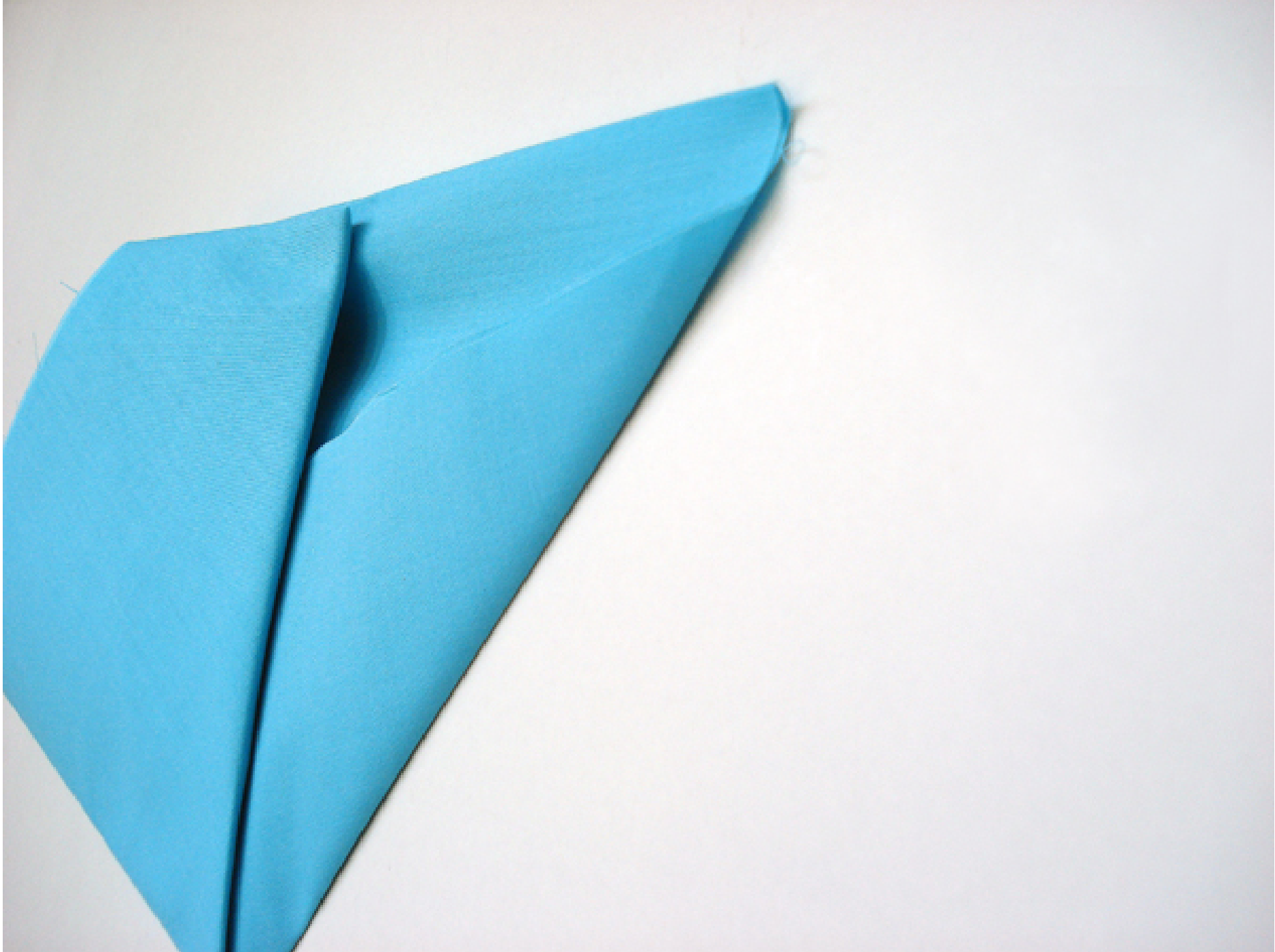
exp\_cambrala (4).JPG



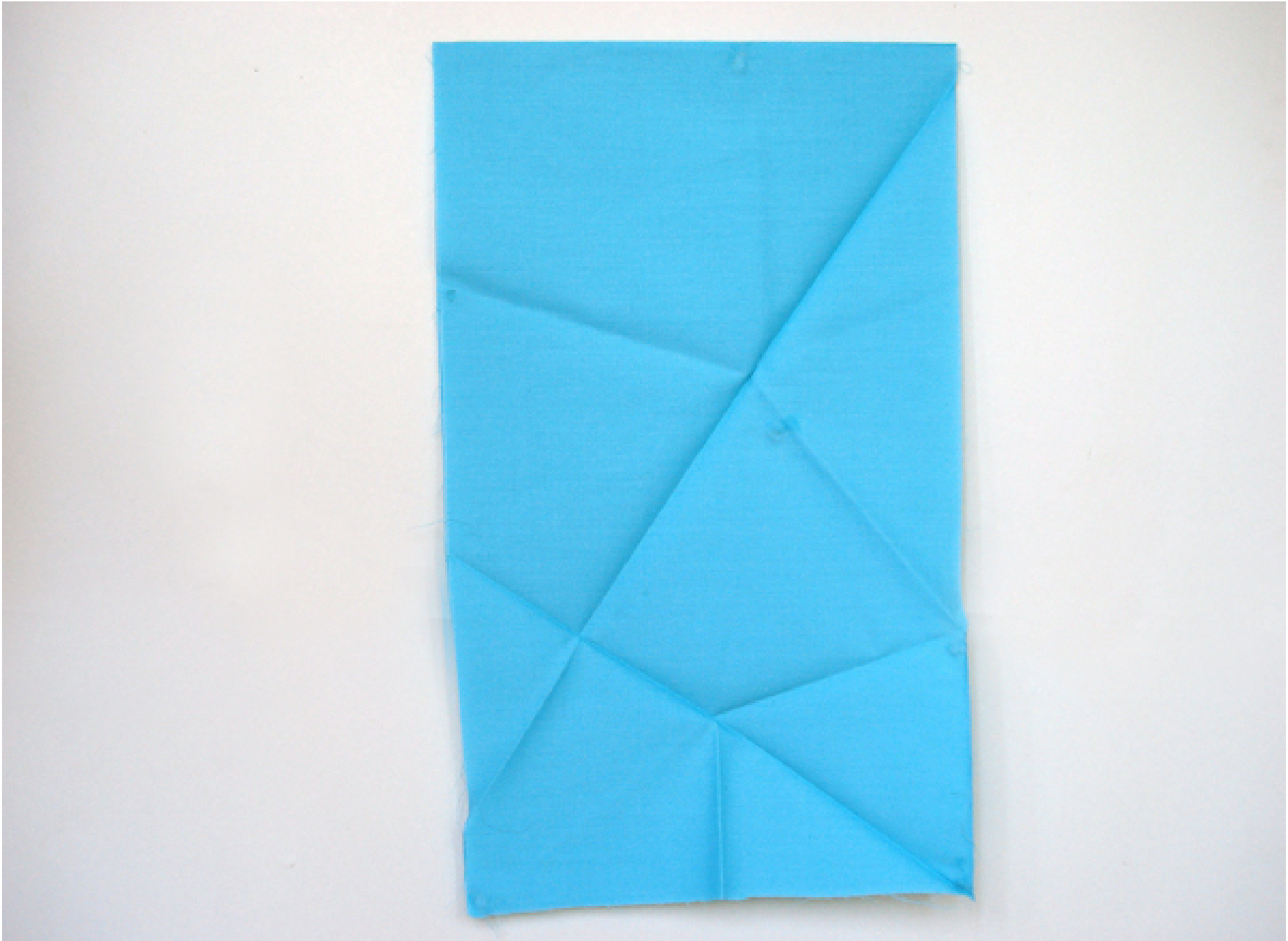
exp\_cambraia (5).JPG



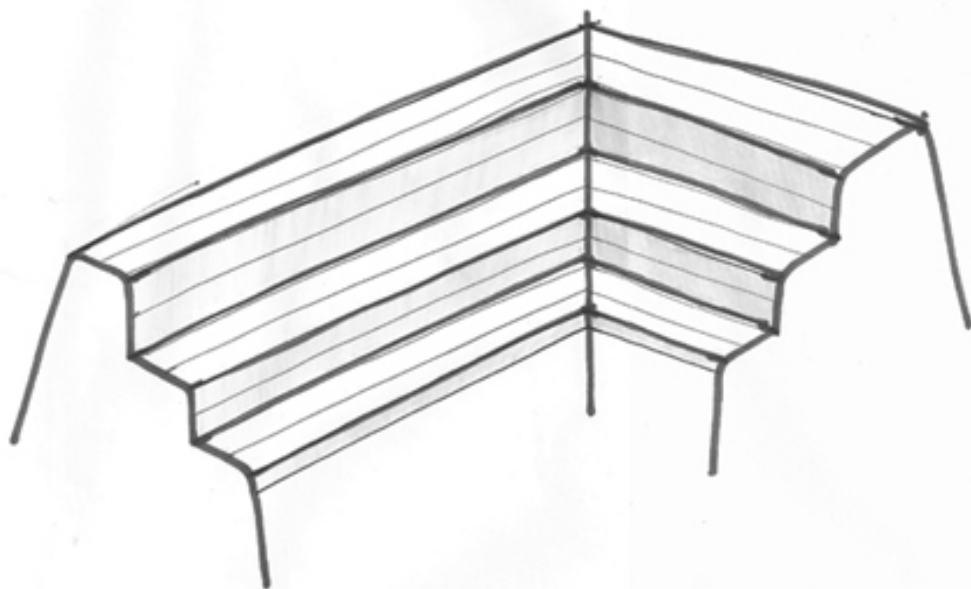
exp\_cabraia (6).JPG



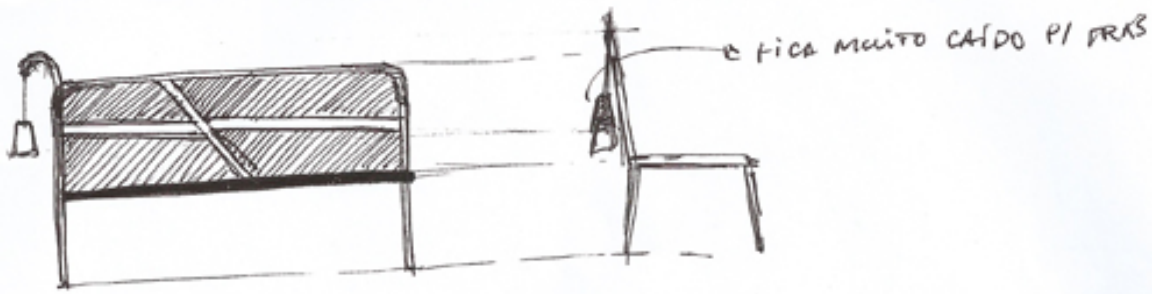
exp\_cabraia (7).JPG



exp\_cabraia.JPG



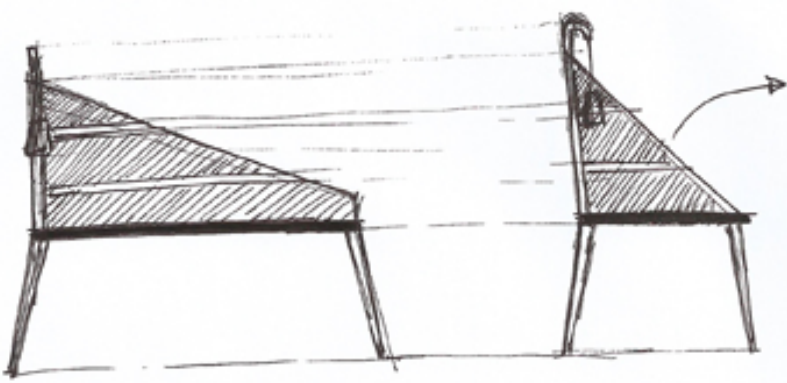
dedalo\_1.jpg



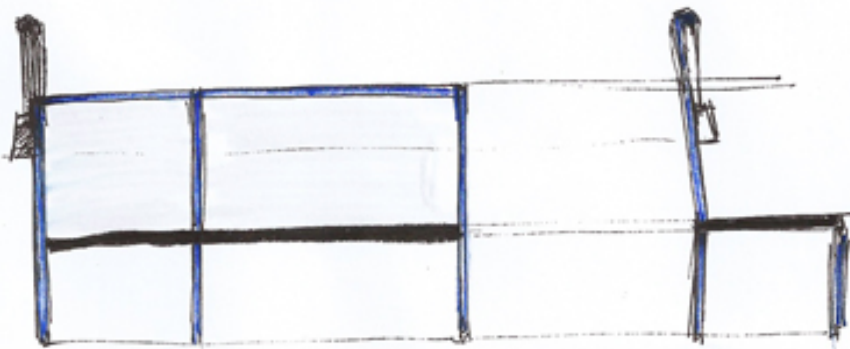
e fica muito caído p/ trás



SEPARAÇÃO DO LOCAL DE COMUNICAÇÃO  
(CRIA ATENÇÃO & DESPERTA CURIOSIDADE)

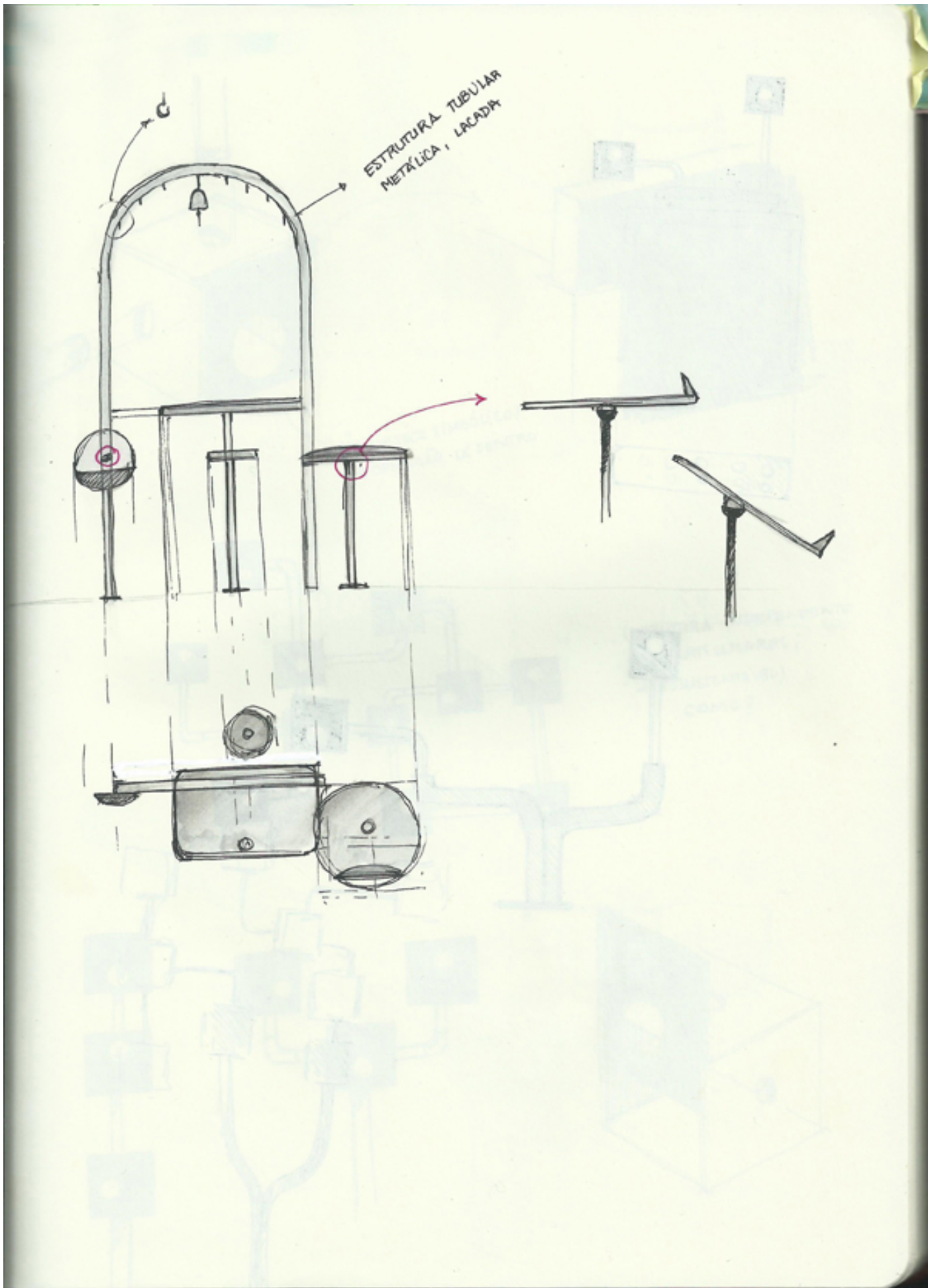


CONFORTO, A POSTURA  
"TÍPICA" NUM SOFÁ DE CASA

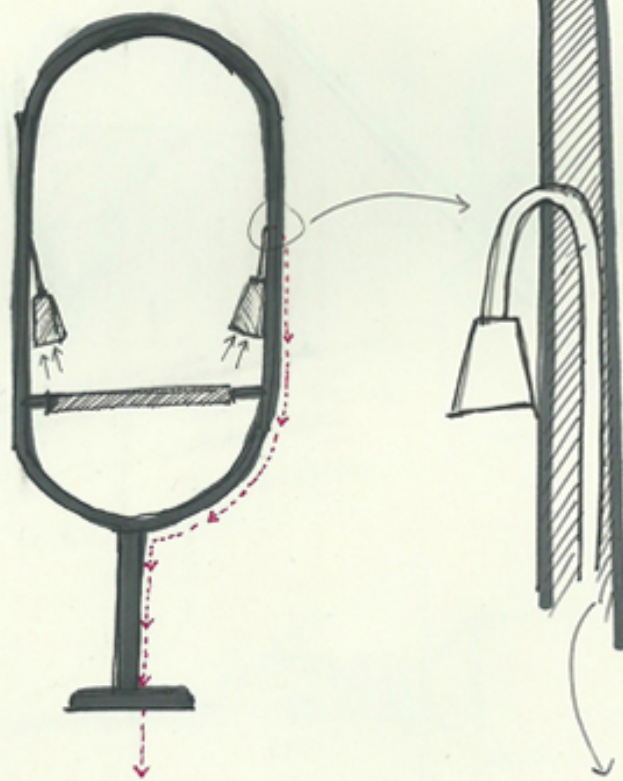




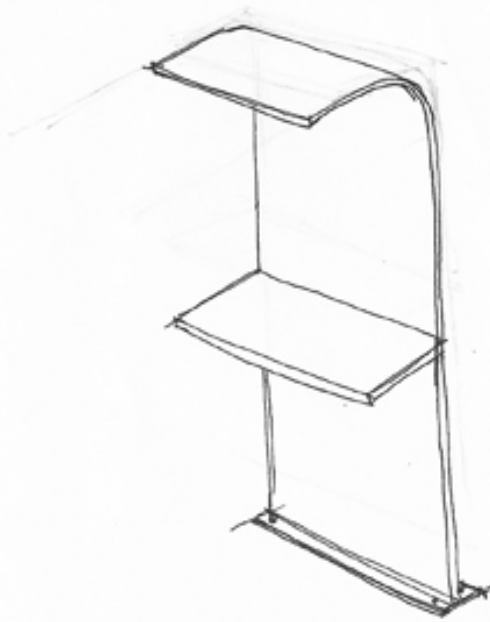
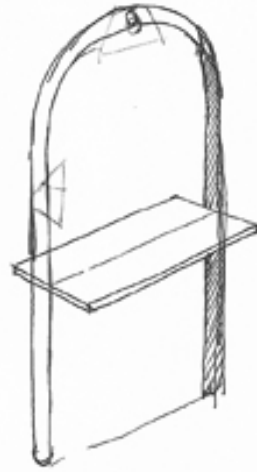
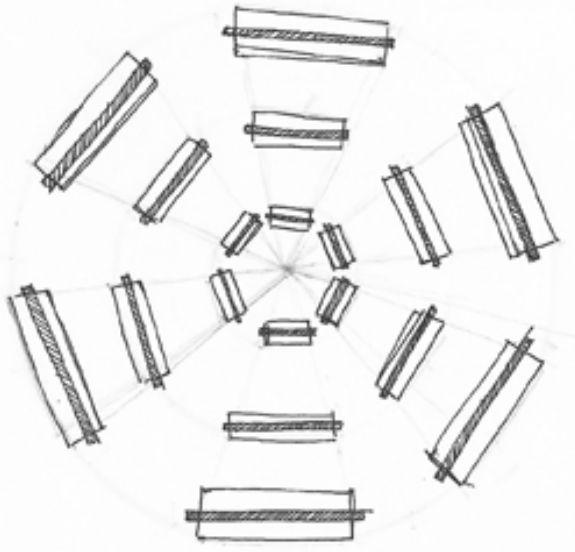
dedalo\_3.jpg

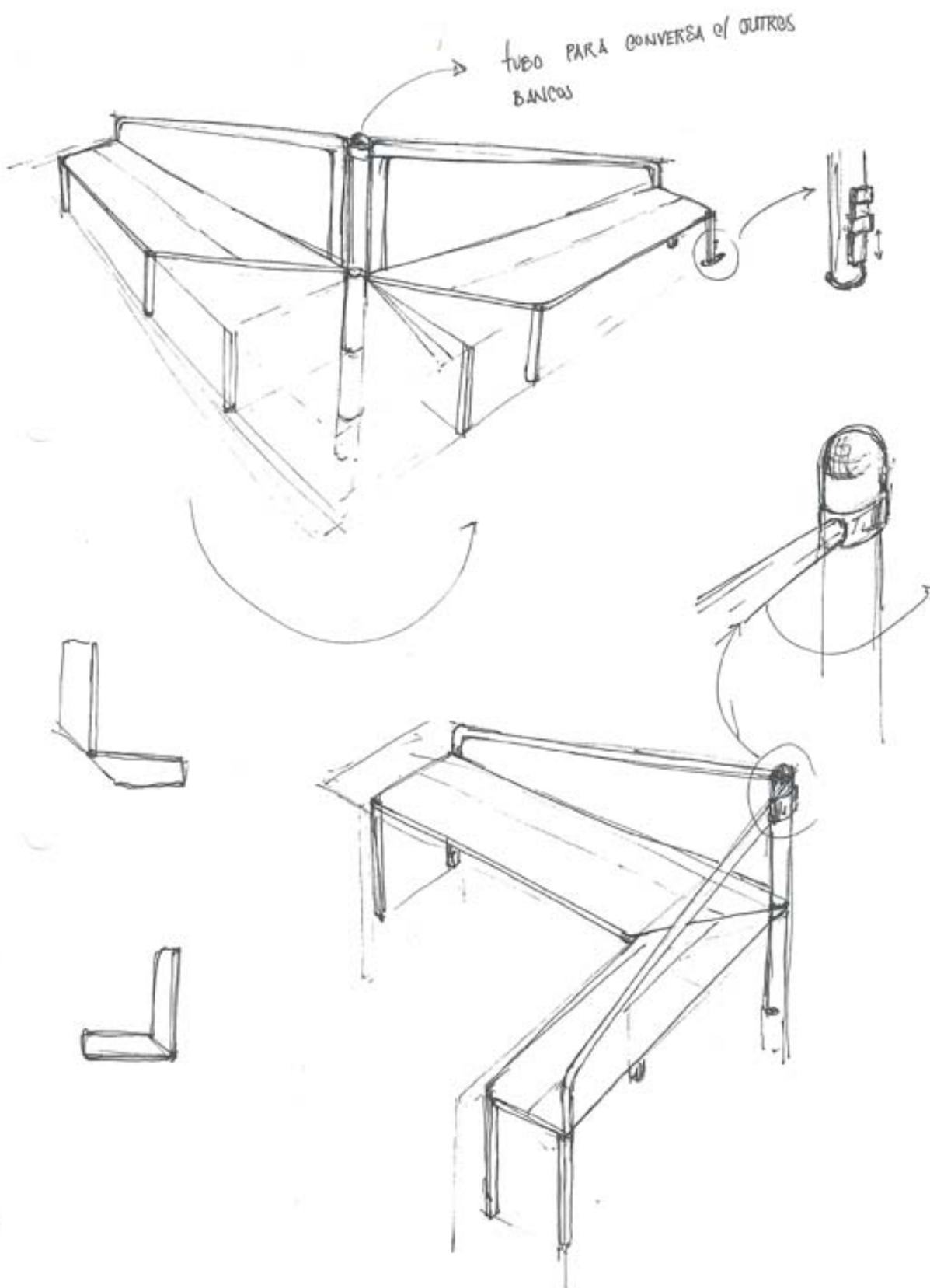


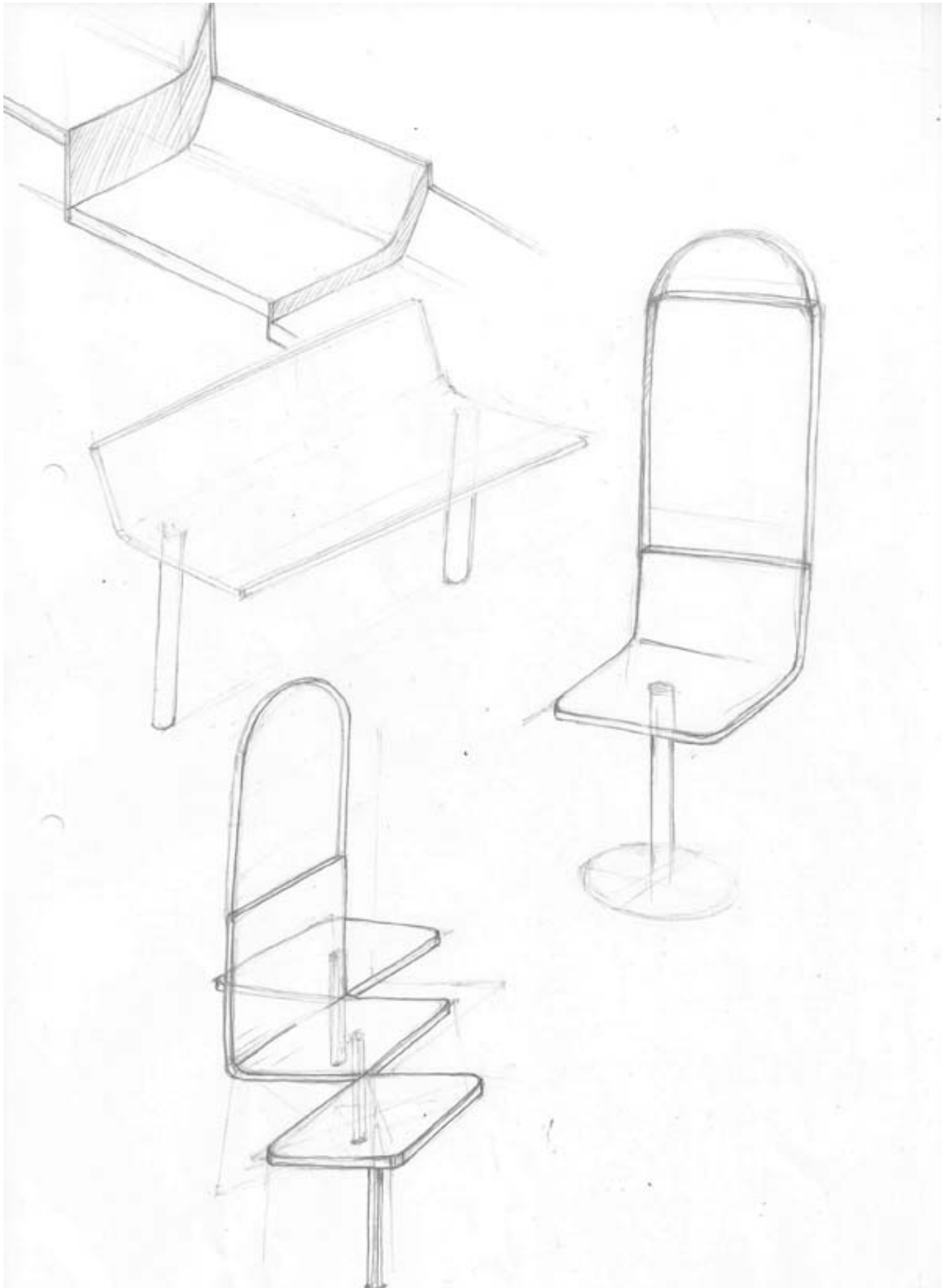
dedalo\_4.jpg



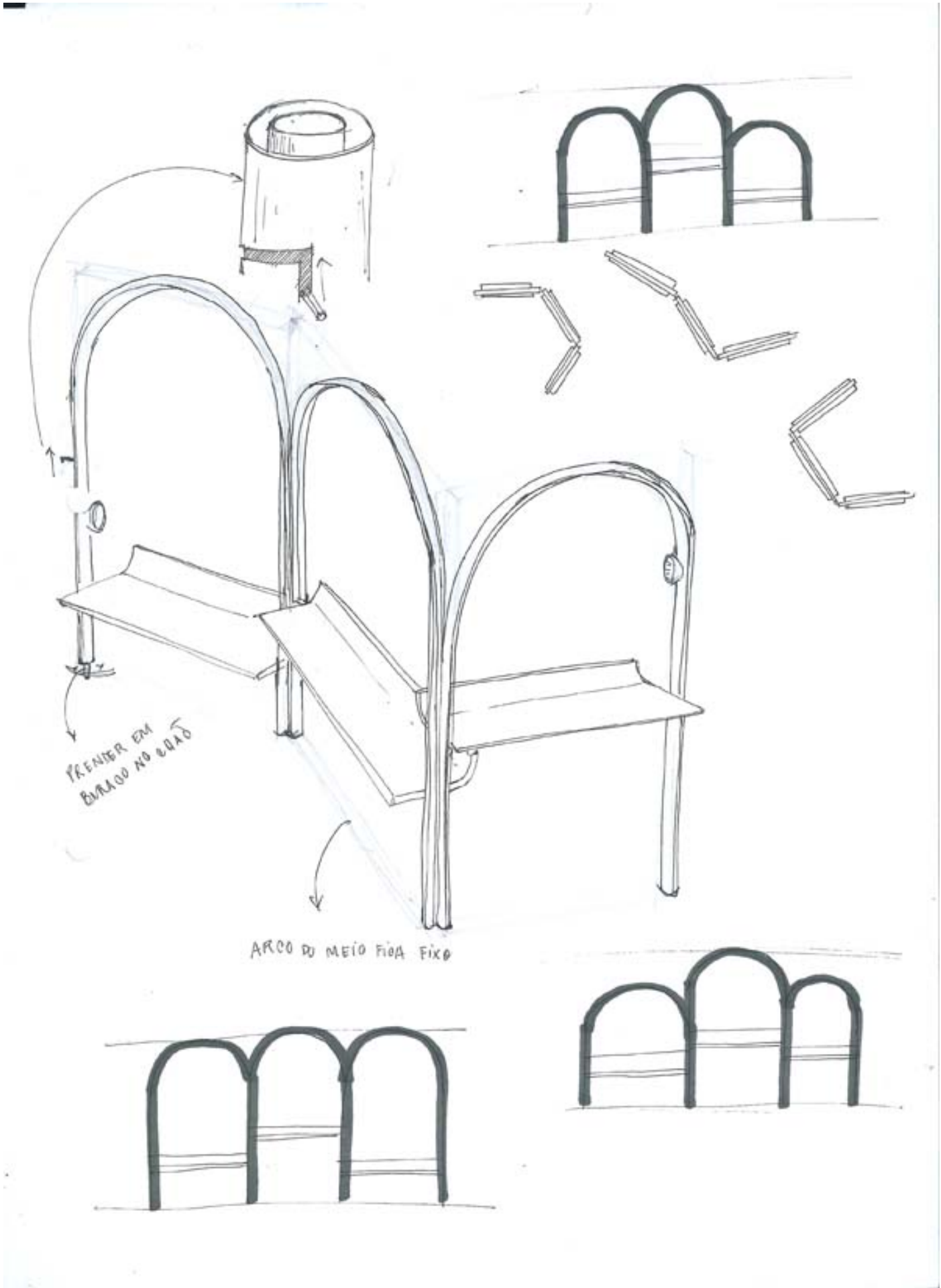
TUBOS LIGADOS  
A UNS AOS OUTROS  
SUBTERRANEAMENTE

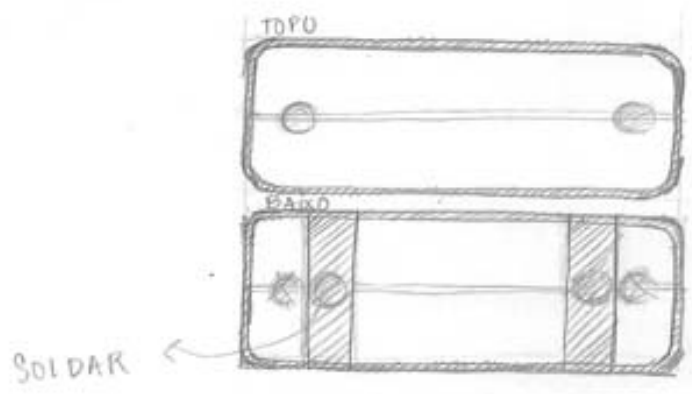
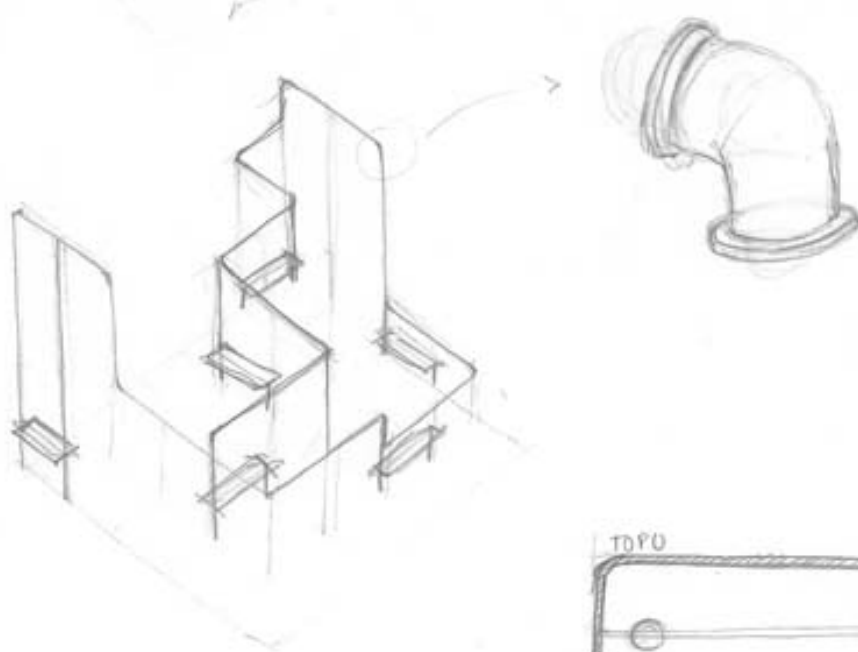
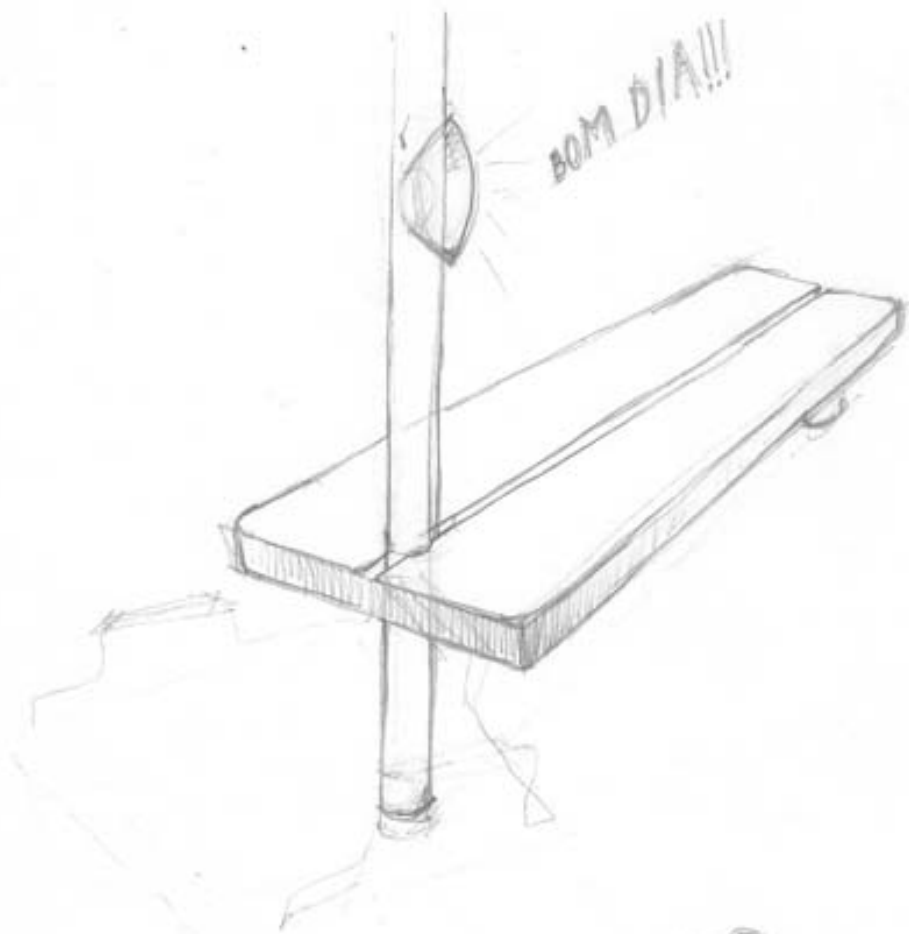




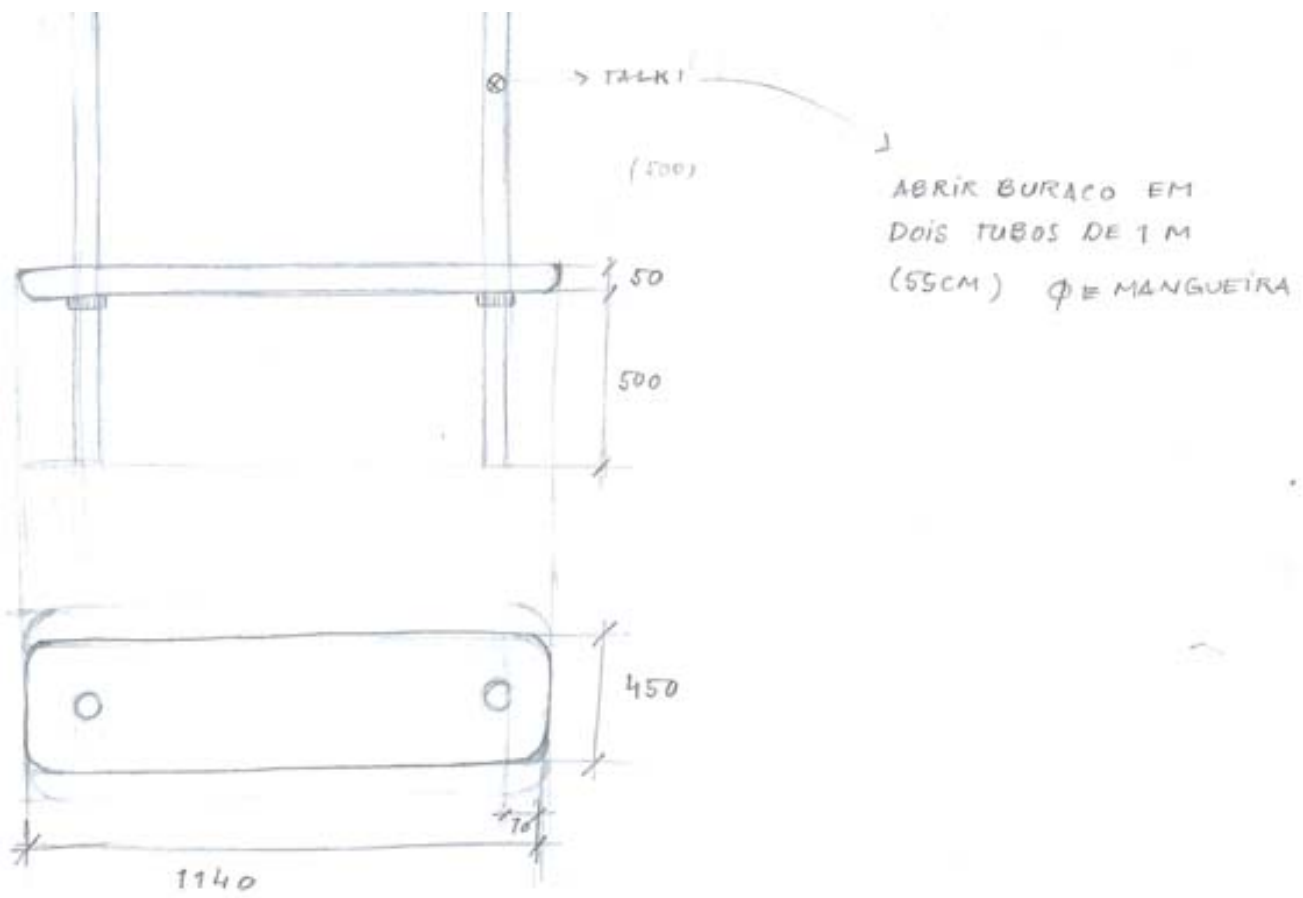


dedalo\_8.jpg





dedalo\_10.jpg



dedalo\_11.jpg

BANCOS

D = 1140 x 450 (MM)

QT = 6

D = 2140 x 450 (MM)

QT = 1

ANILHAS P/ PRENDER BANCOS

QT = 14

D = 80 + MARGEM  
↳ MEDIDA Ø TUBO

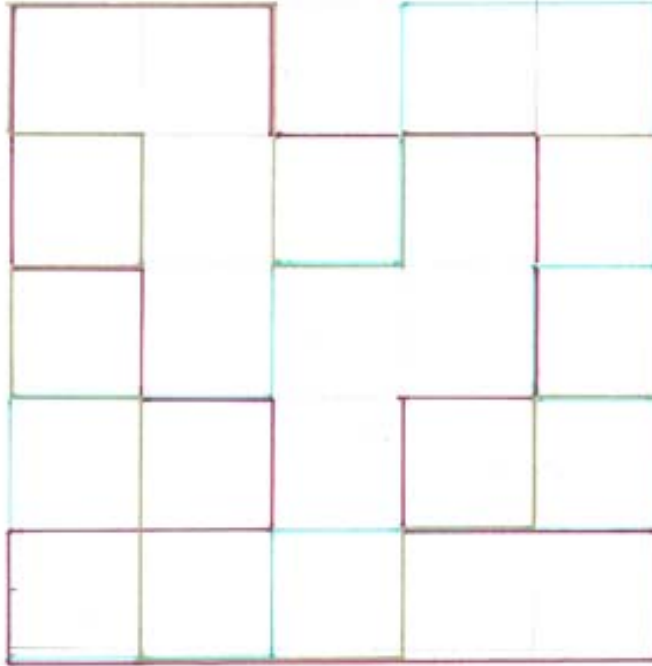
LIGAÇÕES

TIPO L

QT = 35

TUBOS

D = 75 / 80 MM  
H = 2M, 1M, 0,5M  
28 TOPO, 25 FREITE



QUANTIDADES

TB 2M = III

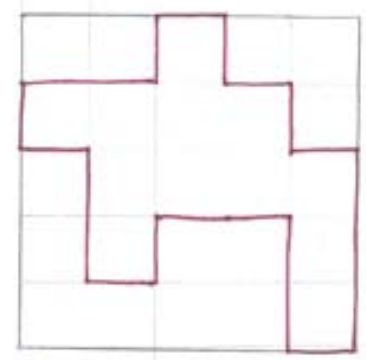
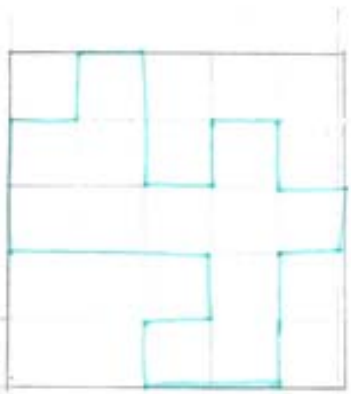
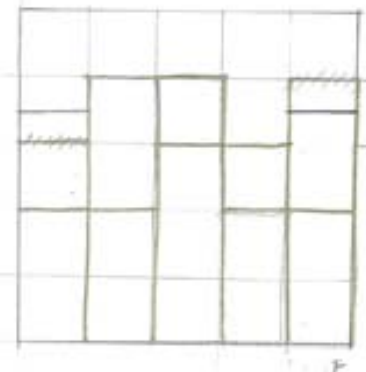
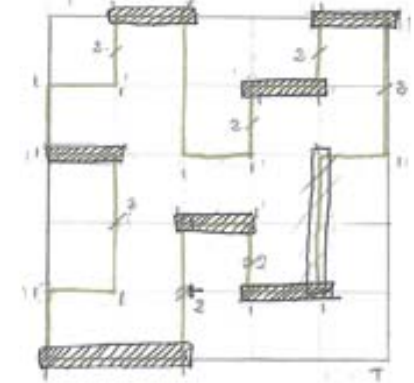
TB 1M = |||

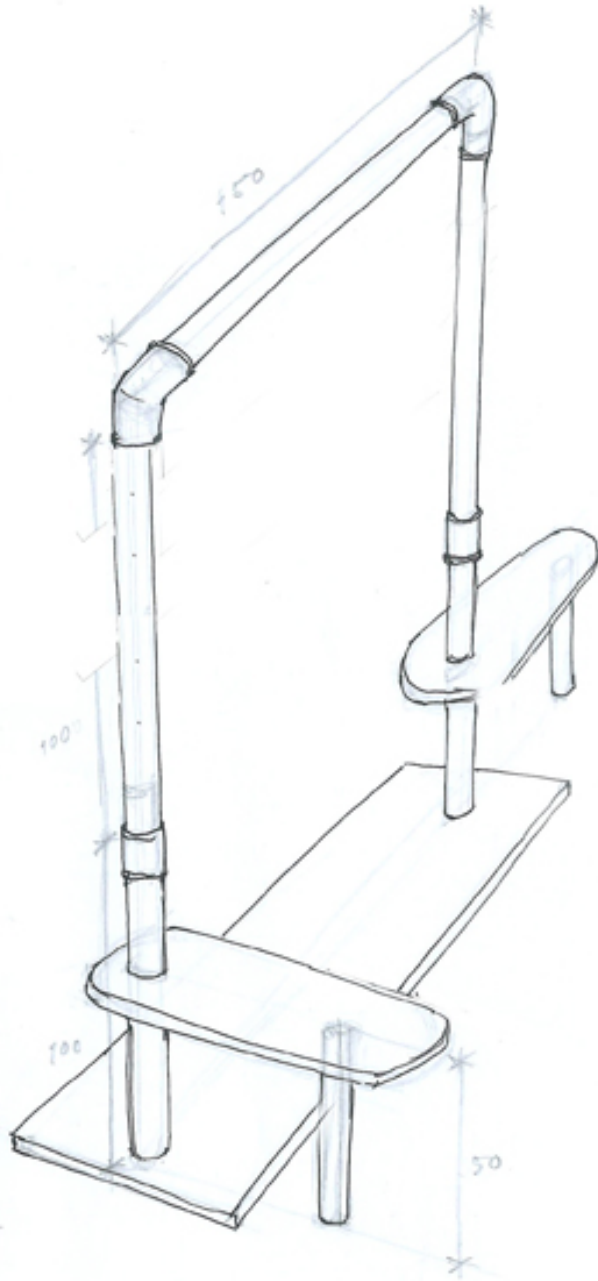
TB 0,5M = |||

||||| = 29

|||| = 28

|||| = 18





(CM)



1.JPG



2.JPG



3.JPG



4.JPG



5.JPG



6.JPG



7.JPG



8.JPG



9.JPG



10.JPG



11.JPG



12.JPG



# URBAN SPACE

Key-topics for dynamic neighborhood

- FAROL
- CORTINAS
- CORNER OF STAIRS
- ESPAÇO SOCIAL
- POP-UP SPACES
- ESPAÇO COMERCIAL
- THE NOISY MACHINE
- APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO
- CONVERSAS DE CAFÉ
- MEMÓRIA COLECTIVA  
OBILIDADE
- DIY BIKE LANE
- ESPAÇOS VERDES
- GUERRILLA GARDENING

## NARRATIVA

- QUAL O CRITÉRIO? OBJECTOS QUE PROMOVAM INTERACÇÃO NO MEIO PÚBLICO URBANO
- ESCALA
- CONTEXTO DE UTILIZAÇÃO
- MATERIAL UTILIZADO

- EQUIP. URBANO

- OBJECTOS DE PEQUENA ESCALA



# GUERRILLA GARDEN

DECORAR PAREDES DE EDIFÍCIOS DEVOLUTOS COM ALFACES

WHAT'S THE POINT NUMA "CIDADE JARDIM"?  
OS BAIROS LISBOETAS TÊM TODOS JARDINS  
OU ESPAÇOS VERDES

MAS NÃO TÊM ESPAÇO SUFICIENTE PARA  
HORTAS

COMO CRIAR CONDIÇÕES PARA HORTAS QUE  
SE RESUMAM À PLANTAGEM DE ERVAS  
AROMÁTICAS?

COMO OCUPAR UMA GRANDE ÁREA  
SEM PREJUDICAR ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO?

TAKE ADVANTAGE DOS  
ESPAÇOS VERDES COLOCANDO  
"HORTAS MÓVEIS"

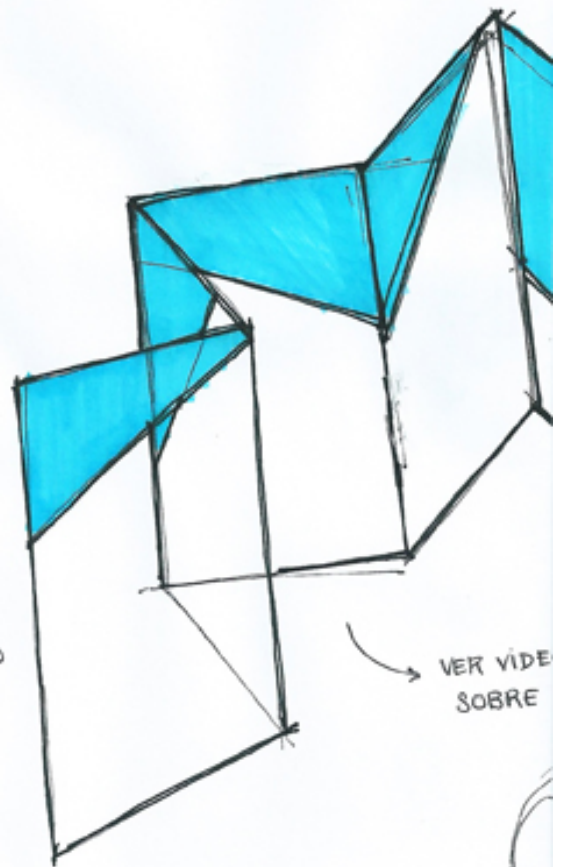
- BAMBÃO + COBERTURAS

- CANTINELA

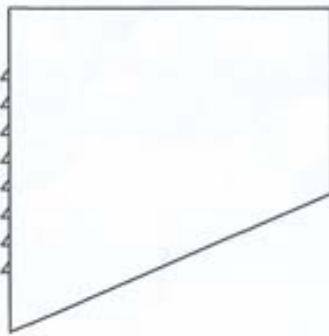


INSPIRAÇÃO FORMAL:  
7 COLINAS  
(DIFERENTES ANDARES / DESNÍVEIS)

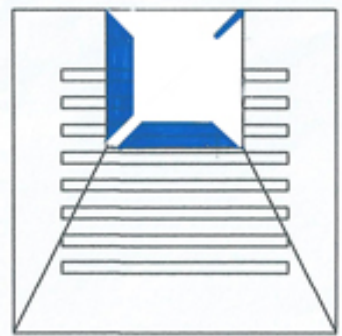
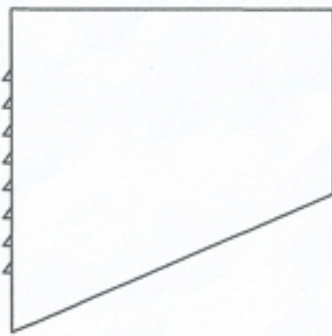
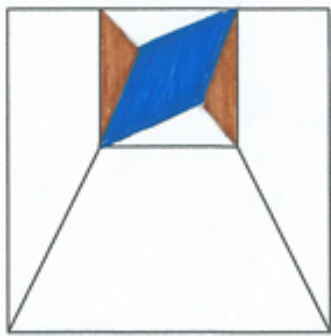
O QUE DISTINGUE O  
MEU GUERRILLA GARDEN  
DOS JÁ EXISTENTES?



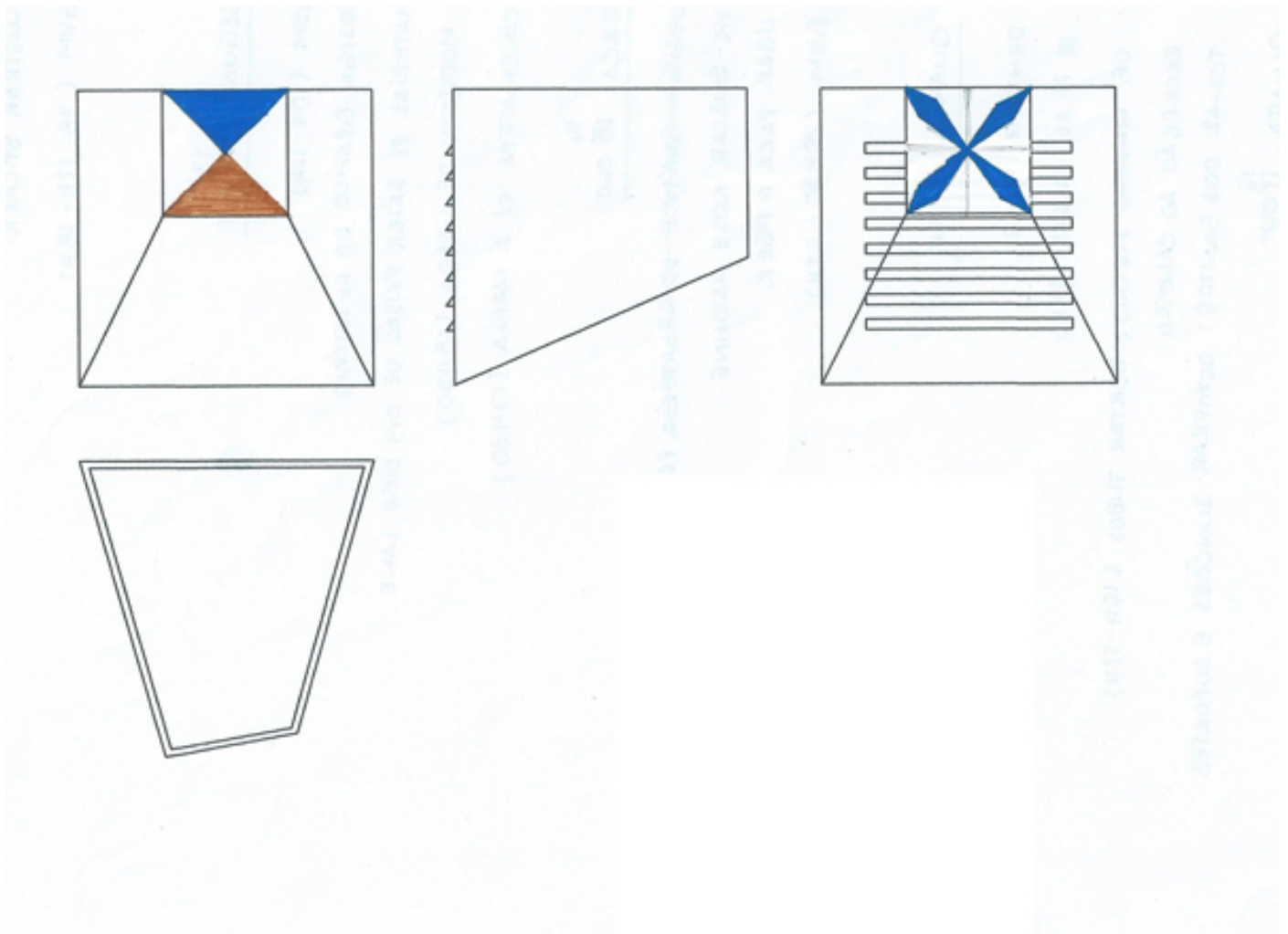
VER VÍDEO  
SOBRE



ocupa\_\_vidrado2.jpg



ocupa\_\_vidrado3.jpg

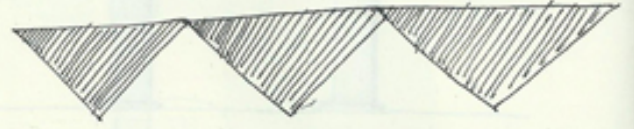
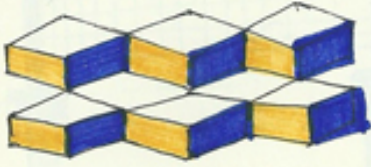


ocupa\_\_vidrado4.jpg

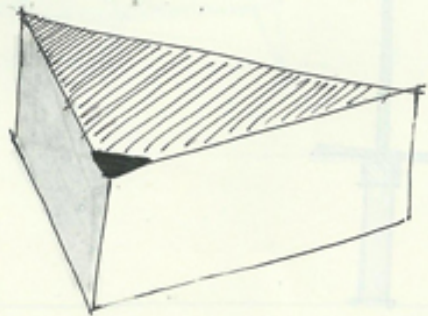
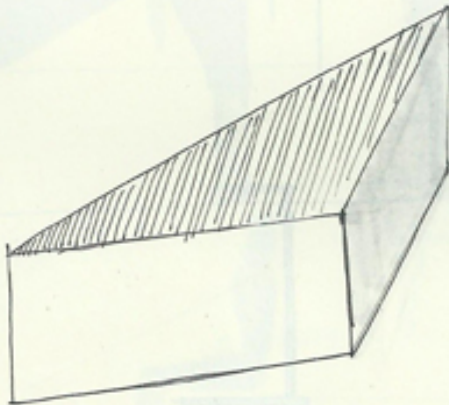


ocupa\_1.jpg

VASOS PARA ALFACES



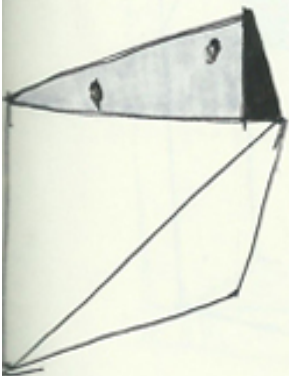
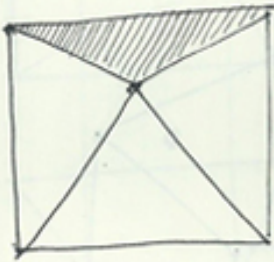
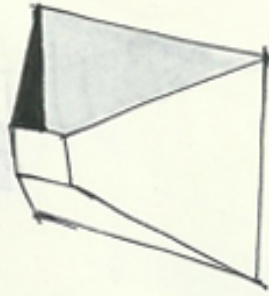
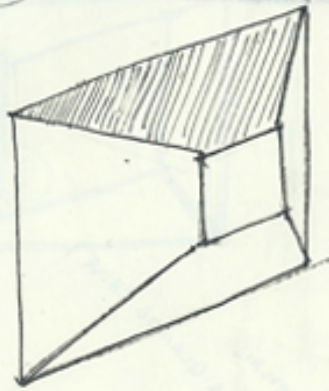
(2)

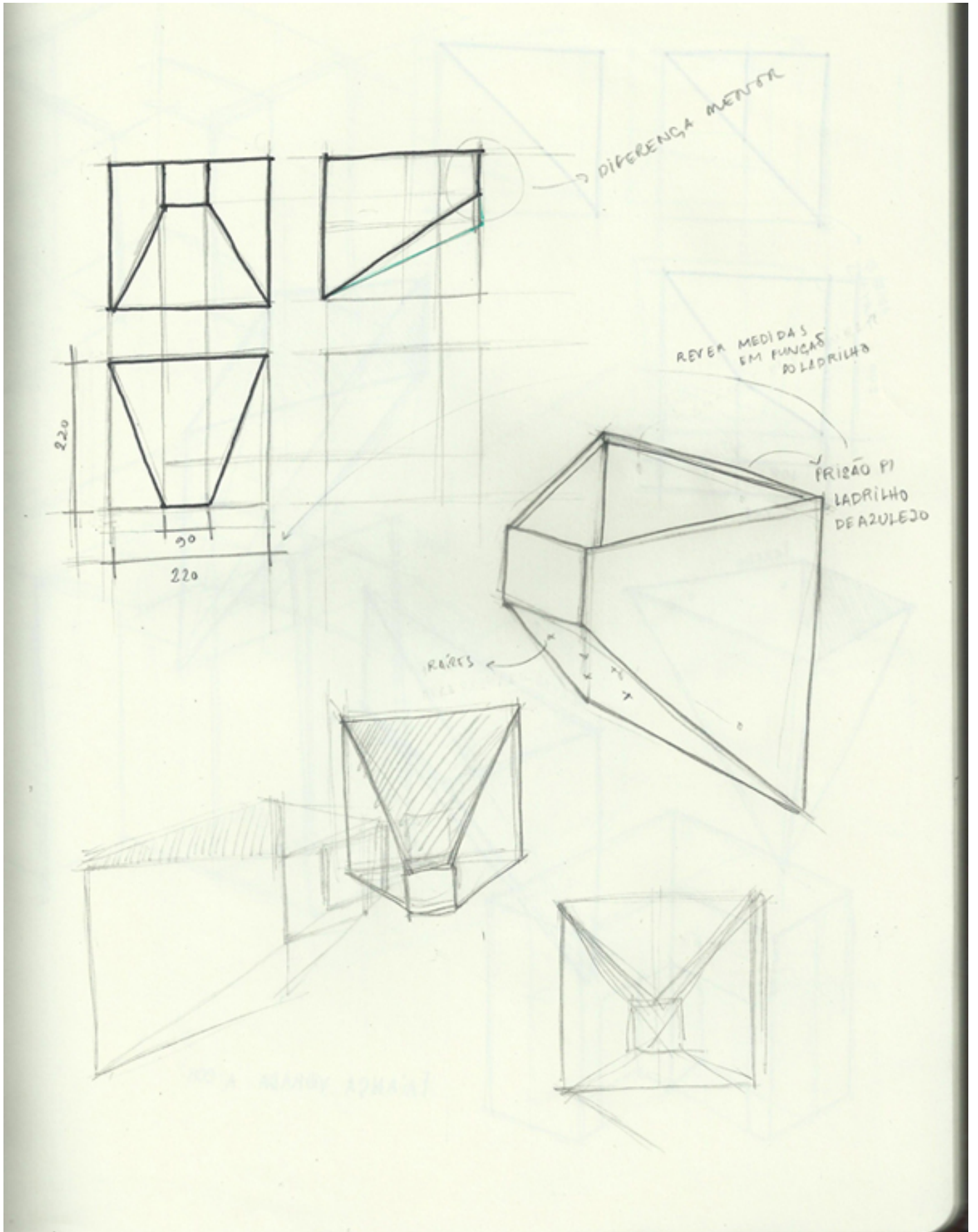


VASOS DE MANGERICÃO

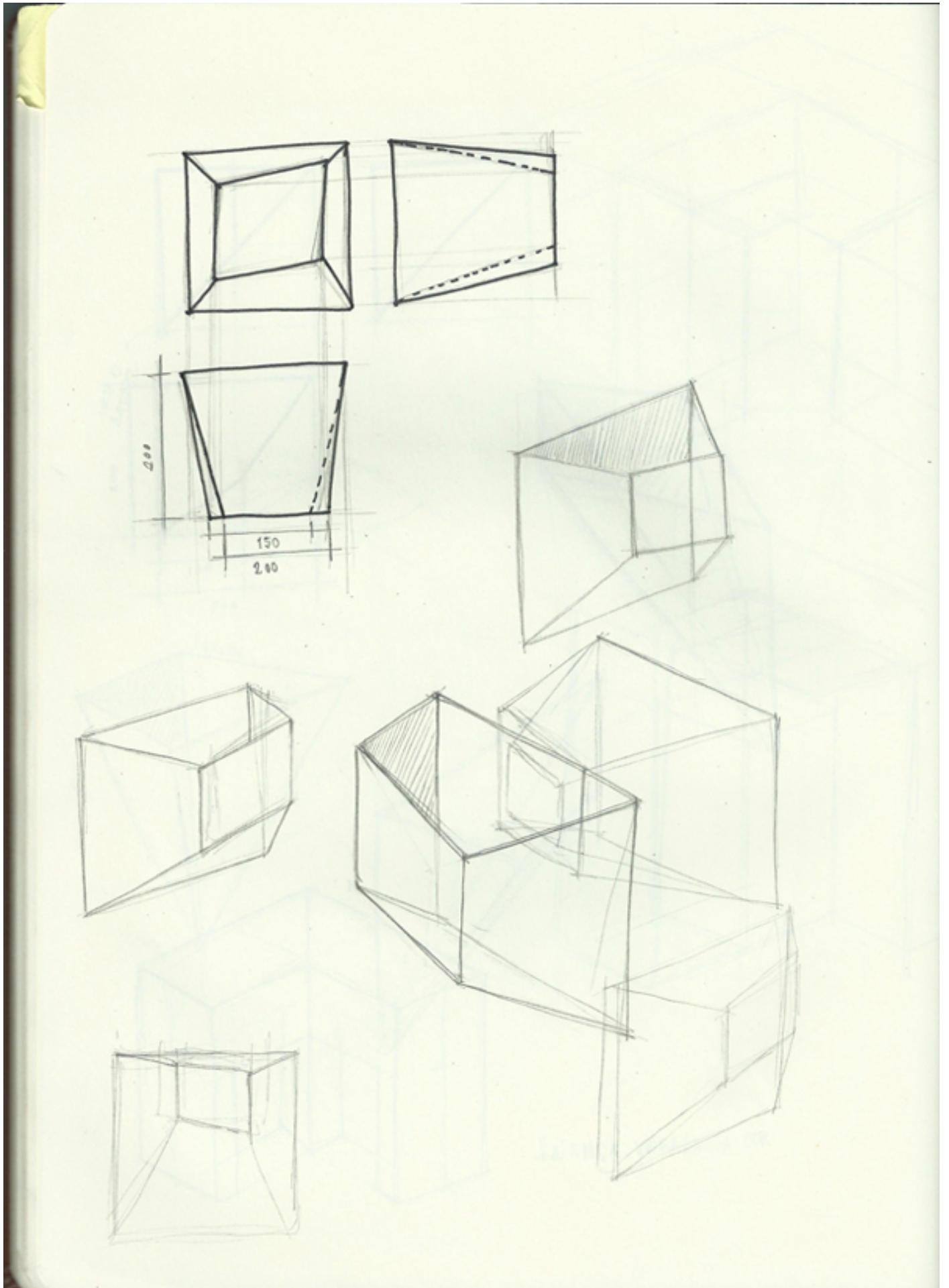
VASOS DE MANGERICÃO

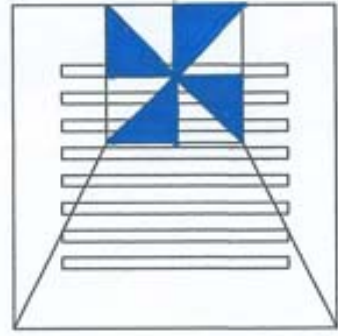
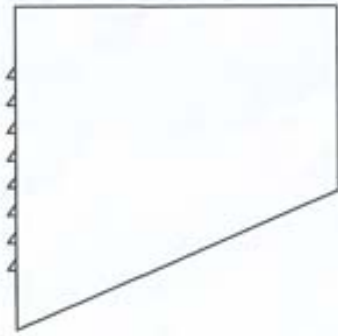
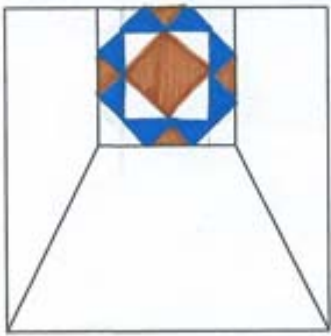
(S)





ocupa\_4.jpg





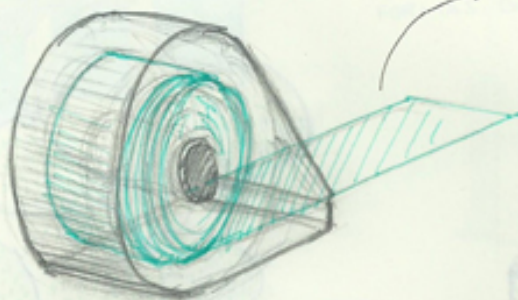
ocupa\_vidrado1.jpg



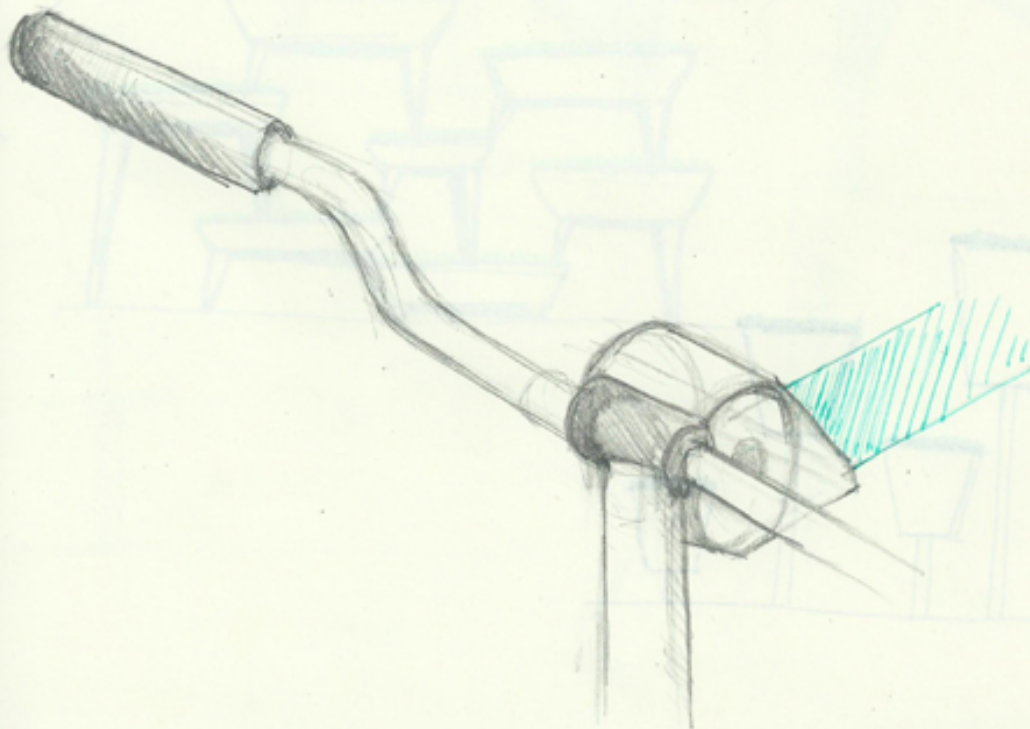
# MOBILIDADE

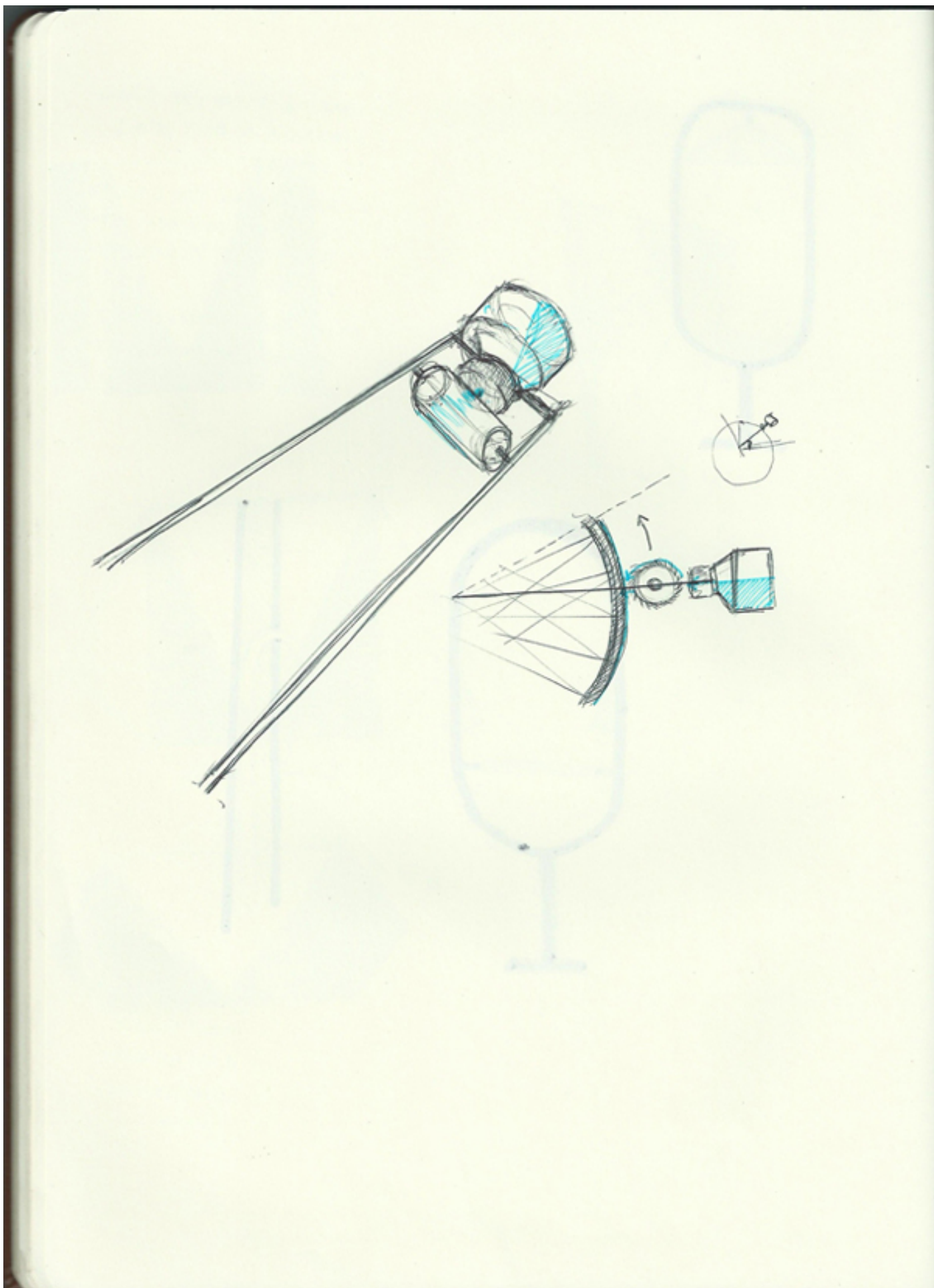


REGISTRAR PERCURSO DAS  
BICICLETAS FORA DA CICLOVIA

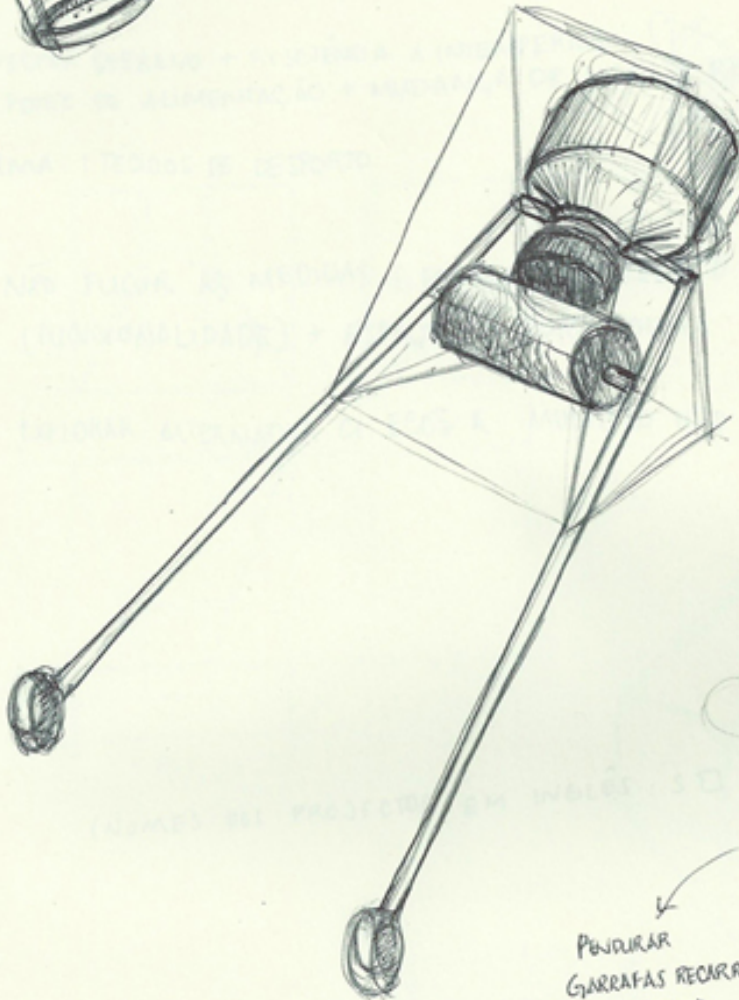


COLA DESTE LADO!



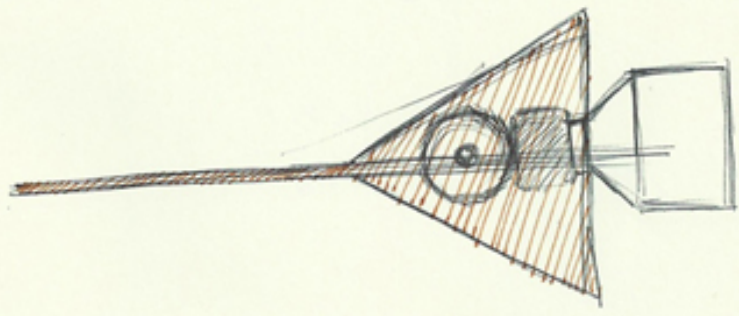


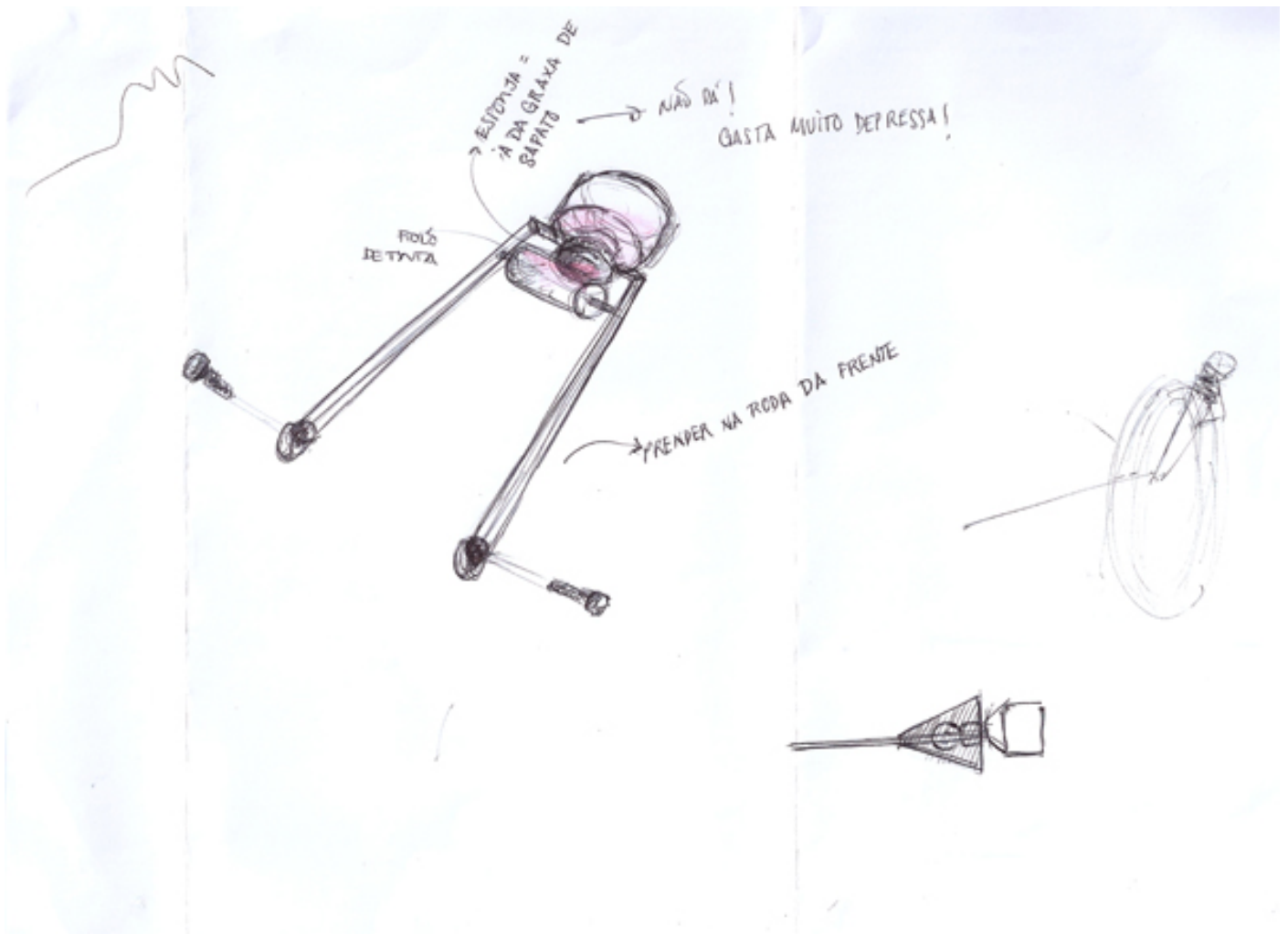
pingo\_2.jpg



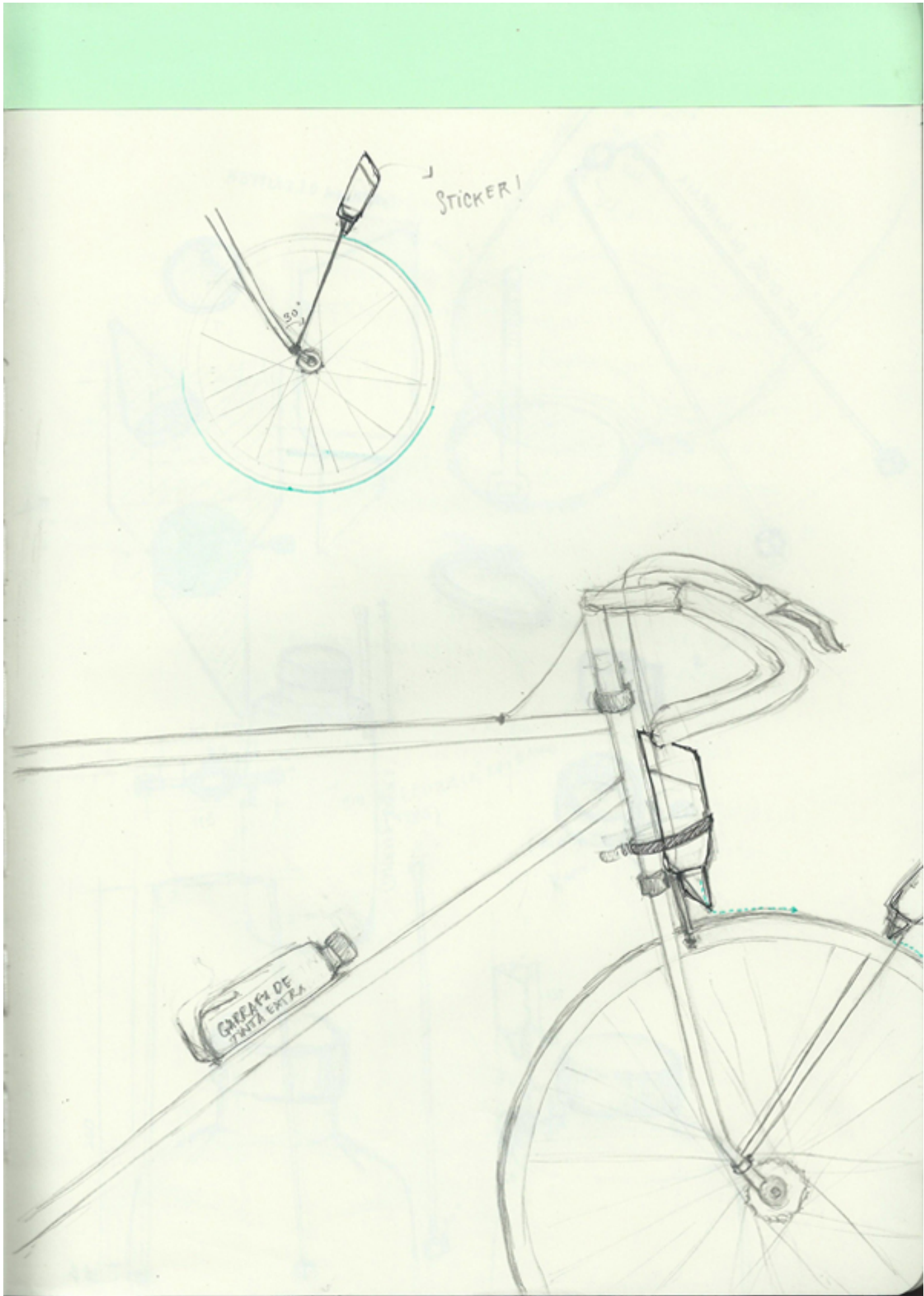
OPEN SOURCE!  
(DIY)

PENDURAR  
GARRAFAS RECARREGÁVEIS  
NA BICICLETA



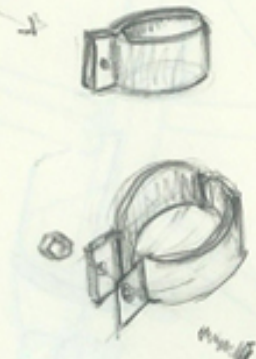
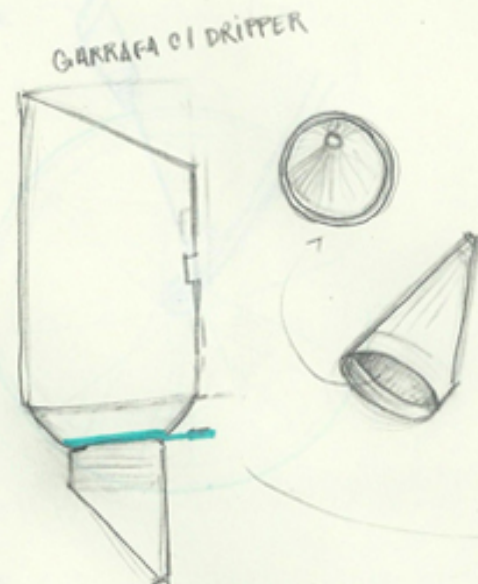
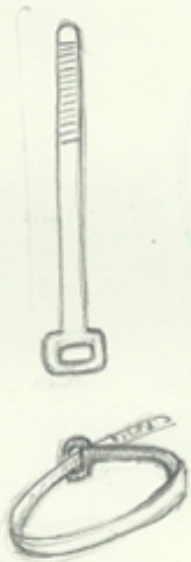
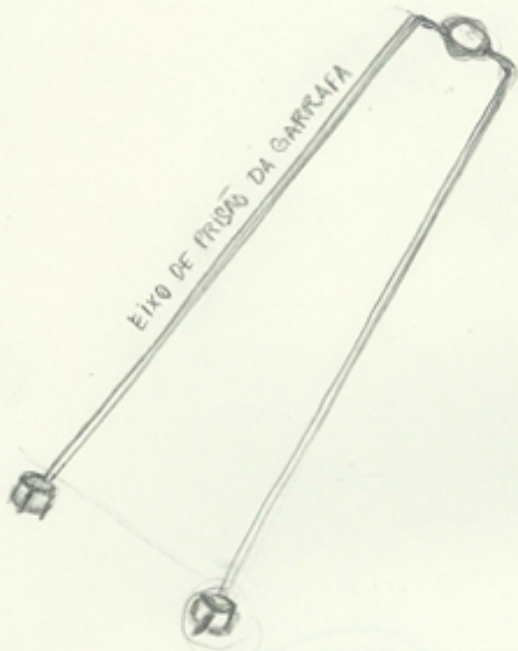


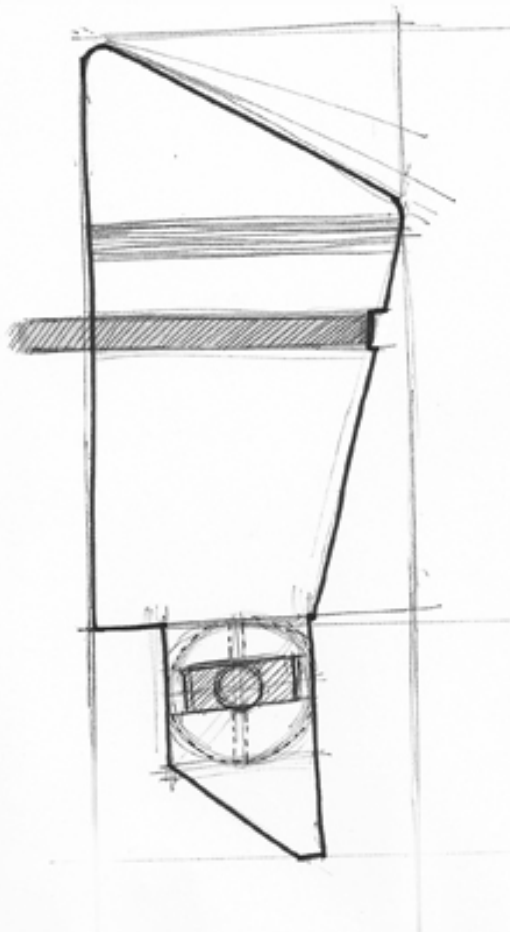
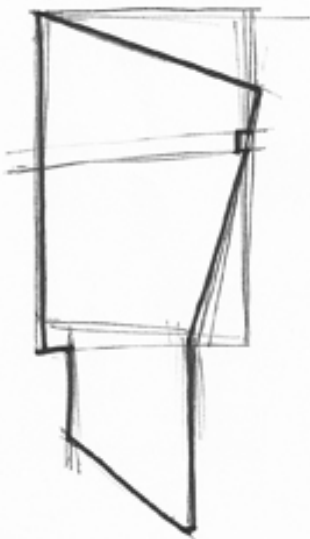
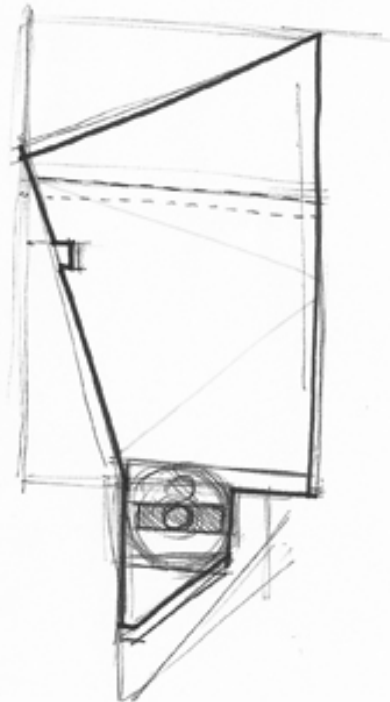
pingo\_4.jpg

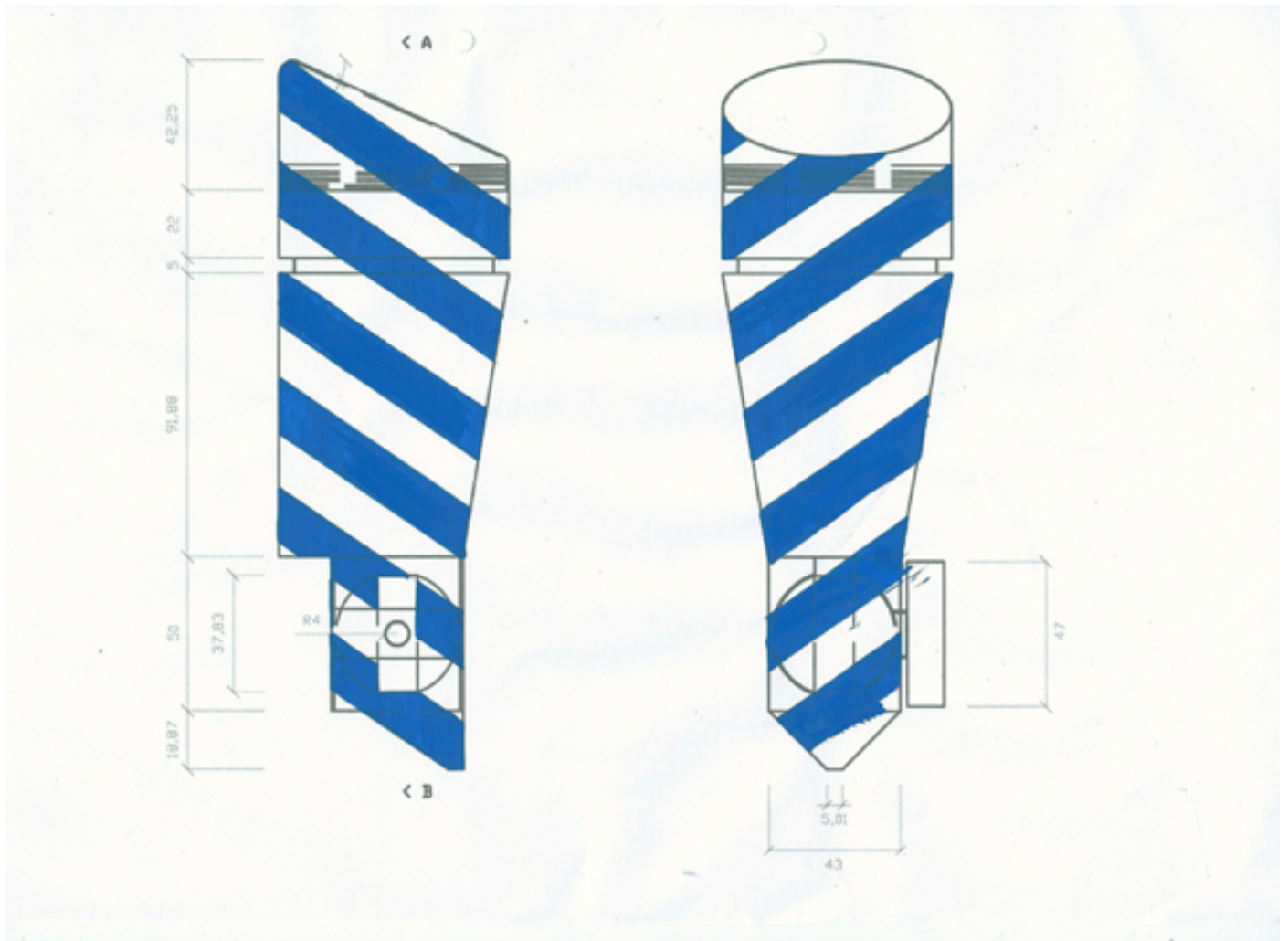


pingo\_5.jpg

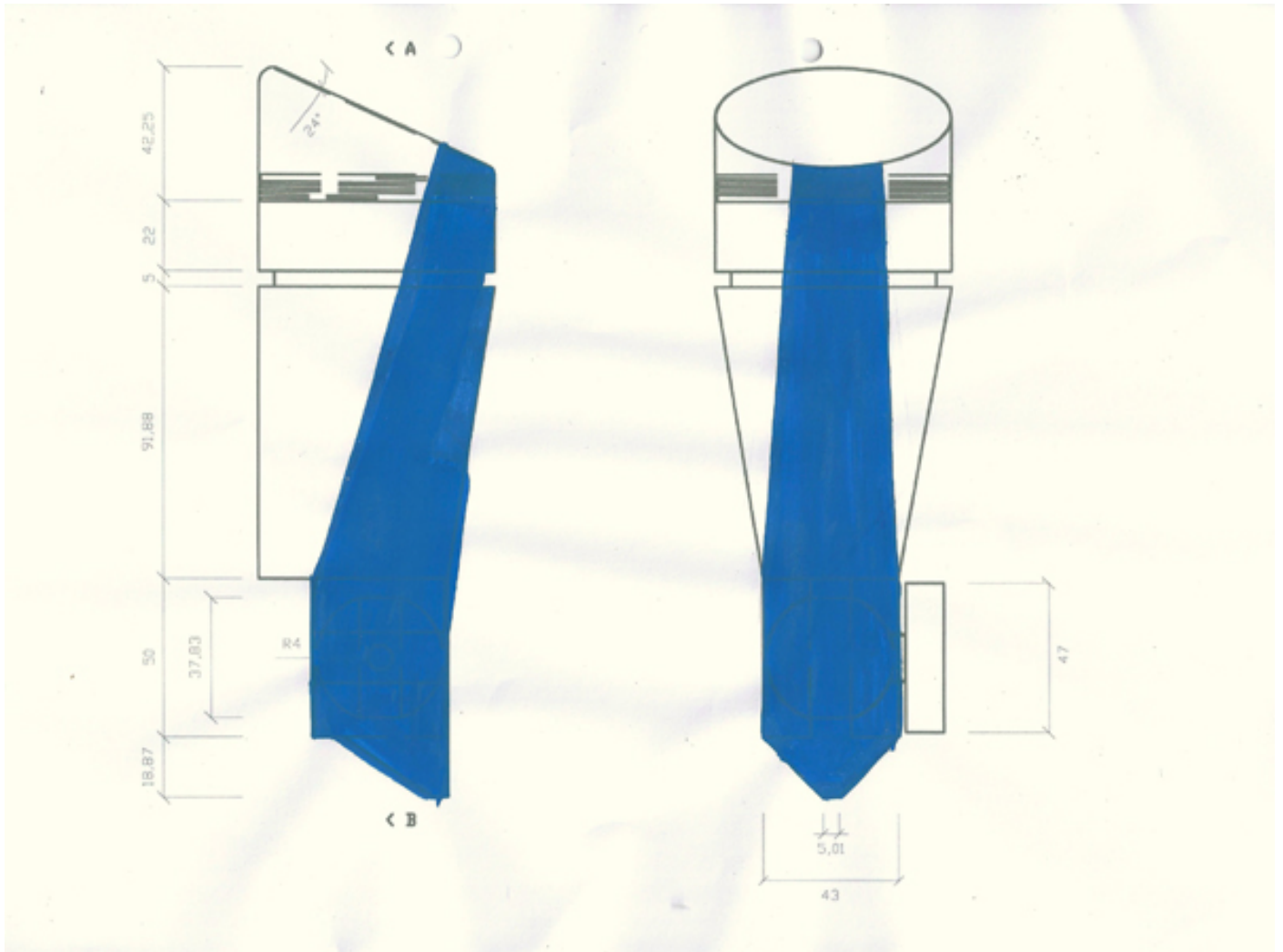
# KIT DE VENDA



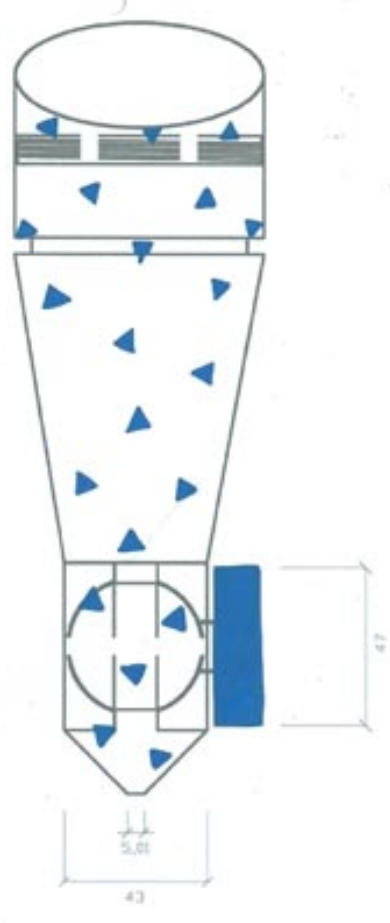




pingo\_decor\_1.jpg



pingo\_decor\_3 (2).jpg



pingo\_decor\_3.jpg



























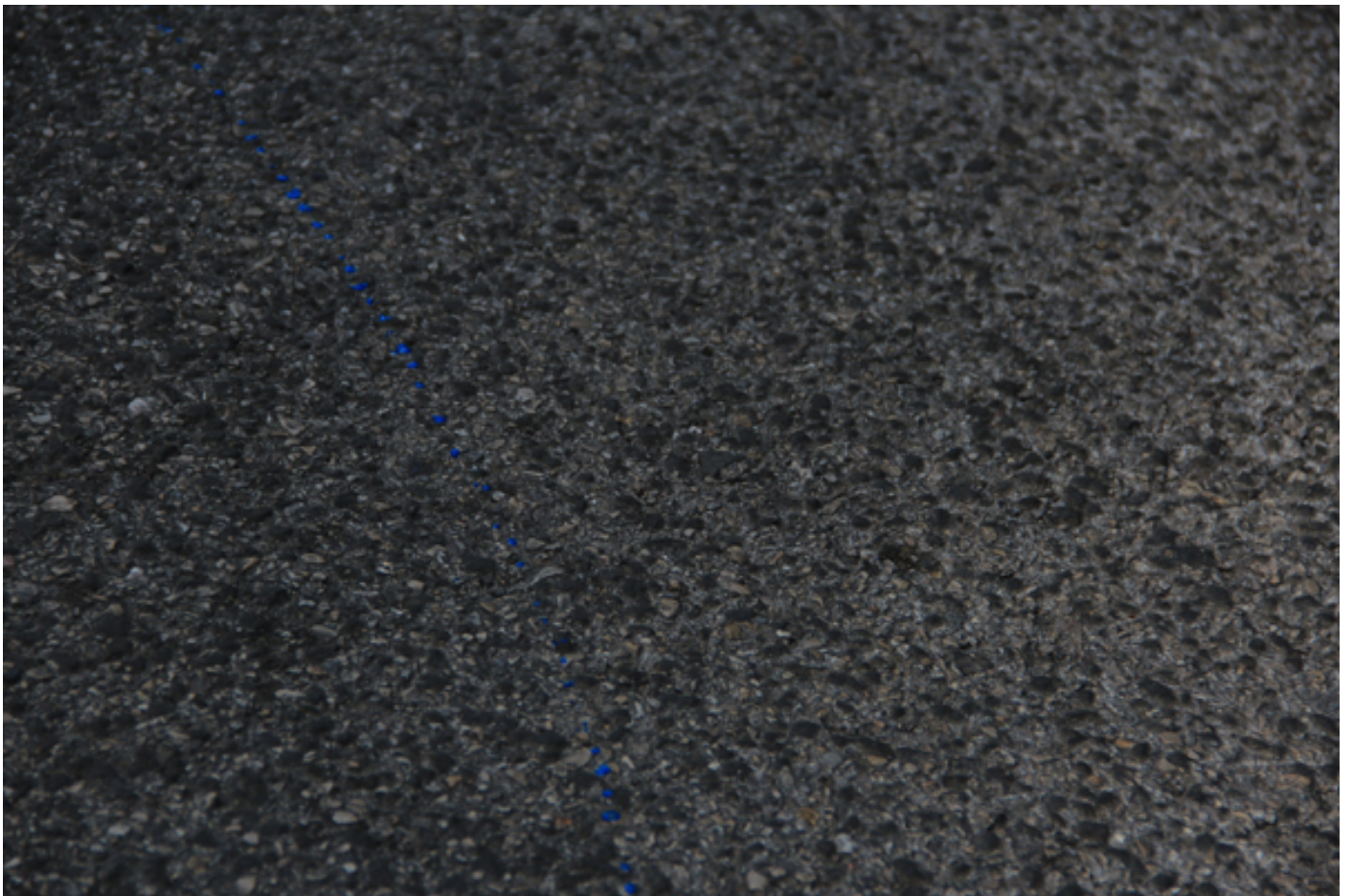




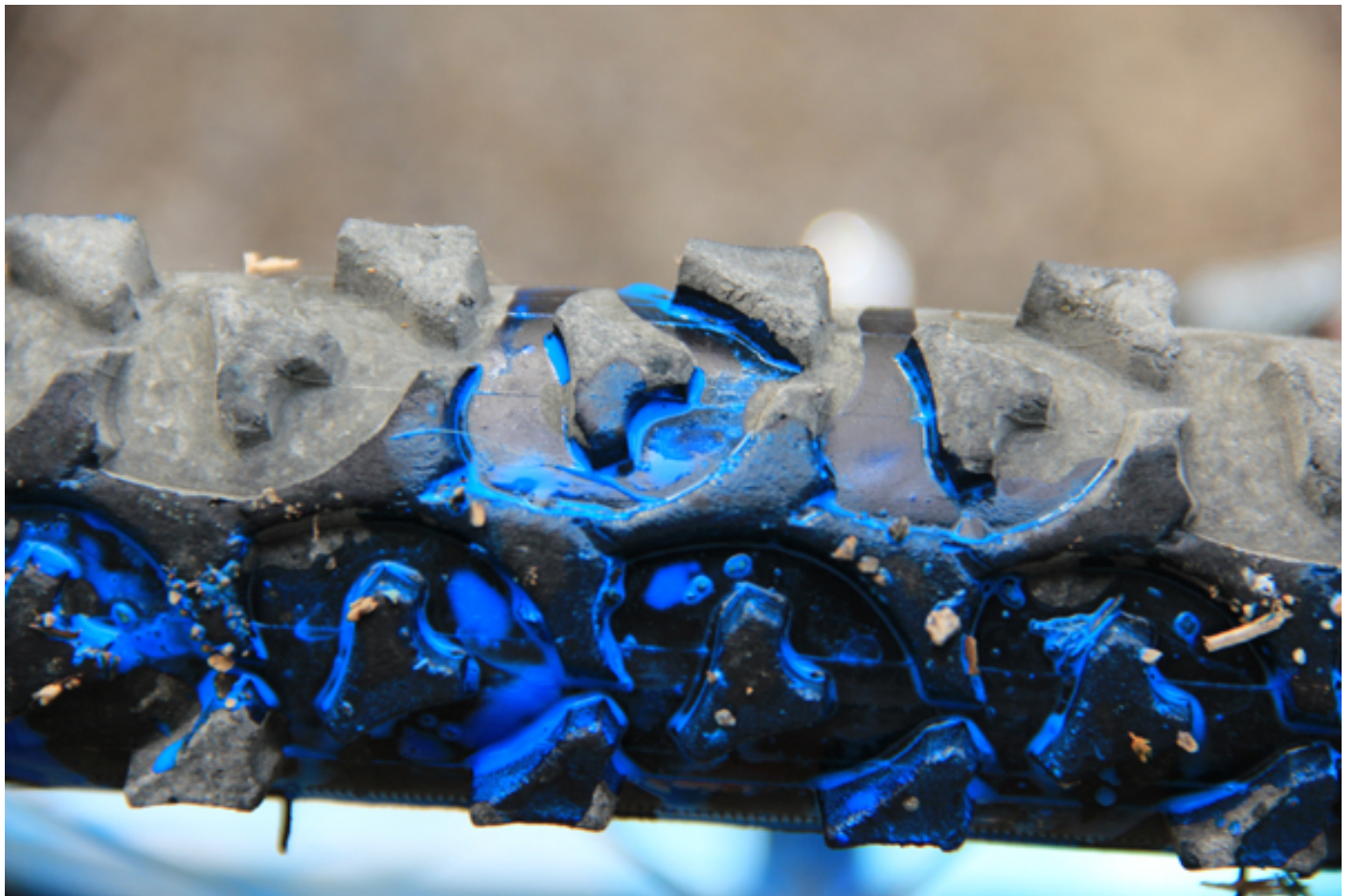














1.JPG



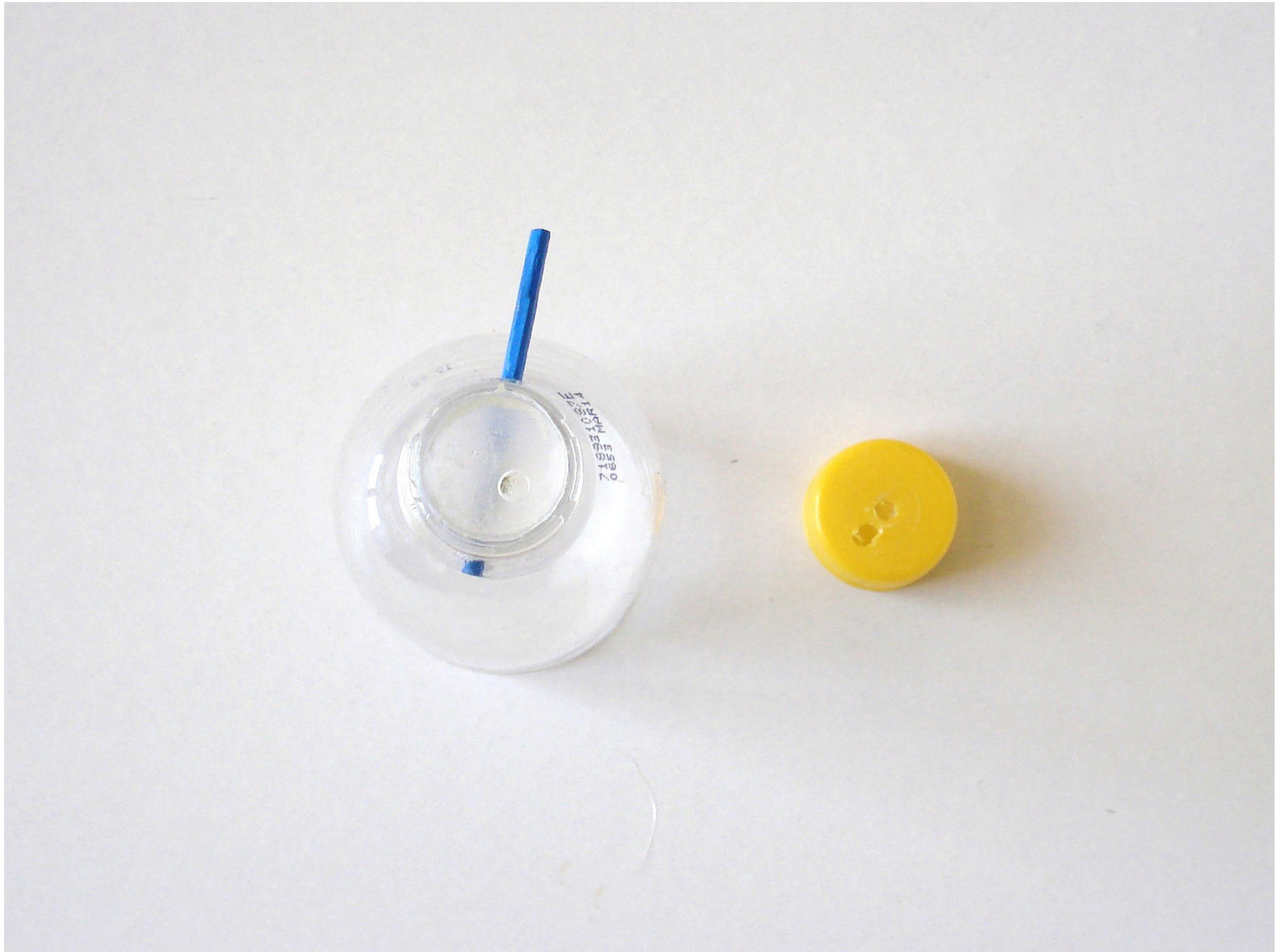
2.JPG



3.JPG



4.JPG



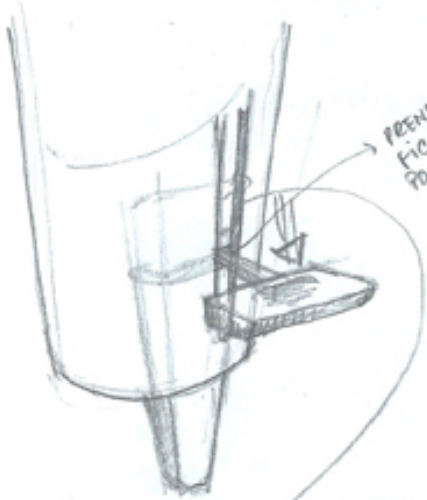
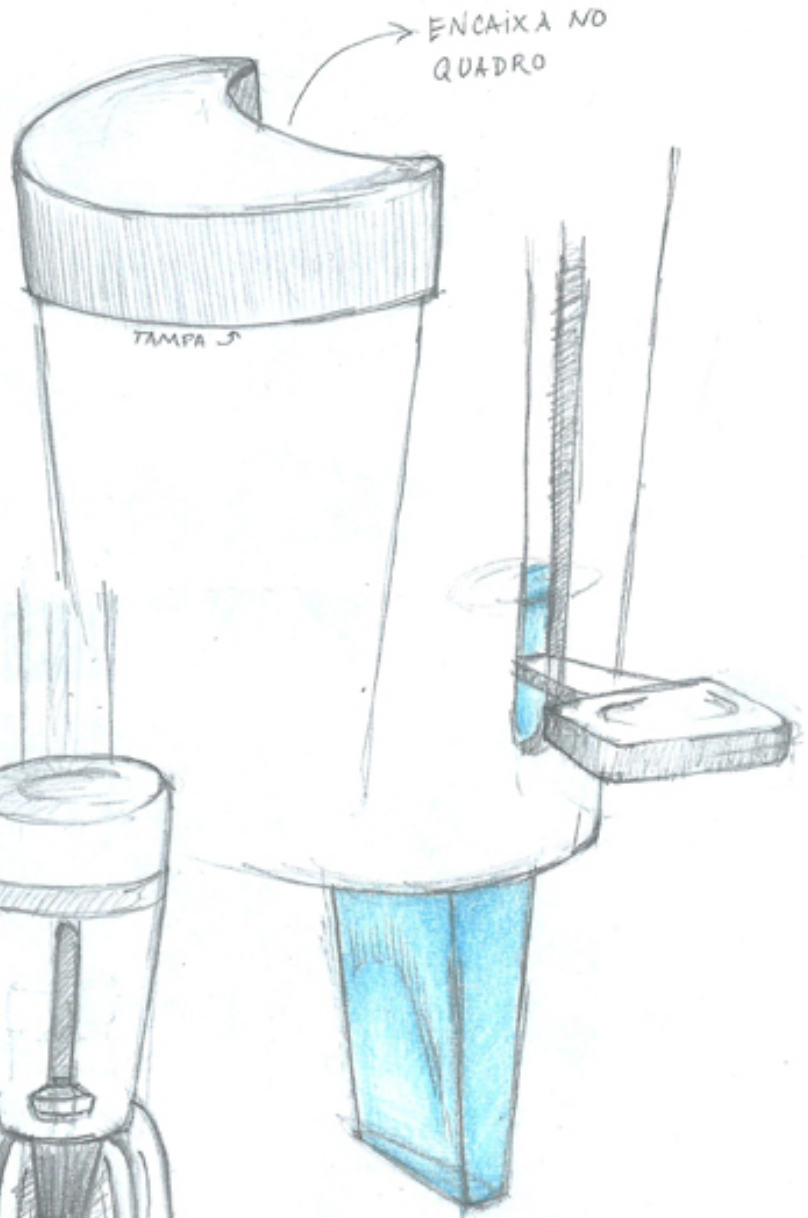
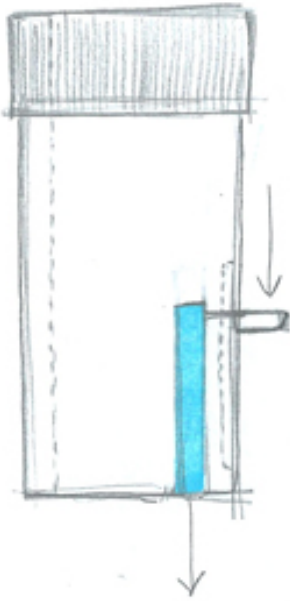
5.JPG

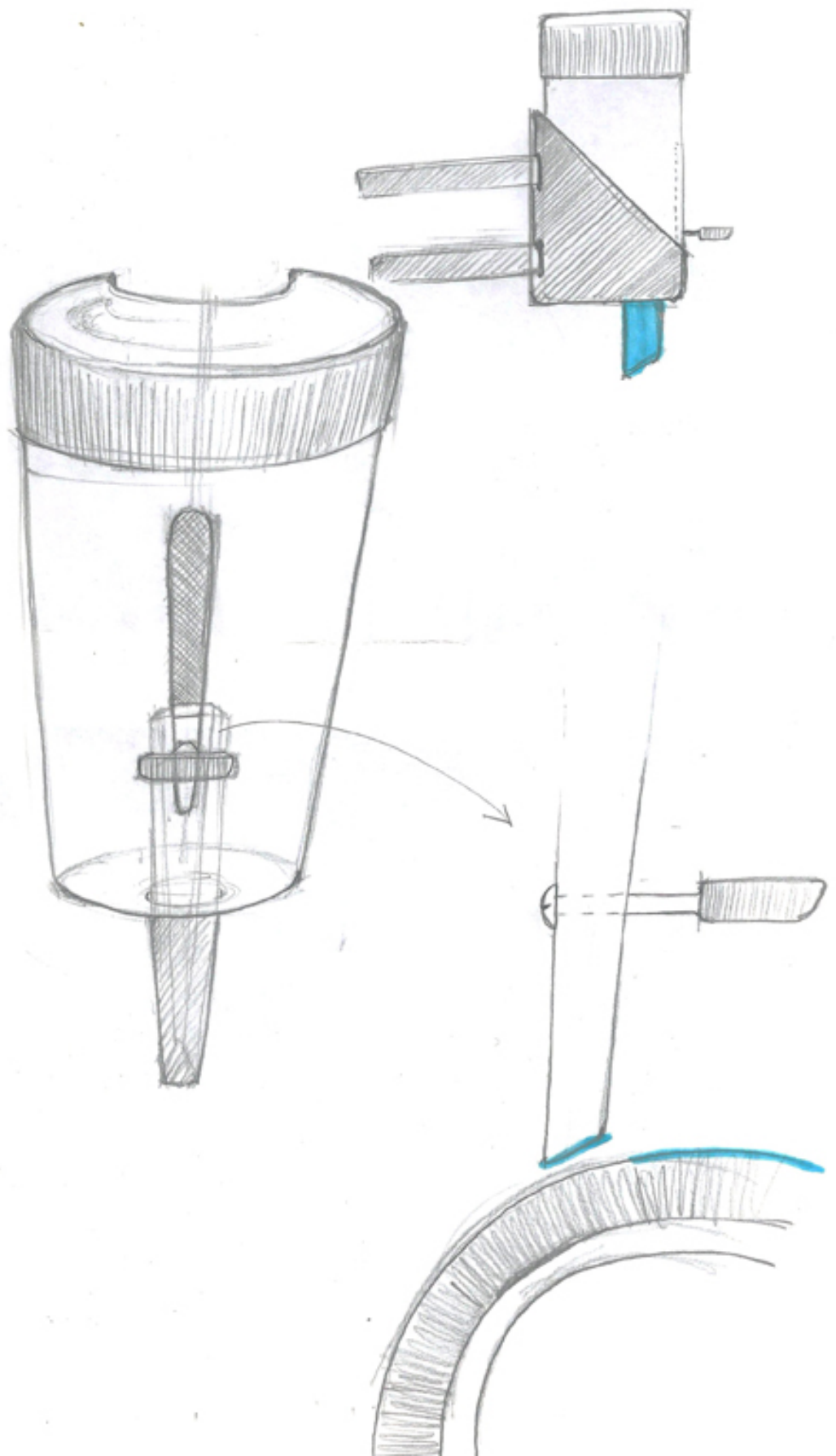


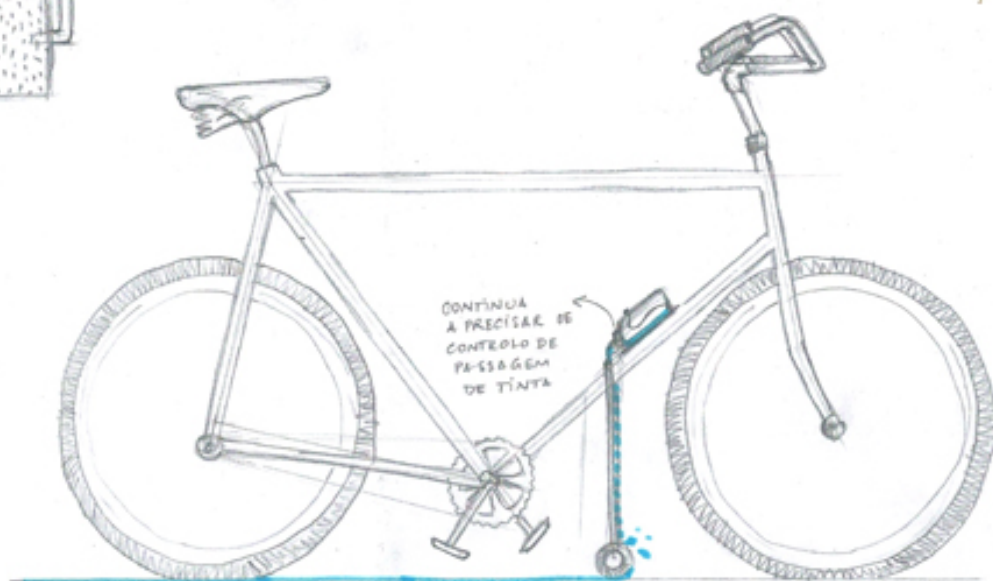
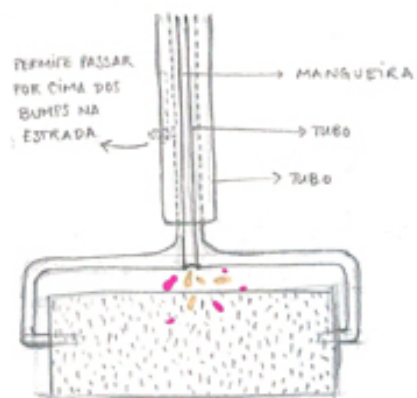
6.JPG



7.JPG







## DINÂMICA SOCIO-CULTURAL BAIRRISTA

Registo de conversa informal



**J.F.:** Benfica

**Entrevistando/a:** Inês Coelho (Secretária da Presidente da Junta)

- *Qual é a faixa etária média dos moradores?*

Não existem dados sobre a distribuição etária da população do Bairro da Boavista, pois os Censos 2011 só dão informações até ao nível da Freguesia.

Apesar de se saber que existem emigrantes, é impossível afirmar quantos existem e quais as nacionalidades, pelo mesmo motivo.

- *Que tipo de função desempenha este bairro?*

É um bairro habitacional.

- *Que tipo de sectores se pode aqui encontrar?*

Principalmente actividades económicas do sector terciário.

- *Podem ainda encontrar-se no bairro profissionais ligados á manufactura? De que especialização?*

Actualmente, não.

- *Enquanto zona de trabalho, acolhe mais escritórios ou serviços?*

Mais serviços: cafés, Instituições Sociais, lojas de roupa, supermercados, padarias, farmácia, entre outros.

- *Atrai turismo? Porquê?*

Não, porque, na nossa opinião, é um bairro social afastado do centro da cidade.

- *Possui algum ponto de encontro e interacção entre os moradores? Com que frequência é utilizado e que tipo de afluência tem?*

Um dos principais pontos de encontro e interação entre os moradores do Bairro da Boavista é o Café "Aidinha", que se situa na rua principal do Bairro. Outro ponto de interesse é a Associação de Reformados do Bairro da Boavista, que concentra também bastantes moradores reunidos durante o dia.

- *Existe algum evento celebrado no bairro? Qual? Qual o nível de adesão?*

O Bairro da Boavista tem vários eventos de cariz cultural e tradicional, que se realizam ao longo do ano. Por exemplo, em Março celebram-se as Festas de São José (padroeiro do Bairro), em Junho realiza-se o arraial dos Santos Populares e em Outubro celebra-se o aniversário do Bairro. Estes eventos contam sempre com bastante adesão por parte dos moradores, que aproveitam estes momentos de convívio para fortalecer os laços de união.

- *O passado histórico do bairro tem ainda alguma influência sobre a vivência do mesmo?*  
Aquando da sua criação, o Bairro da Boavista destinava-se à população com carências económicas, que viviam em barracas espalhadas pela cidade de Lisboa. Atualmente, as casas são geridas pela Empresa Municipal GEBALIS – Gestão dos Bairros de Lisboa, sendo ainda destinadas à população carenciada.
  
- *Que tipo de relação é que os residentes têm entre si?*  
Maioritariamente de união e de pertença ao Bairro.
  
- *Existe algum tipo de comércio ambulante no bairro?*  
Existe, pelas ruas.

*Tese de Mestrado*

Orientador: Fernando Brízio

Co-orientador: Rita João



## DINÂMICA SOCIO-CULTURAL BARRISTA

Registo de conversa informal



**J.F.:** Graça

**Entrevistando/a:** Beatriz Marculino (Secretaria)

- *Qual é a faixa etária média dos moradores?*

Embora existam cada vez mais estrangeiros (principalmente franceses) a residir no bairro, a maioria dos residentes são idosos.

- *Que tipo de função desempenha este bairro?*

Bairro residencial.

- *Que tipo de sectores se pode aqui encontrar?*

O bairro foi quase que completamente ocupado por lojas pertencentes a chineses e indianos.

- *Podem ainda encontrar-se no bairro profissionais ligados á manufactura? De que especialização?*

Apenas um sapateiro.

- *Enquanto zona de trabalho, acolhe mais escritórios ou serviços?*

Serviços, ainda que poucos, apenas os essenciais.

- *Atrai turismo? Porquê?*

Sim, atrai turismo, principalmente devido ás villas operárias e ao miradouro da Sra. Do Monte.

- *Que tipo de relação é que os residentes têm entre si?*

Os residentes conhecem-se entre si e mantêm uma relação cordial.

- *Possui algum ponto de encontro e interacção entre os moradores? Com que frequência é utilizado e que tipo de afluência tem?*

A população encontra-se dispersa por diversos cafés. Entre eles destacam-se a Estrela da Graça e a pastelaria Cabreira & Ideal.

- *Existe algum evento celebrado no bairro? Qual? Qual o nível de adesão?*

As Marchas Infantis, em Julho, organizadas pela Junta de Freguesia, os Santos Populares e as Marchas da Graça, organizadas pelo Grupo Desportivo da Graça.

- *O passado histórico do bairro tem ainda alguma influência sobre a vivência do mesmo?*

A história do bairro e o modo como aí se vivia e convivia nada tem a ver com a actualidade.

- *Existe algum tipo de comércio ambulante no bairro?*  
Sim, a feira urbana da Graça, realizada no último fim-de-semana de cada mês.



## DINÂMICA SOCIO-CULTURAL BARRISTA

Registo de conversa informal

**J.F.:** Madalena

**Entrevistando/a:** Rosa Gama (Secretaria)



- *Qual é a faixa etária média dos moradores?*

A população do bairro é quase totalmente pobre e idosa. Começa agora a ser procurado por casais jovens de classe média.

- *Que tipo de função desempenha este bairro?*

É um bairro especialmente dedicado ao comércio.

- *Que tipo de sectores se pode aqui encontrar?*

Restauração, lojas de ortopedia, ervanárias, boutiques de roupa, entre outras.

- *Podem ainda encontrar-se no bairro profissionais ligados á manufactura? De que especialização?*

Já não.

- *Enquanto zona de trabalho, acolhe mais escritórios ou serviços?*

A maioria dos escritórios existentes encontra-se fechada e pertenciam a despachantes oficiais.

- *Atrai turismo? Porquê?*

Sim. Esta é uma freguesia de ligação entre quatro pontos turísticos: o Martim Moniz, a Mouraria, Alfama e o castelo de São Jorge. É um local por onde a maioria dos turistas passam que quase que desempenha o papel de ponto de informação, sendo que as pessoas que aqui trabalham e vivem estão já habituadas a fornecer indicações aos visitantes.

- *Que tipo de relação é que os residentes têm entre si?*

Dada a predominância pela construção em altura e a faixa etária predominante dos residentes, estes não convivem e não se conhecem, vivendo extremamente isolados.

- *Possui algum ponto de encontro e interacção entre os moradores? Com que frequência é utilizado e que tipo de afluência tem?*

Não, não existe nenhum ponto de encontro público ou semi-público.

- *Existe algum evento celebrado no bairro? Qual? Qual o nível de adesão?*

A Junta de Freguesia organiza todos os anos noites de fados, sardinhas e passeios de idosos, celebra o carnaval e o São Martinho, integrando ainda programas ligados pela Câmara Municipal de Lisboa, como o programa Intervir e o Envelhecimento Activo e Saudável. Estes são eventos aos quais os residentes costumam aderir.

- *O passado histórico do bairro tem ainda alguma influência sobre a vivência do mesmo?*  
Não, de todo.
  
- *Existe algum tipo de comércio ambulante no bairro?*  
Não.



## DINÂMICA SOCIO-CULTURAL BAIRRISTA

Registo de conversa informal



**J.F.:** Santos-o-Velho

**Entrevistando/a:** José Peres (Marceneiro da Junta de Freguesia e residente)

- *Qual é a faixa etária média dos moradores?*

Na Madragoa vivem pessoas de todas as idades, predominantemente casais e agregados familiares. Começa agora a ser um bairro atractivo também para os estrangeiros.

- *Que tipo de função desempenha este bairro?*

É um bairro residencial e turístico.

- *Que tipo de sectores se pode aqui encontrar?*

Essencialmente comércio local, ainda que precário, uma vez que as lojas não conseguem manter-se abertas durante muito tempo.

- *Podem ainda encontrar-se no bairro profissionais ligados á manufactura? De que especialização?*

Sim. Marceneiros, estucadores, canalizadores, carpinteiros, folineiros, serralheiros, electricistas, entre outros profissionais, principalmente ligados á construção.

- *Enquanto zona de trabalho, acolhe mais escritórios ou serviços?*

Na Rua da Esperança existem alguns escritórios de informática e artes gráficas, mas o resto do bairro é ocupado por hotéis e restaurantes.

- *Atrai turismo? Porquê?*

Sim, é um bairro histórico.

- *Que tipo de relação é que os residentes têm entre si?*

Os moradores da Madragoa mantêm uma relação familiar entre si, ainda que se possa assistir a eventuais desentendimentos entre vizinhos, devido a questões profissionais ou financeiras.

- *Possui algum ponto de encontro e interacção entre os moradores? Com que frequência é utilizado e que tipo de afluência tem?*

A Junta de Freguesia é bastante frequentada pela maioria dos moradores, apenas para efeitos de convívio.

- *Existe algum evento celebrado no bairro? Qual? Qual o nível de adesão?*

São celebradas as marchas e os santos populares e o Esperança Futebol Clube e o Vendedor de Jornais Futebol Clube organizam bailes de carnaval.

- *O passado histórico do bairro tem ainda alguma influência sobre a vivência do mesmo?*  
O passado do bairro encontra-se ainda presente e conservado entre os residentes, uma vez que vivem aí diversas gerações da mesma família. Isto é, uma pessoa nasce, cresce, trabalha e constitui família na Madragoa, sendo que futuramente os seus filhos irão fazer o mesmo.

- *Existe algum tipo de comércio ambulante no bairro?*  
No largo da Av. D. Carlos I são montadas ocasionalmente feiras de artesanato.

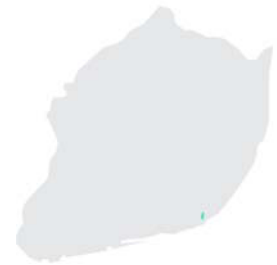


## DINÂMICA SOCIO-CULTURAL BAIRRISTA

Registo de conversa informal

**J.F.:** São Miguel

**Entrevistando/a:** Susana Moura (Secretaria)



- *Qual é a faixa etária média dos moradores?*

O bairro possui uma população envelhecida, predominantemente portuguesa e caucasiana. Embora os estrangeiros fiquem extremamente atraídos pelo bairro, nunca aí residem por muito tempo, devido à localização geográfica, às condições de mobilidade e estacionamento.

- *Que tipo de função desempenha este bairro?*

Residencial e turístico.

- *Que tipo de sectores se pode aqui encontrar?*

Comércio de artesanato e restauração.

- *Podem ainda encontrar-se no bairro profissionais ligados à manufactura? De que especialização?*

Encontra-se ainda uma lavadeira, um latoeiro, um serralheiro e costureiras.

- *Enquanto zona de trabalho, acolhe mais escritórios ou serviços?*

Estão instalados muitos escritórios de despachantes oficiais na freguesia e existe ainda um atelier de artes plásticas.

- *Atrai turismo? Porquê?*

Sim, é um bairro histórico e uma das maiores atracções turísticas de Lisboa.

- *Que tipo de relação é que os residentes têm entre si?*

Existe uma relação próxima entre os residentes.

- *Possui algum ponto de encontro e interacção entre os moradores? Com que frequência é utilizado e que tipo de afluência tem?*

A maioria dos residentes encontra-se espalhada por grupos de amigos entre o Galego, o “Sr. Fernando da Leitaria” (Leitaria Manchinha), “a Sra. Helena” (Café Loureço Lda.), e “o Sr. Manel” (café Castelo Picão). Estes grupos de amigos encontram-se todos os dias à mesma hora em cada café.

- *Existe algum evento celebrado no bairro? Qual? Qual o nível de adesão?*

A festa do porco (organizada pela associação Odissence), o fado ao longo do mês de Junho e a procissão das velas, que antecede as celebrações do Santo António.  
“Ninguém é religioso mas toda a gente vai!”

- *O passado histórico do bairro tem ainda alguma influência sobre a vivência do mesmo?*  
O espírito de solidariedade e entreaajuda está ainda bastante presente no bairro, tendo este conservado os rituais de convivência, quer através da presença assídua em determinados locais (mercearias ou cafés) ou da celebração de alguns eventos tradicionais.
  
- *Existe algum tipo de comércio ambulante no bairro?*  
De quinze em quinze dias é montada a feira de artesanato.



## DINÂMICA SOCIO-CULTURAL BAIRRISTA

Registo de conversa informal

**J.F.:** São Paulo

**Entrevistando/a:** Olímpia Santos (Secretaria)



- *Qual é a faixa etária média dos moradores?*

A população do bairro é muito diversificada. Embora na Rua da Bica Duarte Belo os residentes sejam maioritariamente idosos, é possível observar no resto do bairro grande quantidade de agregados familiares, grande parte deles constituídos por emigrantes brasileiros e cabo verdianos.

- *Que tipo de função desempenha este bairro?*

A Bica é um bairro residencial.

- *Que tipo de sectores se pode aqui encontrar?*

O bairro é principalmente ocupado por restauração e hotelaria, mais especificamente por hostels. O comércio local está praticamente extinto, existindo apenas escassas lojas de recordações e de artesanato.

- *Podem ainda encontrar-se no bairro profissionais ligados á manufactura? De que especialização?*

Não.

- *Enquanto zona de trabalho, acolhe mais escritórios ou serviços?*

Nesta zona não existem escritórios e os serviços de saúde encontram-se distribuídos pela Baixa e pelo Bairro Alto.

- *Atrai turismo? Porquê?*

Sim. Esta é uma zona de atracção turística devido ao elevador da Bica e á vida nocturna da Rua da Bica Duarte Belo.

- *Que tipo de relação é que os residentes têm entre si?*

A relação entre os vizinhos é muito hostil. Os desacatos entre os residentes mais antigos são frequentes, bem como as queixas de barulho durante a noite, proveniente quer da rua como das casas alugadas a estrangeiros.

- *Possui algum ponto de encontro e interacção entre os moradores? Com que frequência é utilizado e que tipo de afluência tem?*

Não.

- *Existe algum evento celebrado no bairro? Qual? Qual o nível de adesão?*

As marchas, organizadas pelo Marítimo Lisboa Clube, e os santos populares.

- *O passado histórico do bairro tem ainda alguma influência sobre a vivência do mesmo?*  
Não.

- *Existe algum tipo de comércio ambulante no bairro?*  
Não.

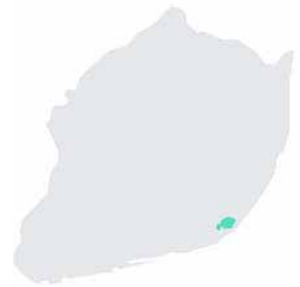


## DINÂMICA SOCIO-CULTURAL BARRISTA

Registo de conversa informal

**J.F.:** São Vicente de Fora

**Entrevistando/a:** Joana Janeiro (Secretaria)



- *Qual é a faixa etária média dos moradores?*

A maioria dos residentes são idosos, embora recentemente exista maior número de moradores de meia-idade.

- *Que tipo de função desempenha este bairro?*

É um bairro residencial histórico.

- *Que tipo de sectores se pode aqui encontrar?*

Hotelaria (hostels), Restauração e comércio local. Recentemente têm aberto cada vez mais lojas de produtos gourmet e é notório o crescimento de estabelecimentos dedicados a um público mais jovem e com maior poder económico que o da maioria dos residentes.

- *Podem ainda encontrar-se no bairro profissionais ligados á manufactura? De que especialização?*

Apenas sapateiros e um encadernador que exerce a profissão na sua casa.

- *Enquanto zona de trabalho, acolhe mais escritórios ou serviços?*

Existem alguns ateliers de arquitectura.

Os serviços de saúde da freguesia localizam-se na Graça.

- *Atrai turismo? Porquê?*

Sim, é um bairro histórico onde se encontram alguns muitos pontos atractivos para os turistas, como a feira da ladra, o Panteão, o mosteiro de São Vicente de Fora e a igreja de São Vicente de Fora.

- *Que tipo de relação é que os residentes têm entre si?*

Mantêm uma relação familiar e amigável, principalmente na zona mais antiga da freguesia.

- *Possui algum ponto de encontro e interacção entre os moradores? Com que frequência é utilizado e que tipo de afluência tem?*

A maioria dos residentes idosos reúne no Centro de Convívio Ases de Santa Clara e no Centro de Reformados de São Vicente de Fora. A Voz do Operário é também um local que grande parte dos moradores frequenta.

- *Existe algum evento celebrado no bairro? Qual? Qual o nível de adesão?*

A festa de São Vicente, as marchas populares e os santos populares.

- *O passado histórico do bairro tem ainda alguma influência sobre a vivência do mesmo?*  
A vivência de bairro tem-se mantido intacta. A maioria dos residentes é trabalhadora das fábricas da zona e do porto de Lisboa, que estão agora reformados. Estas pessoas conhecem-se já há muito tempo e partilham um passado e uma “condição social” semelhante.
  
- *Existe algum tipo de comércio ambulante no bairro?*  
A feira da ladra.

*Tese de Mestrado*

Orientador: Fernando Brízio

Co-orientador: Rita João

## DINÂMICA SOCIO-CULTURAL BAIRRISTA

Registo de conversa informal



**J.F.:** São João de Brito

**Entrevistando/a:** Levantamento Sócio – Cultural de São João de Brito (fonte)

- *Qual é a faixa etária média dos moradores?*  
Apesar de grande parte dos moradores serem idosos, vivem no bairro muitos jovens e famílias.
- *Que tipo de função desempenha este bairro?*  
É um bairro residencial.
- *Que tipo de sectores se pode aqui encontrar?*  
Comércio local e restauração.
- *Podem ainda encontrar-se no bairro profissionais ligados á manufactura? De que especialização?*  
Não.
- *Enquanto zona de trabalho, acolhe mais escritórios ou serviços?*  
É uma zona rica em serviços ligados á saúde e ao apoio social, especialmente direccionado para os idosos.
- *Atrai turismo? Porquê?*  
Não. Apesar de despertar o interesse de pessoas interessada na história do desenvolvimento da área metropolitana de Lisboa, é um bairro residencial que não se situa no centro histórico da cidade.
- *Que tipo de relação é que os residentes têm entre si?*  
Os moradores que se vivem no bairro há mais tempo mantêm uma relação cordial e os jovens mantêm uma relação de colegas de escola, pelo que a maioria deles frequenta os estabelecimentos de ensino do bairro (Escola Preparatória Do Almirante Gago Coutinho, Escola Eugénio dos Santos, a Escola Secundária Rainha Dona Leonor, a Escola Secundária Padre António Vieira...)
- *Possui algum ponto de encontro e interacção entre os moradores? Com que frequência é utilizado e que tipo de afluência tem?*  
Os cafés “Nova Lisboa”, “Carcassone” e o “Biarritz”, na Avenida da Igreja, são especialmente apreciados pelos residentes do bairro.

- *Existe algum evento celebrado no bairro? Qual? Qual o nível de adesão?*

A Junta de Freguesia organiza algumas iniciativas, como sardinhas, passeios, concursos fotográficos, noites de fados, entre outros. Também a agenda cultural da biblioteca dispõem de numerosas peças de teatro entre outros eventos culturais.

- *O passado histórico do bairro tem ainda alguma influência sobre a vivência do mesmo?*  
Não.

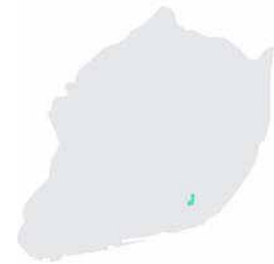
- *Existe algum tipo de comércio ambulante no bairro?*

Esporadicamente são montadas feiras de artesanato.



## DINÂMICA SOCIO-CULTURAL BARRISTA

Registo de conversa informal



**J.F.:** Socorro

**Entrevistando/a:** Rute Moutinho (Secretaria)

- *Qual é a faixa etária média dos moradores?*

Grande parte dos residentes é idosa.

- *Que tipo de função desempenha este bairro?*

É um bairro essencialmente residencial.

- *Que tipo de sectores se pode aqui encontrar?*

Restauração e comércio local.

- *Podem ainda encontrar-se no bairro profissionais ligados á manufactura? De que especialização?*

Trabalham no bairro vários serralheiros e sapateiros.

- *Enquanto zona de trabalho, acolhe mais escritórios ou serviços?*

Não existem escritórios mas podem encontrar-se diversos hotéis.

- *Atrai turismo? Porquê?*

Até recentemente esta não era uma zona particularmente turística, mas graças ao aumento da quantidade de eventos culturais, principalmente ligados ao fado, esta é uma tendência que está a mudar.

- *Que tipo de relação é que os residentes têm entre si?*

Embora todos se conheçam, existe particular ligação entre as pessoas de acordo com a sua cultura e nacionalidade.

- *Possui algum ponto de encontro e interacção entre os moradores? Com que frequência é utilizado e que tipo de afluência tem?*

O restaurante Portas Verdes.

- *Existe algum evento celebrado no bairro? Qual? Qual o nível de adesão?*

Cada vez mais são realizadas noites de fado ao ar livre, á noite. Foi recentemente inaugurada a Casa Severa, uma casa de fados.

- *O passado histórico do bairro tem ainda alguma influência sobre a vivência do mesmo?*

Não.

- *Existe algum tipo de comércio ambulante no bairro?*  
Feiras regionais que apresentam e vendem produtos de diversas zonas do país.



## DINÂMICA SOCIO-CULTURAL BARRISTA

Registo de conversa informal



**J.F.:** Santa Isabel

**Entrevistando/a:** Paula Magalhães (Secretaria)

- *Qual é a faixa etária média dos moradores?*

Os residentes são predominantemente idosos.

- *Que tipo de função desempenha este bairro?*

É um bairro residencial.

- *Que tipo de sectores se pode aqui encontrar?*

Comércio local.

- *Podem ainda encontrar-se no bairro profissionais ligados á manufactura? De que especialização?*

Apenas um marceneiro e um electricista.

- *Enquanto zona de trabalho, acolhe mais escritórios ou serviços?*

É uma zona na qual se encontram instaladas enúmeras empresas e escritórios de advogados.

- *Atrai turismo? Porquê?*

Não, é uma zona residencial sem qualquer ponto atractivo do ponto de visto turístico. Apenas nas imediações existem marcos históricos ou locais atractivos para turistas, como o Jardim da Estrela ou a Mãe D'Água.

- *Que tipo de relação é que os residentes têm entre si?*

Os residentes mantêm uma relação cordial entre si, mantida pela conversa ocasional no espaço público.

- *Possui algum ponto de encontro e interacção entre os moradores? Com que frequência é utilizado e que tipo de afluência tem?*

Os pátios e largos da freguesia, equipados com bancos e adornados com árvores que fornecem sombra ás pessoas que aí se encontram.

- *Existe algum evento celebrado no bairro? Qual? Qual o nível de adesão?*

Para além dos festejos da freguesia de Santa Isabel, a maioria dos eventos que toma lugar na freguesia é de cariz desportivo, dada a abundância de escolas e associações desportivas no bairro, como por exemplo os alunos de Apollo, o Ginásio Clube de Portugal ou o Clube Nacional de Natação.

- *O passado histórico do bairro tem ainda alguma influência sobre a vivência do mesmo?*  
Não.

- *Existe algum tipo de comércio ambulante no bairro?*  
Não.

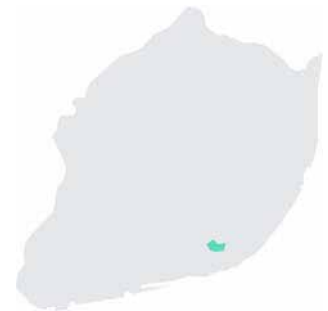


## DINÂMICA SOCIO-CULTURAL BARRISTA

Registo de conversa informal

**J.F.:** Santa Justa

**Entrevistando/a:** Tânia Gonçalves (Secretaria)



- *Qual é a faixa etária média dos moradores?*  
Jovens e adultos (entre os vinte e os quarenta anos de idade) emigrantes, oriundos principalmente da China, do Paquistão, do Bangladesh, da Índia e de Cabo Verde.
- *Que tipo de função desempenha este bairro?*  
É essencialmente um bairro residencial. A maioria do comércio reúne-se na Rua do Benfornoso.
- *Que tipo de sectores se pode aqui encontrar?*  
A restauração.
- *Podem ainda encontrar-se no bairro profissionais ligados á manufactura? De que especialização?*  
Na Casa Forra trabalham profissionais especializados no trabalho com pele.
- *Enquanto zona de trabalho, acolhe mais escritórios ou serviços?*  
É um bairro particularmente direccionado para a hotelaria, para a restauração e para o comércio de material eléctrico, ferramentas e serralharia.
- *Atrai turismo? Porquê?*  
Sim, atrai turismo, por ser uma zona histórica.
- *Que tipo de relação é que os residentes têm entre si?*  
Assiste-se a uma forte segregação cultural neste bairro.
- *Possui algum ponto de encontro e interacção entre os moradores? Com que frequência é utilizado e que tipo de afluência tem?*  
A mesquita da Rua do Benfornoso.
- *Existe algum evento celebrado no bairro? Qual? Qual o nível de adesão?*  
O Festival Todos, um festival que celebra a multiculturalidade.
- *O passado histórico do bairro tem ainda alguma influência sobre a vivência do mesmo?*  
Não, de todo.

- *Existe algum tipo de comércio ambulante no bairro?*  
Feiras regionais ocasionais



## DINÂMICA SOCIO-CULTURAL BAIRRISTA

Registo de conversa informal

**J.F.:** Santo Condestável

**Entrevistando/a:** Maria Cecília Cardoso (Secretaria)



- *Qual é a faixa etária média dos moradores?*

Embora seja uma freguesia tendencialmente envelhecida, a quantidade de jovens que aqui reside ainda é avultada. A maioria dos residentes são portugueses, sendo que a maioria dos emigrantes são de nacionalidade brasileira e reúnem-se principalmente no Arco Carvalhão e na Rua Maria Pia.

- *Que tipo de função desempenha este bairro?*

É um bairro residencial.

- *Que tipo de sectores se pode aqui encontrar?*

Comércio particularmente direccionado para cadeias de lojas e supermercados.

- *Podem ainda encontrar-se no bairro profissionais ligados á manufactura? De que especialização?*

Trabalham na freguesia dois sapateiros e um ceramista que se dedica á azulejaria.

- *Enquanto zona de trabalho, acolhe mais escritórios ou serviços?*

O comércio encontra-se em decadência devido ao preço de aluguer de um espaço e não existem quase escritórios nesta zona.

- *Atrai turismo? Porquê?*

Sim, atrai turismo, graças ao cemitério dos prazeres, uma atracção turística de grande interesse para os estrangeiros.

- *Que tipo de relação é que os residentes têm entre si?*

Os vizinhos estabelecem uma relação muito superficial e baseada numa relação muito directa. Isto é, os únicos vizinhos que os residentes conhecem são aqueles que vivem no seu prédio.

- *Possui algum ponto de encontro e interacção entre os moradores? Com que frequência é utilizado e que tipo de afluência tem?*

O jardim da parada, os centros de idosos e as pastelarias “Hértilas” e “Tentadora”, na Rua Ferreira Borges.

- *Existe algum evento celebrado no bairro? Qual? Qual o nível de adesão?*

O passeio cultural, no último domingo de cada mês.

- *O passado histórico do bairro tem ainda alguma influência sobre a vivência do mesmo?*  
O passado histórico do bairro não exerce qualquer tipo de influência sob os residentes. Actualmente este é um bairro no qual as rendas de habitação são bastante avultadas e o tipo de comércio existente é principalmente direccionado para produtos gourmet.

- *Existe algum tipo de comércio ambulante no bairro?*  
A feira de artesanato, que é montada no terceiro sábado de cada mês.



## DINÂMICA SOCIO-CULTURAL BAIRRISTA

Registo de conversa informal

**J.F.:** Santo Estevão

**Entrevistando/a:** Filomena Pereira (Secretaria)



- *Qual é a faixa etária média dos moradores?*

Maioritariamente idosa, ainda que exista uma quantidade representativa de jovens e estrangeiros de meia-idade, principalmente de nacionalidade inglesa e italiana.

- *Que tipo de função desempenha este bairro?*

É um bairro residencial e turístico.

- *Que tipo de sectores se pode aqui encontrar?*

Comércio de pequena escala.

- *Podem ainda encontrar-se no bairro profissionais ligados á manufactura? De que especialização?*

Existe apenas um alfaiate, todos os artesãos já faleceram.

- *Enquanto zona de trabalho, acolhe mais escritórios ou serviços?*

Apenas a Galeria Perve.

- *Atrai turismo? Porquê?*

Sim, é um bairro histórico e uma das maiores atracções turísticas de Lisboa.

- *Que tipo de relação é que os residentes têm entre si?*

Os residentes conhecem-se entre si e mantêm uma relação relativamente próxima.

- *Possui algum ponto de encontro e interacção entre os moradores? Com que frequência é utilizado e que tipo de afluência tem?*

A população encontra-se dispersa por diversos cafés.

- *Existe algum evento celebrado no bairro? Qual? Qual o nível de adesão?*

No bairro são celebrados os Santos Populares e a procissão de Nossa Senhora de Fátima.

- *O passado histórico do bairro tem ainda alguma influência sobre a vivência do mesmo?*

Embora se tenha tornado num modo de publicitar a cidade, num dos elementos de *city branding* de Lisboa – sendo frequentemente alvo de estereótipos e preconceitos – o bairro mantém ainda alguns hábitos tradicionais do local, como a porta de casa aberta, as alcoviteiras, o cumprimento ao vizinho na rua, a conversa á janela entre duas casas, a entreatajuda...

- *Existe algum tipo de comércio ambulante no bairro?*  
Não.



## DINÂMICA SOCIO-CULTURAL BARRISTA

Registo de conversa informal



**J.F.:** Graça

**Entrevistando/a:** Beatriz Marculino (Secretaria)

- *Qual é a faixa etária média dos moradores?*  
Embora existam cada vez mais estrangeiros (principalmente franceses) a residir no bairro, a maioria dos residentes são idosos.
- *Que tipo de função desempenha este bairro?*  
Bairro residencial.
- *Que tipo de sectores se pode aqui encontrar?*  
O bairro foi quase que completamente ocupado por lojas pertencentes a chineses e indianos.
- *Podem ainda encontrar-se no bairro profissionais ligados á manufactura? De que especialização?*  
Apenas um sapateiro.
- *Enquanto zona de trabalho, acolhe mais escritórios ou serviços?*  
Serviços, ainda que poucos, apenas os essenciais.
- *Atrai turismo? Porquê?*  
Sim, atrai turismo, principalmente devido ás villas operárias e ao miradouro da Sra. Do Monte.
- *Que tipo de relação é que os residentes têm entre si?*  
Os residentes conhecem-se entre si e mantêm uma relação cordial.
- *Possui algum ponto de encontro e interacção entre os moradores? Com que frequência é utilizado e que tipo de afluência tem?*  
A população encontra-se dispersa por diversos cafés. Entre eles destacam-se a Estrela da Graça e a pastelaria Cabreira & Ideal.
- *Existe algum evento celebrado no bairro? Qual? Qual o nível de adesão?*  
As Marchas Infantis, em Julho, organizadas pela Junta de Freguesia, os Santos Populares e as Marchas da Graça,, organizadas pelo Grupo Desportivo da Graça.
- *O passado histórico do bairro tem ainda alguma influência sobre a vivência do mesmo?*  
A história do bairro e o modo como aí se vivia e convivia nada tem a ver com a actualidade.

- *Existe algum tipo de comércio ambulante no bairro?*  
Sim, a feira urbana da Graça, realizada no último fim-de-semana de cada mês.

*Tese de Mestrado*

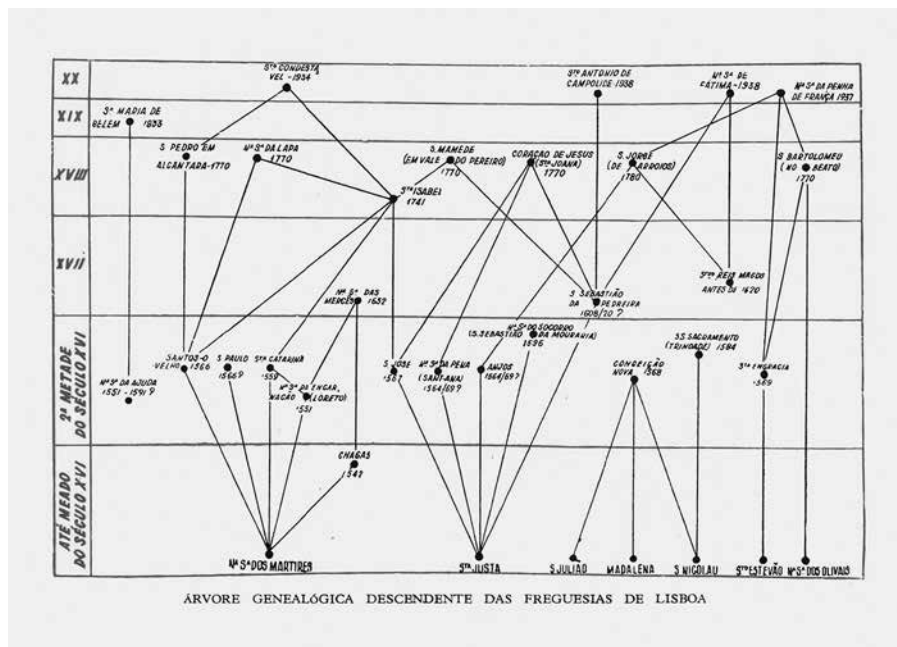
Orientador: Fernando Brízio

Co-orientador: Rita João



# As Freguesias de Lisboa

por José Sarmento de Matos



ser essencialmente administrativa, não se prescindiu de fazer a Igreja participar, de forma expressiva, no esquema final adotado e, em especial, na nomenclatura das novas unidades. Ou seja, nunca se separou a freguesia, conceito administrativo, da paróquia, unidade do múnus religioso.

**As Freguesias da Igreja Moçárabe**  
Este é um tema até hoje pouco explorado da história de Lisboa. A informação é praticamente inexistente e, durante séculos, em especial após a reconquista cristã de 1147, foi uma matéria tabu, sendo repetido que todas as freguesias de Lisboa tinham sido instituídas após a «cristianização» decorrente da referida conquista. Segundo essa interpretação oficial Lisboa era, nessa data, uma cidade exclusivamente muçulmana. No entanto, algumas opiniões mais modernas têm posto em causa esta leitura histórica, baseadas em múltiplos indicadores que se desenvolverão nesta sessão, procurando-se igualmente uma reconstituição aproximada da estrutura da comunidade cristã moçárabe de Lisboa.

- 4 de março**  
A Igreja Moçárabe de Lisboa (séc. IV a séc. XII)
- 11 de março**  
Da reconquista de 1147 à expansão do século XVI
- 18 de março**  
A estrutura anterior ao terramoto e a reforma Pombalina
- 25 de março**  
As freguesias modernas e a reforma em curso

O tema das freguesias de Lisboa está na ordem do dia das preocupações recentes dos responsáveis administrativos da cidade. No entanto, essa focagem tem-se centrado sobretudo sobre as esferas políticas e administrativas, deixando na penumbra (quando não no esquecimento) a evolução histórica milenar que conduziu à situação que hoje se tenta repensar.

Ora o aparecimento sucessivo das freguesias, com picos de novidade em períodos marcantes da história da cidade – como a renovação após a conquista de 1147 ou a “explosão” demográfica do século XVI –, bem como a sua evolução complexa de fusões ou alteração de órgãos merece uma atenção pormenorizada até se chegar à grande reforma pombalina de 1769/70, a última realizada antes daquela a que hoje assistimos.

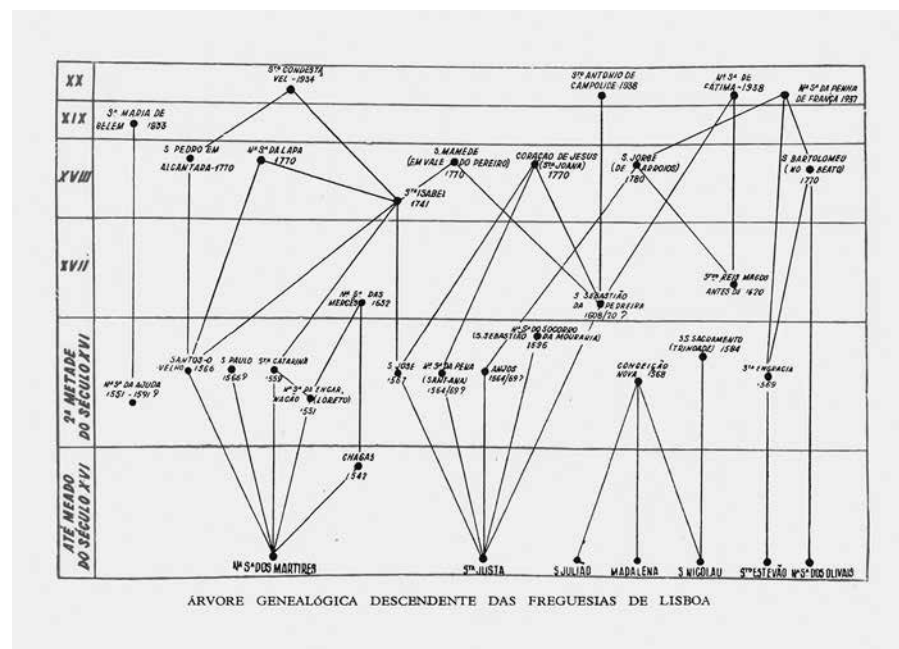
São inúmeras e pertinentes as questões que o tema coloca na reflexão sobre a história da cidade, incluindo mesmo a de entender como a preocupação pós liberal, e sobretudo republicana, de separação entre os universos sacros e laicos nunca “se atreveu” a mexer na estrutura das freguesias, ainda hoje referidas às coordenadas da Igreja Católica.

Um tema, pois, que abarca a história de Lisboa numa perspetiva de longa duração, bem como ilumina algumas fragilidades de poderes sempre muito afirmativos. Ainda hoje, apesar da focagem da reforma

Na sequência da graduação em História de Arte (UNL), **José Sarmento de Matos** dedicou-se ao estudo da Arquitetura Civil de Lisboa, alargando sucessivamente a pesquisa olisipográfica a outros campos da realidade urbana. Tem publicado vários títulos sobre a evolução histórica da cidade e participado em cursos e colóquios sobre temas lisboetas.

# As Freguesias de Lisboa

por José Sarmiento de Matos



#### 4 de março

A Igreja Moçárabe de Lisboa (séc. IV a séc. XII)

#### 11 de março

Da reconquista de 1147 à expansão do século XVI

#### 18 de março

A estrutura anterior ao terramoto e a reforma Pombalina

#### 25 de março

As freguesias modernas e a reforma em curso

O tema das freguesias de Lisboa está na ordem do dia das preocupações recentes dos responsáveis administrativos da cidade. No entanto, essa focagem tem-se centrado sobretudo sobre as esferas políticas e administrativas, deixando na penumbra (quando não no esquecimento) a evolução histórica milenar que conduziu à situação que hoje se tenta repensar.

Ora o aparecimento sucessivo das freguesias, com picos de novidade em períodos marcantes da história da cidade – como a renovação após a conquista de 1147 ou a “explosão” demográfica do século XVI –, bem como a sua evolução complexa de fusões ou alteração de órgãos merece uma atenção pormenorizada até se chegar à grande reforma pombalina de 1769/70, a última realizada antes daquela a que hoje assistimos.

São inúmeras e pertinentes as questões que o tema coloca na reflexão sobre a história da cidade, incluindo mesmo a de entender como a preocupação pós liberal, e sobretudo republicana, de separação entre os universos sacros e laicos nunca “se atreveu” a mexer na estrutura das freguesias, ainda hoje referidas às coordenadas da Igreja Católica.

Um tema, pois, que abarca a história de Lisboa numa perspetiva de longa duração, bem como ilumina algumas fragilidades de poderes sempre muito afirmativos. Ainda hoje, apesar da focagem da reforma

ser essencialmente administrativa, não se prescindiu de fazer a Igreja participar, de forma expressiva, no esquema final adotado e, em especial, na nomenclatura das novas unidades. Ou seja, nunca se separou a freguesia, conceito administrativo, da paróquia, unidade do múnus religioso.

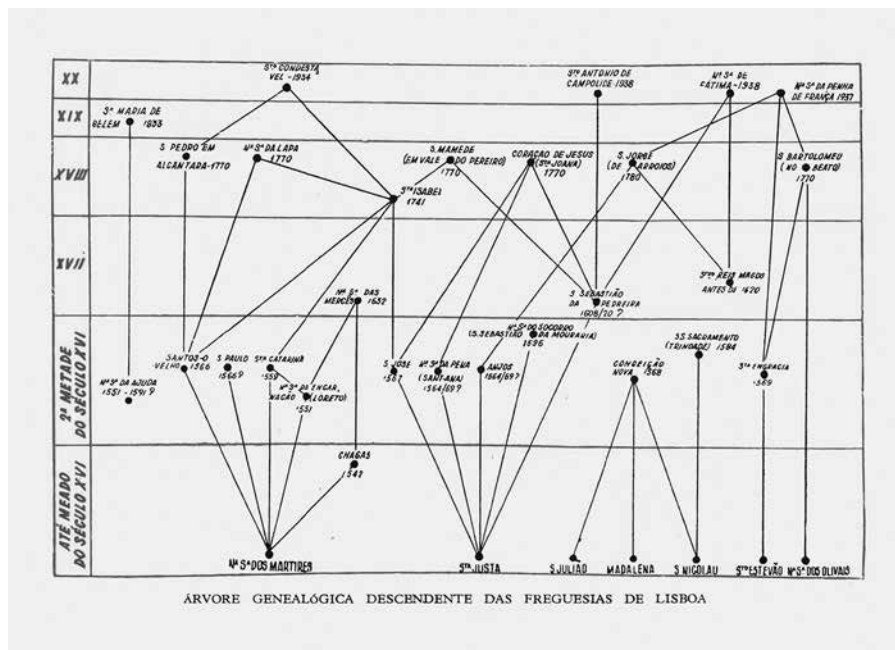
#### Da reconquista de 1147 à expansão do século XVI

Nesta segunda conversa sobre o tema das freguesias de Lisboa, procurar-se-á acompanhar o crescimento da cidade através da criação de novas freguesias. Se, num primeiro momento, até ao início da expansão ultramarina, esse aumento do número de freguesias é escasso, a partir do século XVI dá-se uma verdadeira explosão populacional, que justifica o aparecimento de novos bairros extra-muros e, concomitantemente, a necessidade de criação de novas freguesias para o serviço religioso de proximidade com os novos habitantes. Importa também realçar o papel que as freguesias desempenham como base para cálculos populacionais – verdadeiro serviço de estatística – sendo de destacar o *Sumário de Lisboa em 1551*, de Cristóvão Rodrigues de Oliveira.

Na sequência da graduação em História de Arte (UNL), José Sarmiento de Matos dedicou-se ao estudo da Arquitetura Civil de Lisboa, alargando sucessivamente a pesquisa olisipográfica a outros campos da realidade urbana. Tem publicado vários títulos sobre a evolução histórica da cidade e participado em cursos e colóquios sobre temas lisboetas.

# As Freguesias de Lisboa

por José Sarmento de Matos



ser essencialmente administrativa, não se prescindiu de fazer a Igreja participar, de forma expressiva, no esquema final adotado e, em especial, na nomenclatura das novas unidades. Ou seja, nunca se separou a freguesia, conceito administrativo, da paróquia, unidade do múnus religioso.

## A estrutura anterior ao terramoto e a reforma Pombalina

Nesta conversa abordar-se-á a continuidade da criação de novas freguesias desde finais do século XVI até ao terramoto de 1755. O processo de reconstrução da cidade e a expansão nas áreas limítrofes, sobretudo a Ocidente, levaram à grande reforma das freguesias de 1769/70, que viria a originar o esquema base vigente até à reforma atualmente em curso. É especialmente interessante seguir com atenção o respeito pelos antigos oragos das freguesias então extintas, que na maioria dos casos foram transferidos para as novas paróquias então criadas.

Na sequência da graduação em História de Arte (UNL), **José Sarmento de Matos** dedicou-se ao estudo da Arquitetura Civil de Lisboa, alargando sucessivamente a pesquisa olisipográfica a outros campos da realidade urbana. Tem publicado vários títulos sobre a evolução histórica da cidade e participado em cursos e colóquios sobre temas lisboetas.

### 4 de março

A Igreja Moçárabe de Lisboa (séc. IV a séc. XII)

### 11 de março

Da reconquista de 1147 à expansão do século XVI

### 18 de março

A estrutura anterior ao terramoto e a reforma Pombalina

### 25 de março

As freguesias modernas e a reforma em curso

O tema das freguesias de Lisboa está na ordem do dia das preocupações recentes dos responsáveis administrativos da cidade. No entanto, essa focagem tem-se centrado sobretudo sobre as esferas políticas e administrativas, deixando na penumbra (quando não no esquecimento) a evolução histórica milenar que conduziu à situação que hoje se tenta repensar.

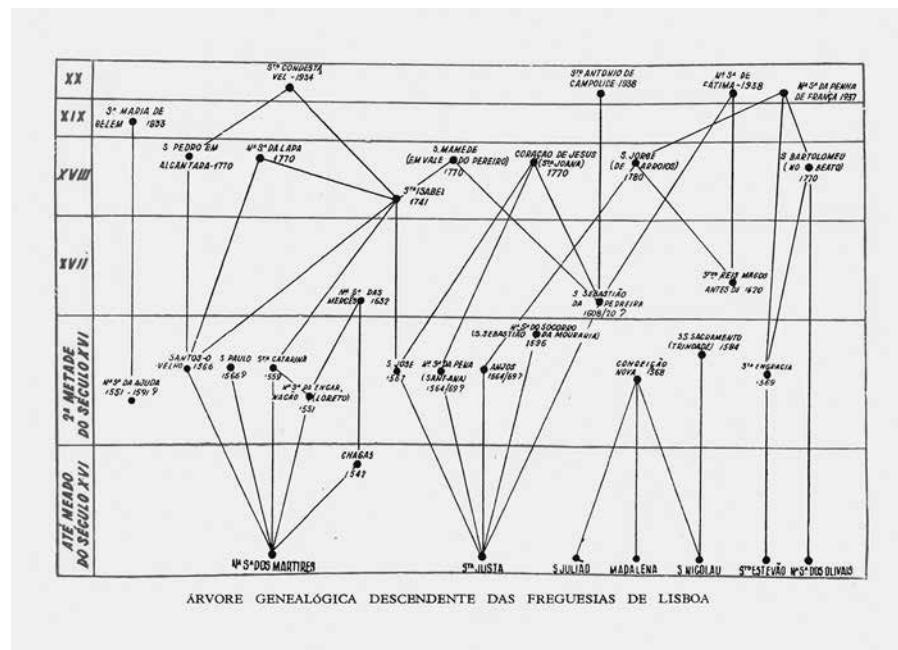
Ora o aparecimento sucessivo das freguesias, com picos de novidade em períodos marcantes da história da cidade – como a renovação após a conquista de 1147 ou a “explosão” demográfica do século XVI –, bem como a sua evolução complexa de fusões ou alteração de órgãos merece uma atenção pormenorizada até se chegar à grande reforma pombalina de 1769/70, a última realizada antes daquela a que hoje assistimos.

São inúmeras e pertinentes as questões que o tema coloca na reflexão sobre a história da cidade, incluindo mesmo a de entender como a preocupação pós liberal, e sobretudo republicana, de separação entre os universos sacros e laicos nunca “se atreveu” a mexer na estrutura das freguesias, ainda hoje referidas às coordenadas da Igreja Católica.

Um tema, pois, que abarca a história de Lisboa numa perspetiva de longa duração, bem como ilumina algumas fragilidades de poderes sempre muito afirmativos. Ainda hoje, apesar da focagem da reforma

# As Freguesias de Lisboa

por José Sarmiento de Matos



**4 de março**

A Igreja Moçárabe de Lisboa (séc. IV a séc. XII)

**11 de março**

Da reconquista de 1147 à expansão do século XVI

**18 de março**

A estrutura anterior ao terramoto e a reforma Pombalina

**25 de março**

As freguesias modernas e a reforma em curso

O tema das freguesias de Lisboa está na ordem do dia das preocupações recentes dos responsáveis administrativos da cidade. No entanto, essa focagem tem-se centrado sobretudo sobre as esferas políticas e administrativas, deixando na penumbra (quando não no esquecimento) a evolução histórica milenar que conduziu à situação que hoje se tenta repensar.

Ora o aparecimento sucessivo das freguesias, com picos de novidade em períodos marcantes da história da cidade – como a renovação após a conquista de 1147 ou a “explosão” demográfica do século XVI –, bem como a sua evolução complexa de fusões ou alteração de órgãos merece uma atenção pormenorizada até se chegar à grande reforma pombalina de 1769/70, a última realizada antes daquela a que hoje assistimos.

São inúmeras e pertinentes as questões que o tema coloca na reflexão sobre a história da cidade, incluindo mesmo a de entender como a preocupação pós liberal, e sobretudo republicana, de separação entre os universos sacros e laicos nunca “se atreveu” a mexer na estrutura das freguesias, ainda hoje referidas às coordenadas da Igreja Católica.

Um tema, pois, que abarca a história de Lisboa numa perspetiva de longa duração, bem como ilumina algumas fragilidades de poderes sempre muito afirmativos. Ainda hoje, apesar da focagem da reforma

ser essencialmente administrativa, não se prescindiu de fazer a Igreja participar, de forma expressiva, no esquema final adotado e, em especial, na nomenclatura das novas unidades. Ou seja, nunca se separou a freguesia, conceito administrativo, da paróquia, unidade do múnus religioso.

**As freguesias modernas e a reforma em curso**

Depois de várias tentativas de mexer no tecido administrativo laico de Lisboa, em especial no período liberal e período republicano, a reforma profunda da orgânica das freguesias de Lisboa vai ser definitivamente posta em prática nas próximas eleições autárquicas a realizar neste ano de 2013. Apesar da tentativa falhada da criação dos Bairros Administrativos, com início ainda no século XIX, no sentido de ultrapassar os condicionamentos colocados pela proliferação de tantas freguesias, muitas delas profundamente alteradas pela respetiva composição social – caso das freguesias da Baixa, por exemplo – aquilo a que se assistiu foi a continuidade de instituição de novas freguesias, especialmente nas zonas de acentuado crescimento urbano periférico. Tornava-se, assim, mais complexa a tarefa de coordenar a multiplicidade de freguesias, muitas desprovidas de suficientes recursos próprios, que atingem o número quase inacreditável de 53.

Esta reforma tenta responder a esta situação insustentável e inoperante, e é proposta desta última conversa discutir com maior proximidade este esforço de voltar a dar às freguesias o importante papel no governo urbano que tiveram noutras épocas da história da cidade.

Na sequência da graduação em História de Arte (UNL), José Sarmiento de Matos dedicou-se ao estudo da Arquitetura Civil de Lisboa, alargando sucessivamente a pesquisa olisipográfica a outros campos da realidade urbana. Tem publicado vários títulos sobre a evolução histórica da cidade e participado em cursos e colóquios sobre temas lisboetas.

# Lisboa: a espessura do Tempo

por João Gomes da Silva



© Duarte Belo

**4 de fevereiro**

**A Natureza da Cidade**

**11 de fevereiro**

**A Paisagem como Transformação**

**18 de fevereiro**

**Paisagem como Construção Cultural**

**25 de fevereiro**

**A Espessura do Tempo**

A conferência *Lisboa: a espessura do Tempo* põe em perspetiva a ideia de que a construção da Cidade de Lisboa enquanto uma forma de Paisagem é um fenómeno que se pode compreender a partir do conhecimento da sua Natureza, da transformação dessa Natureza em Paisagem, da construção da sua Paisagem enquanto fenómeno Cultural e do potencial de desenvolvimento que contém no seu próprio Corpo e Identidade. A aproximação

à complexidade desta forma de Paisagem que se constitui como Cidade é feita de forma não-linear, porque o que resulta do conhecimento a partir de diferentes perspetivas (a Natureza, a Construção, a Cultura e a sua Revelação) não pode jamais ser entendido de forma fragmentada, mas através da sua articulação. Terá a Paisagem da Cidade de Lisboa uma Genética que contem todos estes dados e a explica? Poderá ser entendida enquanto Erupção, Sedimentação e Metamorfose de factos Naturais e Culturais interrelacionados e cristalizados na forma urbana e nas suas dinâmicas? Poderá o desenvolvimento de um novo ciclo histórico, cultural e económico, recriar a sua identidade, poder económico e afirmação cultural, e construir uma Cidade, que é uma Região, que é uma Paisagem Global?

Desenvolvendo-se ao longo de quatro sessões durante o mês de fevereiro, a conferência abordará os temas da

'Natureza da Cidade', da 'Paisagem como Transformação', da 'Paisagem como Construção Cultural' e da 'Espessura do Tempo', procurando introduzir diversas perspetivas de conhecimento acerca da formação da Cidade de Lisboa, da sua Natureza subjacente e presente, da sua receção enquanto fenómeno cultural e coletivo, e do seu potencial de renascimento e transformação, questionando de que forma a sua Identidade pode constituir a principal energia e processo de renascimento.

**João Gomes da Silva** (Lisboa, 1962) é Arquitecto-Paisagista, vive e trabalha em Lisboa e dedica-se à produção de pensamento e espaço de Paisagem. A conferência resulta do seu envolvimento no Laboratório de Paisagem. É professor no Departamento de Arquitectura da Universidade Autónoma de Lisboa, e na Accademia di Architettura di Mendrisio.

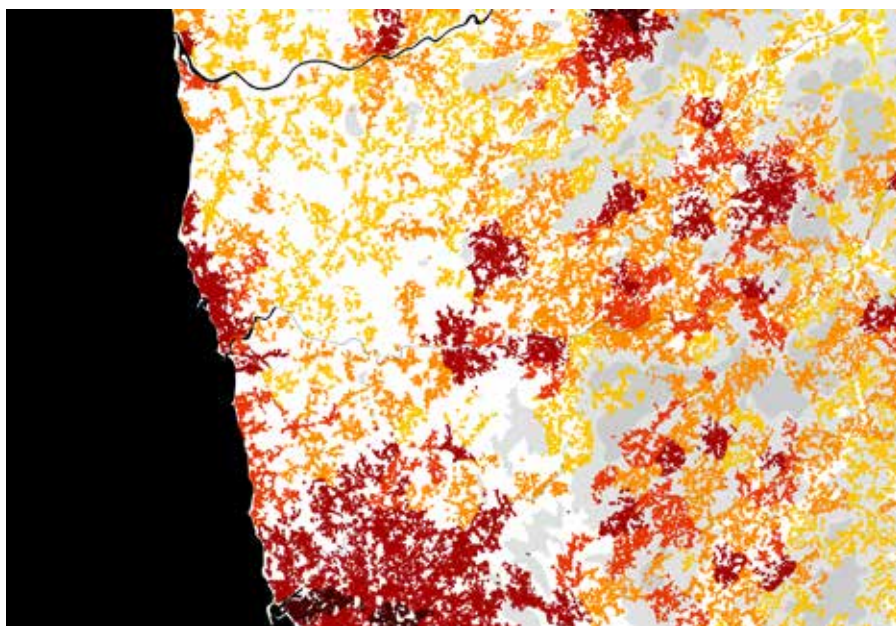
CONFERÊNCIAS SEGUNDAS-FEIRAS 4, 11, 18, 25 DE FEVEREIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO

# O Urbano e a Urbanística

ou os tempos das formas

por Nuno Portas com ilustração de Nuno Travasso

Densidade populacional no sistema metropolitano do Porto, entre Douro e Cávado. CEAU-PAUP, 2012



## 7 de janeiro

### Heranças urbanas e mudanças dos modos de vida

Lugares e mosaicos urbanos

## 14 de janeiro

### Atividades e mobilidades – malhas geradoras

Espaçamentos, traçados

## 21 de janeiro

### Habitats e ecologias – limites e densidades

Tipos e modelos do edificado

## 28 de janeiro

### (Meta)polis e governabilidades

Regulações, compromissos, *empowerments*. A “obra aberta” em tempos de incerteza

As cidades nunca foram iguais mas algumas das suas características mostraram-se, ao longo do tempo, mais constantes ou

mais resilientes do que outras. No entanto tem-se a sensação de que nos últimos dois séculos, sobretudo no último e no hemisfério-norte, se assistiu a ruturas tão profundas e alternativas tão radicais que nos obrigam à reflexão crítica sobre esses resultados que ainda hoje dividem as opiniões públicas além dos especialistas. Eis alguns problemas mais críticos, não só portugueses:

**Na primeira sessão**, evocamos os legados da revolução industrial e comercial nos países mais avançados, confrontando-os com as mudanças dos modos de vida e das formas de urbanização: a perda sucessiva dos limites físicos, a polarização dos aglomerados centrais e as periferias cada vez mais extensivas. Em suma, o dualismo da cidade-com história e da não-cidade sem história reconhecida.

**Na segunda sessão**, perseguimos as mobilidades crescentes de pessoas, bens, informação e energia, causa e consequência da explosão tecnológica, fabril, agrícola

e comercial que se traduziram em sucessivas redes entre e intracidades. A resposta urbanística mais profunda, do século XIX ao XX, reside nas malhas de espaço público que viriam a servir de suportes, funcionais e simbólicos, às diferentes formas da edificação, aos parques... ou seja, da cidade central à extensiva ou às conurbações.

**Na terceira sessão**, avaliamos a edificação que se diversificou em termos de funções e níveis de riqueza: da casa aos bairros, da oficina aos complexos fabris, do comércio aos grandes armazéns e escritórios, ou ainda aos equipamentos sociais, de ciência e educação ou saúde, de lazeres e espetáculos... para todos. É a habitação que constitui a maior massa construída, resultante das mudanças demográficas (saúde, emprego, migrações...) mas também dos modos e estilos de vida dos cidadãos, função dos recursos e culturas que caracterizaram as classes médias crescentes. Confrontamos as formas ou modelos do habitat – casas e espaços comuns – ensaiadas na Europa e em Portugal, na 2.ª metade do século XX. Questionamos os equívocos da densidade urbana, os tipos de promoções públicas e privadas, os limites de participação dos moradores e as suas mobilidades.

**Na quarta e última sessão**, a questão da governança, do papel do Estado como arrumador do crescimento ou reconversão urbanos nas áreas de mudança como as “metapolis” do litoral português. O papel das “estratégias” e “planos” e a gestão local dos “projetos urbanos” e as dificuldades de compatibilização dos diferentes “estados” e destes com promotores e cidadãos. Ou seja, a crescente incerteza dos recursos e impactos, sabendo distinguir o que se impõe como durável e estruturante para a coletividade e o que é apenas provável, acidental ou particularizado: um planeamento a diferentes velocidades.

[Obs. Uma leitura acessível: *Políticas Urbanas I e II*, obra coletiva editada pela F.C. Gulbenkian]

CONFERÊNCIAS SEGUNDAS-FEIRAS 7, 14, 21, 28 DE JANEIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO

## **Heranças urbanas e mudanças dos modos de vida**

Lugares e mosaicos urbanos

Antes de discutir as realidades urbanas da contemporaneidade, vale a pena lembrar as origens milenárias e os legados das aglomerações urbanas nas suas relações, sempre contraditórias, com os habitantes dos campos e das águas entre cidades.

*Polis, Civitas e Urbis*, conceitos da idade clássica, atravessaram séculos de variações dos modelos urbanísticos, mas foram os últimos – os da industrialização e da informação generalizada – que alteraram radicalmente os fatores produtivos, as modalidades, os modos de vida, as expressões culturais e as geografias urbanas. Alterações a que o Portugal retardado não ficaria imune.

Concentrações, expansões ou difusões substituíram-se aceleradamente aos limites antes muralhados, e a seguir aos sucessivos vínculos jurídicos. Redes de comunicação que se multiplicaram, com os seus nós e malhas geradoras de centralidades, ou renovadoras das herdadas, que também mudaram de gentes e serviços (apesar da resiliência e dos privilégios culturais).

Em ambiente dualista, a prioridade das operações de requalificação/readaptação dos espaços coletivos – suportes básicos da cidade herdada e da emergente – exigem políticas complementares que acompanhem os movimentos sócio-económicos e ambientais, programadas em paralelo, passo a passo, reduzindo as disparidades de recursos dos cidadãos e dos poderes locais. Políticas de equilíbrio que não acompanharam os progressos da saúde ou da educação, para não ir mais longe, e que serão objeto das sessões seguintes.

**Nuno Portas** é professor Emérito da Universidade do Porto e coordena o Laboratório de Estudos do Território da mesma universidade. Foi investigador do LNEC (1963-83) em habitação e urbanismo após ter integrado o atelier N. Teotónio Pereira participando em projetos premiados de habitação (Olivais, Restelo) e igrejas (1957-73). Exerceu funções de Secretário de Estado nos três primeiros Governos Provisórios e de vereador na Câmara Municipal de Gaia (1990-94). Foi Professor na ESBAL (1965-71) e, desde 1984, na FAUP

até à jubilação, onde coordenou investigação teórica e aplicada em municípios da Região e no Campus da Universidade de Aveiro. Participou em ações internacionais da ONU, BID e EU e projetos urbanos em Espanha, Itália e Brasil. Publicou três teses e cinco volumes de artigos selecionados. Recebeu o prémio Abercrombie de Urbanismo da UIA 2005.

**Nuno Travasso** é arquiteto e doutorando no Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da FAUP, sendo coautor de *Políticas Urbanas II*, editado pela F.C. Gulbenkian em 2011.

---

CONFERÊNCIAS SEGUNDAS-FEIRAS 7, 14, 21, 28 DE JANEIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO

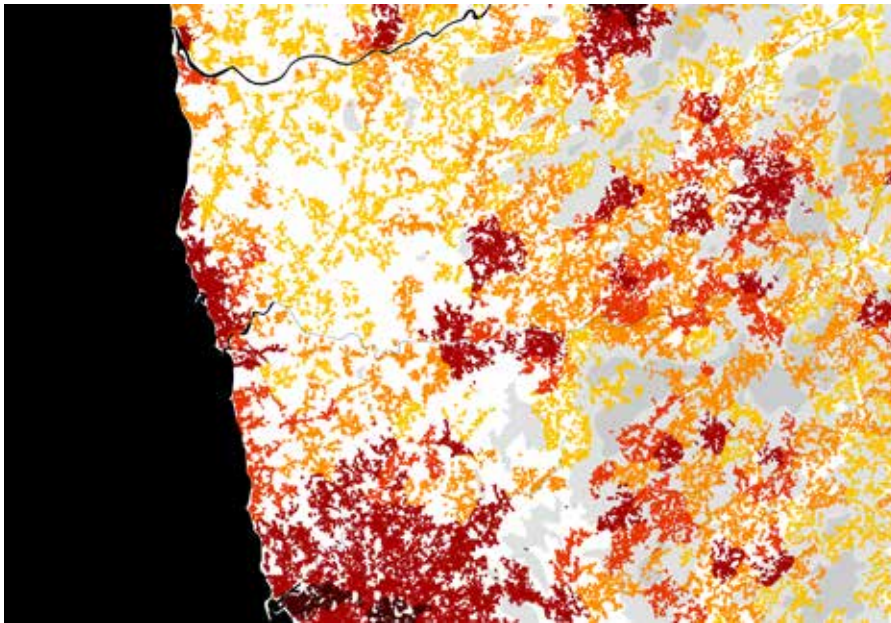
---

# O Urbano e a Urbanística

ou os tempos das formas

por Nuno Portas com ilustração de Nuno Travasso

Densidade populacional no sistema metropolitano do Porto, entre Douro e Cávado. CEAU-PAUP, 2012



**7 de janeiro**

**Heranças urbanas e mudanças dos modos de vida**

Lugares e mosaicos urbanos

**14 de janeiro**

**Atividades e mobilidades – malhas geradoras**

Espaçamentos, traçados

**21 de janeiro**

**Habitats e ecologias – limites e densidades**

Tipos e modelos do edificado

**28 de janeiro**

**(Meta)polis e governabilidades**

Regulações, compromissos, *empowerments*. A “obra aberta” em tempos de incerteza

As cidades nunca foram iguais mas algumas das suas características mostraram-se, ao longo do tempo, mais constantes ou

mais resilientes do que outras. No entanto tem-se a sensação de que nos últimos dois séculos, sobretudo no último e no hemisfério-norte, se assistiu a ruturas tão profundas e alternativas tão radicais que nos obrigam à reflexão crítica sobre esses resultados que ainda hoje dividem as opiniões públicas além dos especialistas. Eis alguns problemas mais críticos, não só portugueses:

**Na primeira sessão**, evocamos os legados da revolução industrial e comercial nos países mais avançados, confrontando-os com as mudanças dos modos de vida e das formas de urbanização: a perda sucessiva dos limites físicos, a polarização dos aglomerados centrais e as periferias cada vez mais extensivas. Em suma, o dualismo da cidade-com história e da não-cidade sem história reconhecida.

**Na segunda sessão**, perseguimos as mobilidades crescentes de pessoas, bens, informação e energia, causa e consequência da explosão tecnológica, fabril, agrícola

e comercial que se traduziram em sucessivas redes entre e intracidades. A resposta urbanística mais profunda, do século XIX ao XX, reside nas malhas de espaço público que viriam a servir de suportes, funcionais e simbólicos, às diferentes formas da edificação, aos parques... ou seja, da cidade central à extensiva ou às conurbações.

**Na terceira sessão**, avaliamos a edificação que se diversificou em termos de funções e níveis de riqueza: da casa aos bairros, da oficina aos complexos fabris, do comércio aos grandes armazéns e escritórios, ou ainda aos equipamentos sociais, de ciência e educação ou saúde, de lazeres e espetáculos... para todos. É a habitação que constitui a maior massa construída, resultante das mudanças demográficas (saúde, emprego, migrações...) mas também dos modos e estilos de vida dos cidadãos, função dos recursos e culturas que caracterizaram as classes médias crescentes. Confrontamos as formas ou modelos do habitat – casas e espaços comuns – ensaiadas na Europa e em Portugal, na 2.ª metade do século XX. Questionamos os equívocos da densidade urbana, os tipos de promoções públicas e privadas, os limites de participação dos moradores e as suas mobilidades.

**Na quarta e última sessão**, a questão da governança, do papel do Estado como arrumador do crescimento ou reconversão urbanos nas áreas de mudança como as “metapolis” do litoral português. O papel das “estratégias” e “planos” e a gestão local dos “projetos urbanos” e as dificuldades de compatibilização dos diferentes “estados” e destes com promotores e cidadãos. Ou seja, a crescente incerteza dos recursos e impactos, sabendo distinguir o que se impõe como durável e estruturante para a coletividade e o que é apenas provável, acidental ou particularizado: um planeamento a diferentes velocidades.

[Obs. Uma leitura acessível: *Políticas Urbanas I e II*, obra coletiva editada pela F.C. Gulbenkian]

CONFERÊNCIAS SEGUNDAS-FEIRAS 7, 14, 21, 28 DE JANEIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO

## Atividades e mobilidades – malhas geradoras

Espaçamentos, traçados

A prioridade que atribuímos às malhas do espaço público como elementos de suporte e ordenação das aglomerações urbanas justifica-se pela abrangência das mobilidades que servem.

As mobilidades foram decisivas para a saga da urbanística contemporânea, como causa e como consequência. Causa, porque surpreenderam quase sempre as ideias feitas dos urbanistas, pelas ondas sucessivas de inovação e produção dos meios de deslocação e comunicação (materiais e imateriais) de que as indústrias e comércio se aproveitaram e os modos de vida emergentes se serviram; assim como os surpreenderam pelos excessos de competitividade dos modos de transporte que se impuseram aos próprios estados, com a consequente desregulação das estruturas e espaços urbanos e ambientais. Consequência, porque a industrialização e terciarização deslocariam os empregos e as famílias em sucessivas ondas para acederem a melhores oportunidades nas aglomerações emergentes.

A passagem das áreas metropolitanas às metapolitanas, verificada nas últimas décadas, só foi possível pelas ofertas de mobilidade. Uma profunda transformação nas relações espaço/tempo/custo, promovida pelas novas redes urbanas, que expandiu áreas de proximidade, multiplicou centralidades e alargou assentamentos humanos “entre-cidades”. Em suma, novas geografias e demografias dos territórios que desafiam os modelos estáticos praticados anteriormente.

Esta dinâmica urbana, de escala transnacional, merece uma reflexão crítica sobre os custos – materiais, sociais e culturais – das tendências de “concentração des-concentrada”, das novas terras e paisagens e dos consumos ecológicos comparativos...

As políticas locais, sobretudo em regiões de economias frágeis, são especialmente sensíveis aos nivelamentos e às pressões transnacionais, que dificilmente poderão ou quererão assumir sem perdas maiores das suas própria histórias e especificidade.

Leituras propostas:

ASCHER, François – *Metapolis: Acerca do*

*futuro da cidade*. Oeiras: Celta Editora, 1998.  
ASCHER, François; APEL-MULLER, Mireille (ed) – *La rue est à nous...tous! : The street belongs to all of us*. Vauvert (Gard):

Au Diable Vauvert, 2007.

DOMINGUES, Álvaro – *A Rua da Estrada*. Porto: Dafne Editora, 2009.

**Nuno Portas** é professor Emérito da Universidade do Porto e coordena o Laboratório de Estudos do Território da mesma universidade. Foi investigador do LNEC (1963-83) em habitação e urbanismo após ter integrado o atelier N. Teotónio Pereira participando em projetos premiados de habitação (Olivais, Restelo) e igrejas (1957-73). Exerceu funções de Secretário de Estado nos três primeiros Governos Provisórios e de vereador na Câmara Municipal de Gaia (1990-94). Foi Professor na ESBAL (1965-71) e, desde 1984, na FAUP até à jubilação, onde coordenou investigação teórica e aplicada em municípios da Região e no Campus da Universidade de Aveiro. Participou em ações internacionais da ONU, BID e EU e projetos urbanos em Espanha, Itália e Brasil. Publicou três teses e cinco volumes de artigos selecionados. Recebeu o prémio Abercrombie de Urbanismo da UIA 2005.

**Nuno Travasso** é arquiteto e doutorando no Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da FAUP, sendo coautor de *Políticas Urbanas II*, editado pela F.C. Gulbenkian em 2011.

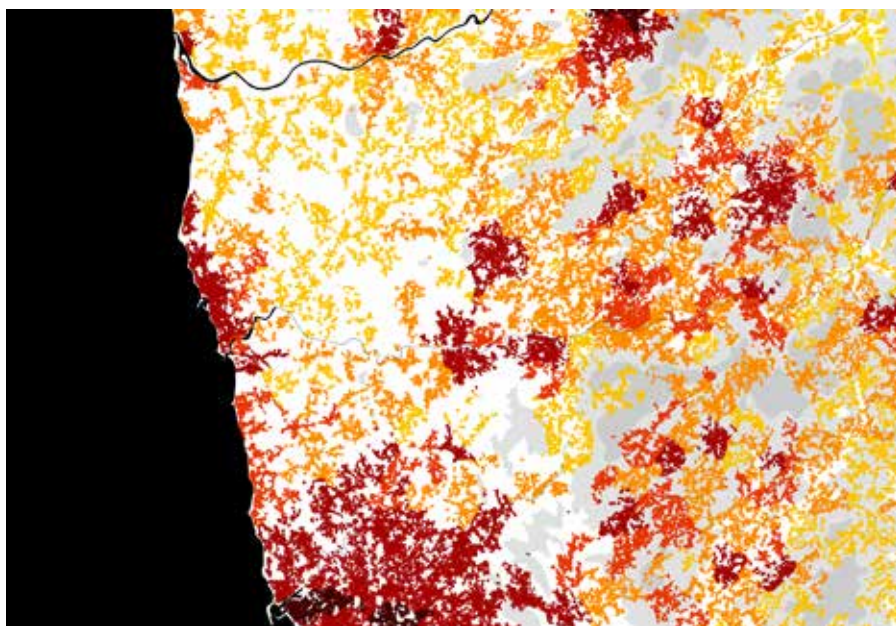
CONFERÊNCIAS SEGUNDAS-FEIRAS 7, 14, 21, 28 DE JANEIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO

# O Urbano e a Urbanística

## ou os tempos das formas

por Nuno Portas com ilustração de Nuno Travasso

Densidade populacional no sistema metropolitano do Porto, entre Douro e Cávado. CEAU-PAUP, 2012



**7 de janeiro**

**Heranças urbanas e mudanças dos modos de vida**

Lugares e mosaicos urbanos

**14 de janeiro**

**Atividades e mobilidades – malhas geradoras**

Espaçamentos, traçados

**21 de janeiro**

**Habitats e ecologias – limites e densidades**

Tipos e modelos do edificado

**28 de janeiro**

**(Meta)polis e governabilidades**

Regulações, compromissos, *empowerments*. A “obra aberta” em tempos de incerteza

As cidades nunca foram iguais mas algumas das suas características mostraram-se, ao longo do tempo, mais constantes ou

mais resilientes do que outras. No entanto tem-se a sensação de que nos últimos dois séculos, sobretudo no último e no hemisfério-norte, se assistiu a ruturas tão profundas e alternativas tão radicais que nos obrigam à reflexão crítica sobre esses resultados que ainda hoje dividem as opiniões públicas além dos especialistas. Eis alguns problemas mais críticos, não só portugueses:

**Na primeira sessão**, evocamos os legados da revolução industrial e comercial nos países mais avançados, confrontando-os com as mudanças dos modos de vida e das formas de urbanização: a perda sucessiva dos limites físicos, a polarização dos aglomerados centrais e as periferias cada vez mais extensivas. Em suma, o dualismo da cidade-com história e da não-cidade sem história reconhecida.

**Na segunda sessão**, perseguimos as mobilidades crescentes de pessoas, bens, informação e energia, causa e consequência da explosão tecnológica, fabril, agrícola

e comercial que se traduziram em sucessivas redes entre e intracidades. A resposta urbanística mais profunda, do século XIX ao XX, reside nas malhas de espaço público que viriam a servir de suportes, funcionais e simbólicos, às diferentes formas da edificação, aos parques... ou seja, da cidade central à extensiva ou às conurbações.

**Na terceira sessão**, avaliamos a edificação que se diversificou em termos de funções e níveis de riqueza: da casa aos bairros, da oficina aos complexos fabris, do comércio aos grandes armazéns e escritórios, ou ainda aos equipamentos sociais, de ciência e educação ou saúde, de lazeres e espetáculos... para todos. É a habitação que constitui a maior massa construída, resultante das mudanças demográficas (saúde, emprego, migrações...) mas também dos modos e estilos de vida dos cidadãos, função dos recursos e culturas que caracterizaram as classes médias crescentes. Confrontamos as formas ou modelos do habitat – casas e espaços comuns – ensaiadas na Europa e em Portugal, na 2.ª metade do século XX. Questionamos os equívocos da densidade urbana, os tipos de promoções públicas e privadas, os limites de participação dos moradores e as suas mobilidades.

**Na quarta e última sessão**, a questão da governança, do papel do Estado como arrumador do crescimento ou reconversão urbanos nas áreas de mudança como as “metapolis” do litoral português. O papel das “estratégias” e “planos” e a gestão local dos “projetos urbanos” e as dificuldades de compatibilização dos diferentes “estados” e destes com promotores e cidadãos. Ou seja, a crescente incerteza dos recursos e impactos, sabendo distinguir o que se impõe como durável e estruturante para a coletividade e o que é apenas provável, acidental ou particularizado: um planeamento a diferentes velocidades.

[Obs. Uma leitura acessível: *Políticas Urbanas I e II*, obra coletiva editada pela F.C. Gulbenkian]

CONFERÊNCIAS SEGUNDAS-FEIRAS 7, 14, 21, 28 DE JANEIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO

## Habitats e ecologias – limites e densidades

Tipos e modelos do edificado

O espaço público – aquele que serve – e os espaços edificados – aqueles que são servidos – são complementares (mais ou menos diretos). Foram tratados em separado porque não são necessariamente simultâneos nem terão a mesma durabilidade.

O edificado compreende não só o alojamento como os espaços do trabalho – dos serviços, da indústria e da logística – e também os equipamentos da educação, ciência, saúde ou lazer.

Na medida em que as aglomerações se puderam alargar (e motorizar), as diferentes componentes urbanas ganharam espaços próprios, baixando notoriamente as densidades edificadas, independentemente das suas altas volumetrias. Prática que resultou, frequentemente, em consideráveis custos de acessibilidades e dificuldades de manutenção dos espaços entre edifícios, nomeadamente em casos de conjuntos residenciais de baixas rendas. Soluções tipológicas de “baixa altura / alta densidade” podem ser alternativas mais razoáveis, de dimensões variáveis – quer se trate de colmatação ou extensão.

Por outro lado, as situações de urbanização extensiva podem explicar significativas concentrações de maior densidade de serviços aproveitando os nós viários; como o são os casos dos “campus” de ciência e tecnologia, recintos de espetáculos, desportos e exposições, ou centros comerciais.

A cidade extensiva, ou metápolis – no sentido de François Ascher – assenta em *malhas* de velocidades adequadas e com os nós necessários e suficientes para aceder, com a requerida eficiência em termos de tempo e custos, às múltiplas atividades suportadas, deixando espaços de incerteza futura, mas também áreas paisagísticas que os enquadram e que se querem bem definidas e trabalhadas (áreas florestais, agrícolas, hídricas, etc.).

Em paralelo, interessa à metápolis e às cidades singulares, relativamente isoladas, uma persistente assistência no apoio à reabilitação das heranças edificadas, começando nos espaços públicos e nas misturas razoáveis das ocupações sociais e de serviços compatíveis.

Leituras propostas:

ASCHER, François – *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: Um Léxico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João – *Políticas Urbanas 2: Transfor-mações, Regulação e Projectos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

SALGADO, Manuel; LOURENÇO, Nuno (coord.) – *Atlas Urbanístico de Lisboa*. Lisboa: Argumentum, 2006.

**Nuno Portas** é professor Emérito da Universidade do Porto e coordena o Laboratório de Estudos do Território da mesma universidade. Foi investigador do LNEC (1963-83) em habitação e urbanismo após ter integrado o atelier N. Teotónio Pereira participando em projetos premiados de habitação (Olivais, Restelo) e igrejas (1957-73). Exerceu funções de Secretário de Estado nos três primeiros Governos Provisórios e de vereador na Câmara Municipal de Gaia (1990-94). Foi Professor na ESBAL (1965-71) e, desde 1984, na FAUP até à jubilação, onde coordenou investigação teórica e aplicada em municípios da Região e no Campus da Universidade de Aveiro. Participou em ações internacionais da ONU, BID e EU e projetos urbanos em Espanha, Itália e Brasil. Publicou três teses e cinco volumes de artigos selecionados. Recebeu o prémio Abercrombie de Urbanismo da UIA 2005.

**Nuno Travasso** é arquiteto e doutorando no Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da FAUP, sendo coautor de *Políticas Urbanas II*, editado pela F.C. Gulbenkian em 2011.

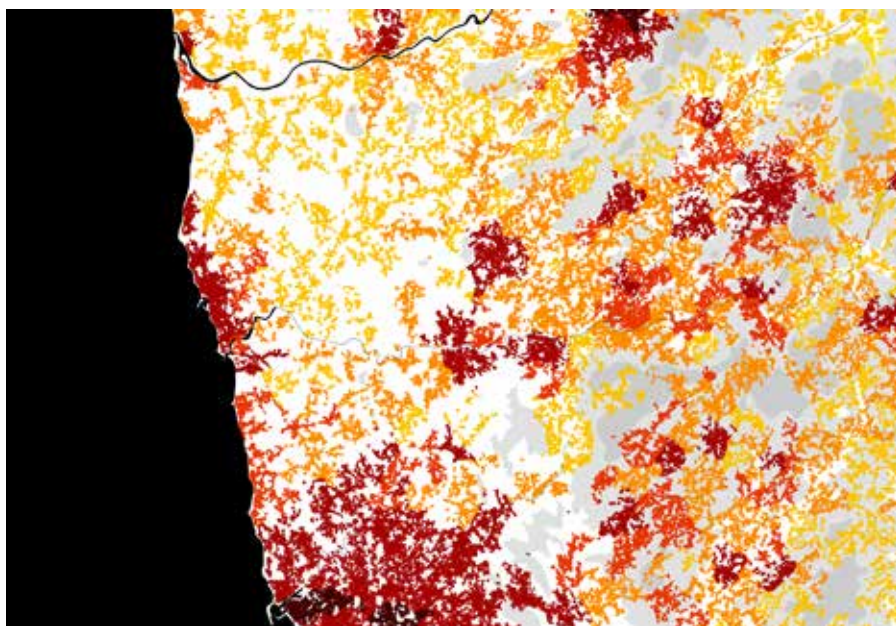
CONFERÊNCIAS SEGUNDAS-FEIRAS 7, 14, 21, 28 DE JANEIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO

# O Urbano e a Urbanística

ou os tempos das formas

por Nuno Portas com ilustração de Nuno Travasso

Densidade populacional no sistema metropolitano do Porto, entre Douro e Cávado. CEAU-PAUP, 2012



**7 de janeiro**

**Heranças urbanas e mudanças dos modos de vida**

Lugares e mosaicos urbanos

**14 de janeiro**

**Atividades e mobilidades – malhas geradoras**

Espaçamentos, traçados

**21 de janeiro**

**Habitats e ecologias – limites e densidades**

Tipos e modelos do edificado

**28 de janeiro**

**(Meta)polis e governabilidades**

Regulações, compromissos, *empowerments*. A “obra aberta” em tempos de incerteza

As cidades nunca foram iguais mas algumas das suas características mostraram-se, ao longo do tempo, mais constantes ou

mais resilientes do que outras. No entanto tem-se a sensação de que nos últimos dois séculos, sobretudo no último e no hemisfério-norte, se assistiu a ruturas tão profundas e alternativas tão radicais que nos obrigam à reflexão crítica sobre esses resultados que ainda hoje dividem as opiniões públicas além dos especialistas. Eis alguns problemas mais críticos, não só portugueses:

**Na primeira sessão**, evocamos os legados da revolução industrial e comercial nos países mais avançados, confrontando-os com as mudanças dos modos de vida e das formas de urbanização: a perda sucessiva dos limites físicos, a polarização dos aglomerados centrais e as periferias cada vez mais extensivas. Em suma, o dualismo da cidade-com história e da não-cidade sem história reconhecida.

**Na segunda sessão**, perseguimos as mobilidades crescentes de pessoas, bens, informação e energia, causa e consequência da explosão tecnológica, fabril, agrícola

e comercial que se traduziram em sucessivas redes entre e intracidades. A resposta urbanística mais profunda, do século XIX ao XX, reside nas malhas de espaço público que viriam a servir de suportes, funcionais e simbólicos, às diferentes formas da edificação, aos parques... ou seja, da cidade central à extensiva ou às conurbações.

**Na terceira sessão**, avaliamos a edificação que se diversificou em termos de funções e níveis de riqueza: da casa aos bairros, da oficina aos complexos fabris, do comércio aos grandes armazéns e escritórios, ou ainda aos equipamentos sociais, de ciência e educação ou saúde, de lazeres e espetáculos... para todos. É a habitação que constitui a maior massa construída, resultante das mudanças demográficas (saúde, emprego, migrações...) mas também dos modos e estilos de vida dos cidadãos, função dos recursos e culturas que caracterizaram as classes médias crescentes. Confrontamos as formas ou modelos do habitat – casas e espaços comuns – ensaiadas na Europa e em Portugal, na 2.ª metade do século XX. Questionamos os equívocos da densidade urbana, os tipos de promoções públicas e privadas, os limites de participação dos moradores e as suas mobilidades.

**Na quarta e última sessão**, a questão da governança, do papel do Estado como arrumador do crescimento ou reconversão urbanos nas áreas de mudança como as “metapolis” do litoral português. O papel das “estratégias” e “planos” e a gestão local dos “projetos urbanos” e as dificuldades de compatibilização dos diferentes “estados” e destes com promotores e cidadãos. Ou seja, a crescente incerteza dos recursos e impactos, sabendo distinguir o que se impõe como durável e estruturante para a coletividade e o que é apenas provável, acidental ou particularizado: um planeamento a diferentes velocidades.

[Obs. Uma leitura acessível: *Políticas Urbanas I e II*, obra coletiva editada pela F.C. Gulbenkian]

CONFERÊNCIAS SEGUNDAS-FEIRAS 7, 14, 21, 28 DE JANEIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO

## (Meta)polis e governabilidades

Regulações, compromissos, *empowerments*. A “obra aberta” em tempos de incerteza

Procurámos, nas sessões anteriores, mostrar como, desde os tempos antigos às mais recentes e diferentes geografias, as dinâmicas urbanas e os poderes / saberes sobre as cidades e suas aglomerações sempre responderam às necessidades emergentes com diferentes tipos de formas e processos de governação.

O último século expôs-nos a ruturas tão profundas – das técnicas, economias, demografias, culturas e governações – que ainda estamos longe de consensos urbanísticos alargados e duráveis. Por outro lado, a incerteza de longo prazo que enfrentamos – tal a rapidez das mudanças, o espanto face às hipóteses em presença – tem evidenciado as fragilidades dos nossos modelos de governância.

Como um hipertexto em movimento onde, em vez das certezas e consensos, procuramos por “tentativa-e-erro” escolher os projetos com mais probabilidades de consistência ou realismo que só o futuro dirá se vêm para ficar: a cidade líquida?

A situação presente no ambiente europeu, e não só, tem-se revelado instável, quer por parte dos poderes reguladores em presença, quer por parte dos múltiplos atores da sociedade civil.

\* \* \*

Há mais de meio século que se procuram formas de regulação minimamente eficazes: por um lado, a salvaguarda ecológica, por outro a conjugação, no espaço e no tempo, dos investimentos sectoriais que suportam os desenvolvimentos urbanos. As práticas reguladoras têm sido experimentadas com “propostas estratégicas” que se esperam amplas e duráveis, com “planos regionais ou locais” de média duração e com “projetos urbanos” parcelares de execução com prazos à vista; sob responsabilidades de entidades regionais, supramunicipais ou locais.

Hoje sabemos que as sobreposições, de tempos e espaços, destes instrumentos não têm sido tão eficazes quanto se desejava. As diferentes durações dos mandatos políticos levaram a interrupções ou divergências com prejuízos no investimento e na conclu-

são dos processos: as práticas democráticas também têm os seus custos...

Outra questão polémica – que, na Europa, divide Norte e Sul – é a do grau de imposição legal que caracteriza os instrumentos de planeamento: disposições formais rígidas, ou critérios para compromissos e situações imprevistas. O que suporia quadros qualificados e responsáveis nos níveis locais e regionais.

\* \* \*

Finalmente, a questão da governança “metropolitana” que, no caso português, soma mais de metade da população do continente, com tendências multipolares em ambas as áreas metropolitanas crescidas ao longo das faixas marítimas ou fluviais. De facto, e independentemente da adiada regionalização com distintas atribuições, as cidades extensivas carecem de governação em dois níveis: o nível municipal e o nível referente ao conjunto metropolitano, responsável pelas crescentes funções “transversais” que ultrapassam a simples coordenação das partes, em que se tem vivido: sistemas ambientais, de mobilidade, de serviços sociais e educativos, de segurança, de reequilíbrio dos habitats. Sistemas que hoje exigem estratégias e projetos territoriais que ultrapassem a soma das vontades locais além de substituírem dependências dos serviços centrais.

\* \* \*

O governo – duplo, nos casos metropolitanos – que emana dos resultados das eleições diretas tem legitimidade soberana para tomar decisões sobre os instrumentos de planeamento e aplicações dos recursos financeiros. Mas dada a subjetividade e incerteza das decisões – que também se estende às opções técnicas e culturais – as expressões de sociedade civil não devem ser subestimadas: é o “grau 0” da participação e da cidadania.

Mas a participação não se limita ao protesto ou aplauso. Referimo-nos às situações de parcerias ativas, de cumplicidade e apoios materiais ou de gestão de iniciativas dirigidas aos próprios destinatários dos projetos, facilitando a sua viabilidade ou prioridade.

O conceito de *empowerment* (John Friedman), de difícil tradução, com o significado de parceria ou partilha de poder em

ações que o justifiquem, merecem a atenção e avaliação dos resultados que poderão generalizar-se ampliando benefícios e os recursos disponíveis.

Leituras propostas

BOURDIN, Alain – *O Urbanismo Depois da Crise*. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.

FERRÃO, João – *O Ordenamento do Território como Política Pública*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João – *Políticas Urbanas 2: Transfor-mações, Regulação e Projectos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

**Nuno Portas** é professor Emérito da Universidade do Porto e coordena o Laboratório de Estudos do Território da mesma universidade. Foi investigador do LNEC (1963-83) em habitação e urbanismo após ter integrado o atelier N. Teotónio Pereira participando em projetos premiados de habitação (Olivais, Restelo) e igrejas (1957-73). Exerceu funções de Secretário de Estado nos três primeiros Governos Provisórios e de vereador na Câmara Municipal de Gaia (1990-94). Foi Professor na ESBAL (1965-71) e, desde 1984, na FAUP até à jubilação, onde coordenou investigação teórica e aplicada em municípios da Região e no Campus da Universidade de Aveiro. Participou em ações internacionais da ONU, BID e EU e projetos urbanos em Espanha, Itália e Brasil. Publicou três teses e cinco volumes de artigos selecionados. Recebeu o prémio Abercrombie de Urbanismo da UIA 2005.

**Nuno Travasso** é arquiteto e doutorando no Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da FAUP, sendo coautor de *Políticas Urbanas II*, editado pela F.C. Gulbenkian em 2011.

CONFERÊNCIAS SEGUNDAS-FEIRAS 7, 14, 21, 28 DE JANEIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO